REVISTA DA SEMANA

JOGOS INFANTIS DE 53

MORRERAM PELA LIBERDADE!

PIER ANGELI NO BRASIL

SANTO ANDRÉ FÊZ 400 ANOS



GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, máquina de costura, liquidificador e muitas outras coisas úteis.



Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no

Álbum Revista da Semana



ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista», bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

●

Realização da **BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio**

A angelical Pier Angeli e Debbie Reynolds, tendo entre elas Carlton Carpenter, chegando ao aeroporto de Santos Dumont. Nas extremidades são vistos José Lewgoy e Dick Farney. Foi grande a recepção aos artistas de Hollywood.



DUAS ESTRÊLAS E UM ASTRO

CHEGARAM A DEZ DE ABRIL E NOS DEIXARAM COM SAUDADES ★ PIER ANGELI É AINDA MAIS LINDA DO QUE NA TELA ★ DEBBIE REYNOLDS, UM BROTINHO ENCANTADOR ★ CARLTON CARPENTER RECEBEU UMA PENCA DE BANANAS, COMO PRESENTE

O Rio hospedou, por alguns dias, três nomes que já conseguiram muitos fãs entre as platéias do país: Pier Angeli, Debbie Reynolds e Carlton Carpenter. Vieram êles de S. Paulo, chegando ao aeroporto de Santos Dumont, às cinco da tarde, do dia 11. Era grande o número de seus admiradores naquela estação de pouso de nosso tráfego aéreo, repetindo-se o que sempre sucede em tais ocasiões: confusão, tumulto, polícia-especial, apertos e sufocações, tudo isso entre

Pier Angeli (a doce Teresa), sorridente, distribui autógrafos aos fãs que a «afogavam» por todos os lados, no «cocktail» oferecido no Hotel Glória. E ela suportou a «ofensiva», a sorrir.



Depois das apresentações e do contato com os fãs, os três artistas de Hollywood foram levados à piscina do hotel, a fim de assistirem a uma das mais divertidas exibições aquáticas: — «aqua-loucos». E vejam como os nossos visitantes gozaram com as diabruras.

abraços, sorrisos, fotógrafos, solicitadores de autógrafos, exclamações e outros números dêsse cortejo sempre o mesmo. Serenada a situação, os nossos hóspedes foram para o hotel em que se hospedaram, para o necessário descanso e preparação para outro dia de angústias, o dia onze, quando estava anunciado um «cocktail». E em que dia! Um sábado! A getileza dos artistas se realizou no terraço do Hotel Glória. Tomaram parte no mesmo, jornalistas, críticos cinematográficos, fãs, artistas do nosso cinema, destacando-se dêsse elenco Fada Santoro, Dick Farney, José Lewgoy, Cyl Farney, Tônia Carrero, Patricia Lacerda, Maria Fernanda, Ivon Cury, Raul Roulien, Josette Bertal, etc., dando um magnífico ar de festa à recepção. E' fácil de imaginar o que foi a avalanche de fãs que desejavam possuir assinaturas dos astros que nos visitavam. Pier Angeli não podia atender a todos os pedidos. Com aquela fisionomia verdadeiramente **angélica**, de uma doçura divinal, não havia quem não desejasse possuir uma fotografia sua ou, pelo menos, a sua assinatura. Apesar dos arrochos e aperturas, os astros sitiados de leste a oeste e de sul a norte, corresponderam a quantos pediam, ansiosos, uma prova de sua passagem pelo Rio. Para aliviar a «batalha» dos autógrafos **(Cont. na pág. 40)**







José Lewgoy, Dick Farney e Carlton Carpenter em animada palestra. Na outra foto, Carpenter atende à solicitação de numerosas fãs. Por fim, Pier Angeli, Debbie Reynolds, Cyl Farney e Josette Bertal, acompanham as exibições dos «aqua-loucos».

DUAS ESTRÊLAS E UM ASTRO

OS ASTROS EM SÃO PAULO



Flagrante do momento em que Pier visitava o «set» de «A Família Lero-Lero», que Alberto Pieralisi dirigia com o Walter D'Ávila.



Confraternização no almôço da Vera Cruz, vendo-se: F. de Barros, D. Reynolds, Ruth de Sousa, Marisa Prado e nossa representante.



Banana é fruta rara e cara em Hollywood, por isso, Ricardo Campos teve a idéia de oferecer uma penca ao astro Carlton Carpenter.



Debbie Reynolds, típico brotinho americano, olhos verdes, cabelos louros, pele alva e viva, muito comuncativa, delicada e simpática.



Carlton Carpenter é um jovem astro de muitos méritos, e que a todos impressionou pelo seu gênio alegre, verdadeiro amigo para «topar tudo».

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 18 ★ 2-5-53

SUMÁRIO:

Duas estrêlas e um astro 3/ 6
Maratona de inteligência e cultura 16/19
Jogos infantis 25/29
Santa André fêz 400 anos 36/37
O Rei turista 36/37
Morreram pela ressurreição da liberdade 48/53

●

«O Cangaceiro» visto por um nordestino 7
O estôjo de ébano (conto) 11/38
A Bem-Amada (romance) 12/13
O regresso de João Bartok (conto) 14/38
Rabelais e o Brasil 15
Semana Literária 35

●

A semana em revista 9
A personagem da semana 10
A Revista há 50 anos 10
Janela sôbre o mundo 20/21
Conta-me teus sonhos 22
Êste mundo e o outro 23
Correio da Revista 38
Passatempo 41
Último flash 54

●

Arabelle (folhetim) 39
À saúde do bebê 22
Das seis à meia-noite 43
Novos modelos 44/45
Week-end na cozinha 46
Aprenda a descansar 47
Sugestões para o lar 47

●

CAPA: **Corinne Calvet** (Foto T.C. Fox)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente. RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224, 6º and., Sala 60.

"O Cangaceiro" visto por um nordestino



TELEGRAMAS da França para a nossa imprensa dizem que o filme "O Cangaceiro" foi muito aplaudido, esperando-se que venha a receber excecional classificação no Festival Cinematográfico Internacional de Cannes. Não é surprêsa, pois essa grande produção da "Vera Cruz" colocou o cinema nacional de longa metragem num andor elevadíssimo, tornando-se visível a todos os olhos. Já não se pode negar que o nosso cinema avançou e atinge posição de grande relêvo. E' pena que Lima Barreto tenha realizado uma obra-prima baseando-a em argumento falso. Se o filme houvesse sido realizado "on location", como costumam fazer os produtores de consciência artística, sem comprometer a realidade, não teria saído para as telas com base na simulação e na mentira de uma época de nossos dias. Mas, mesmo que o produtor-diretor não pudesse ir ao nordeste, apesar de financiado pelo poderoso Banco do Estado de S. Paulo, não seria difícil arranjar "background" e "sets" capazes de dar a impressão de que o filme estava sendo rodado nas caatingas da Paraíba, de Pernambuco, Rio Grande do Norte ou do Ceará. Os decoradores em cinema fazem milagres. Nem seria preciso que todo aquêle elenco vultoso fôsse até ao nordeste. Para que se lançam mão dos truques de montagem, filmando primeiramente os exteriores, os cenários naturais, para depois sobrepor a ação humana? Tão fácil! Afora isso, há uma série imensa de falsidades. Exemplos: cangaceiro nunca andou em caravanas a cavalo. Sempre circulou nas "apragata", uma vez que os animais lhe trariam cangaceiros, desde Antônio Silvino a Lampião, se atrocidades cometeram, tiveram estas cangaceiros, desde Antônio Silvino a Lampeão, se atrocidades cometeram, tiveram estas como origem, vinganças terríveis contra os traidores e seus inimigos, ou ainda por motivo de aplicação da justiça mais severa na pessoa de indivíduos também perversos.

● No "Cangaceiro" aparece um índio... De onde? Do Araguaia? Do Parnaíba? Pura ficção, como, aliás se defende Lima Barreto para evitar crítica justa, prevenindo que o filme não é documentário. Apesar de todos os elogios aos méritos técnicos de que se fêz merecedor, perdemos excelente oportunidade para dar aos próprios brasileiros uma idéia exata sôbre o que era o "cangaceiro" nordestino. Quanto argumento há para um filme dessa natureza, sem mentiras nem simulações, falsidades históricas e mesológicas! Um argumento que dê a origem de um bando no cangaço, com a história trágica e romanceada de seu chefe, aparecendo figuras de mulheres no drama real dos protagonistas, a perseguição policial, os "coiteiros", os cercos, as marchas pelos caminhos do sertão, as vigílias, os combates a rifle de "papo amarelo", a morte pelo sangramento, tudo isto temperado com algo de ficção, mas dentro da maior realidade histórica. As figuras do filme de Lima Barreto se prestariam admiràvelmente. O "Capitão Galdino" está ótimo; Vanja Orico, natural e aproveitabilíssima, e a própria Marisa Prado, contra quem a crítica apontou suas miras devastadoras, daria uma adorável ingênua sertaneja, houvesse a direção dado outro destino àquela história falsíssima. Seria interessante se pudesse exibir a película a Antônio Silvino, Lampião, Jesuíno Brilhante, Meia-Noite e outras "cabras" do cangaço de Sergipe ao Ceará. Como não haveriam de rir de nossa incompetência!

● Até parece o que se passou com Anatole France, quando, certa vez pediram que êle fôsse assistir à estréia de "Le Lis Rouge". Depois da sessão, o escritor perguntou ao cineasta: "Mas... é isso o meu "Le Lis Rouge?" Como estava desfigurado o romance de Anatole! Nem o autor o reconheceria! Assim perguntariam os cangaceiros se vissem o seu homônimo: "Cangaceiro é isto?! Vôte, peste!" E seriam até capazes de dar uma pisa nos mistificadores...

RENATO DE ALENCAR

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:

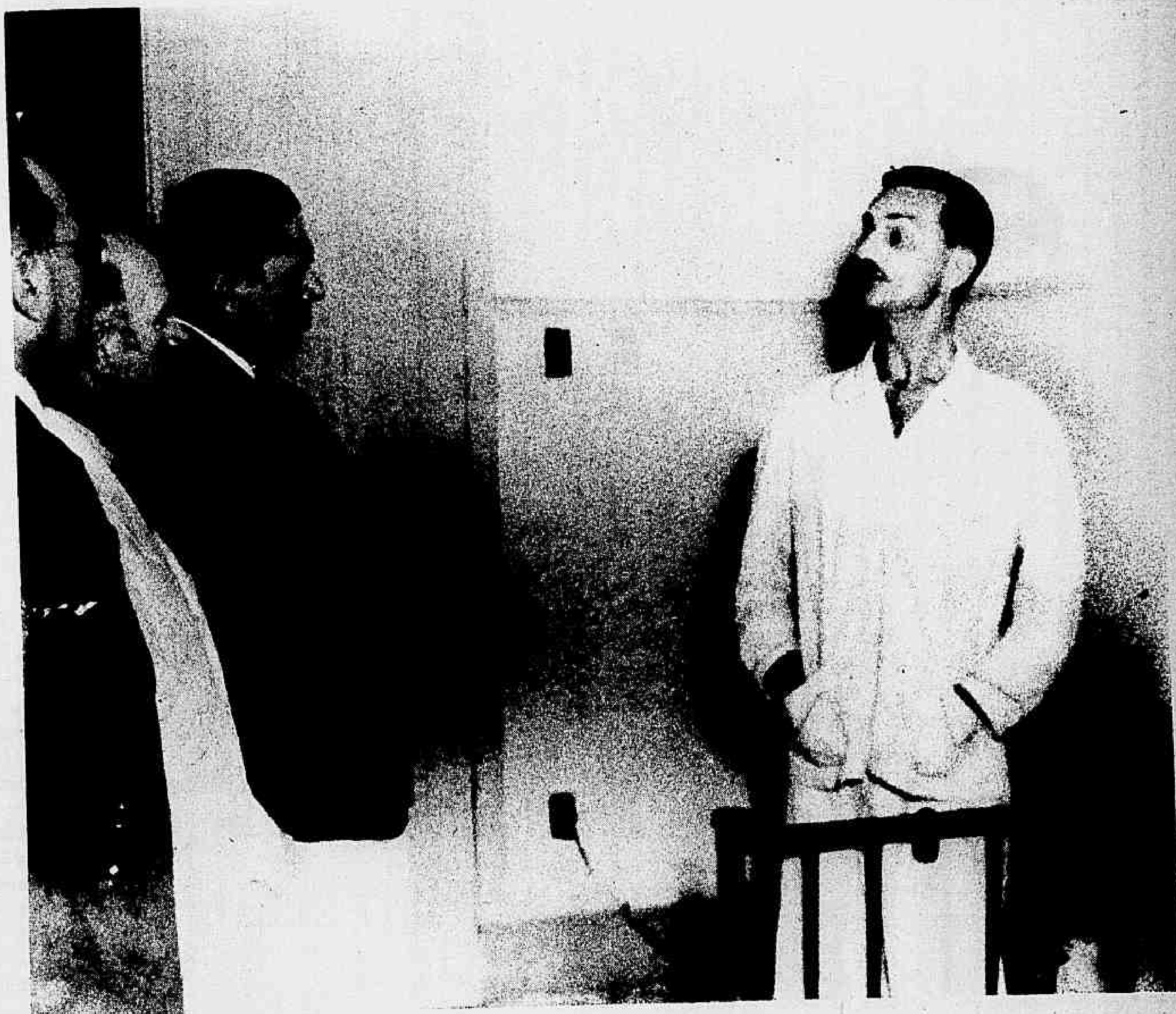


RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

A SEMANA em REVISTA



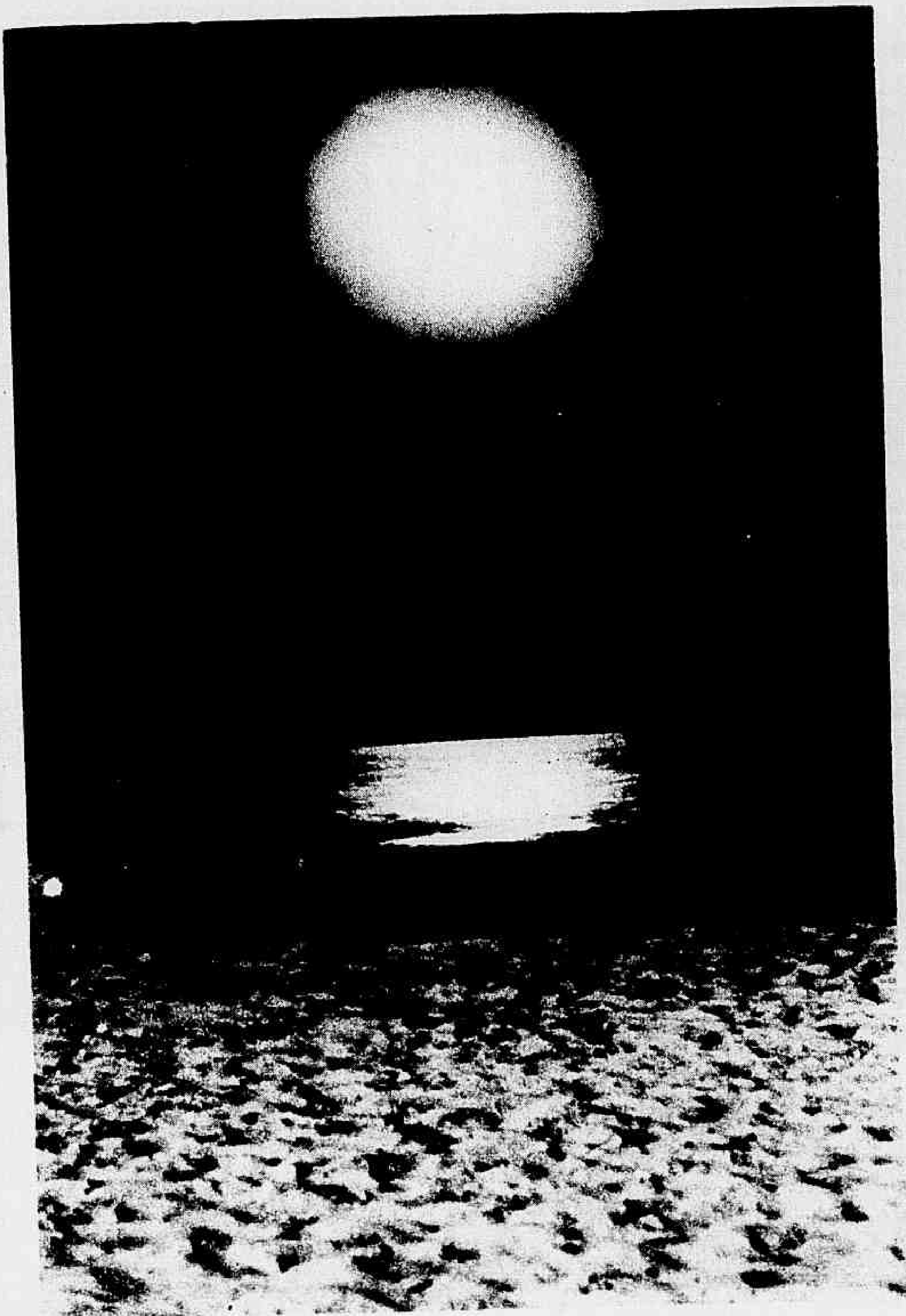
O MAJOR JÚLIO SÉRGIO DE OLIVEIRA, que estava prêso no Regimento Andrade Neves, fêz a greve da fome, como protesto contra o sistema penitenciário que estava sofrendo, incompatível com sua qualidade de oficial do nosso Exército. Sua carta à espôsa despertou comentários na opinião pública e repercutiu no Legislativo Federal, que designou uma comissão de representantes para ir visitar o militar queixoso e promover a mudança de prisão. No flagrante acima vemos o deputado Breno da Silveira acompanhado do sr. Frota Aguiar e de outros legisladores, ouvindo o prêso político. No mesmo dia foi o major transferido para o Regimento Floriano, onde lhe deram tratamento mais compatível com sua patente.

● NUMA DEMONSTRAÇÃO de xadrez no palácio do Govêrno da Bahia, Francisco José, de 6 anos, filho do casal Américo Lisboa, bateu o mestre internacional, Renée Pratt, que se preocupara com a outra das duas partidas, sem atentar na vivacidade do menino. A criança se revelou um grande enxadrista, e os lances do jôgo foram acompanhados com interêsse pelos presentes, inclusive pelo casal Regis Pacheco.

● VELHA ASPPIRAÇÃO que se concretiza. Foram iniciadas as obras para a construção da passagem subterrânea na Avenida Presidente Vargas, ligando a estação D. Pedro II, ao campo de Santana. A importante via de comunicação se destina aos milhares de pedestres, que diàriamente terão necessidade de por ali percorrer.

● NA NOITE de domingo, 19 do corrente mês, ocorreu na Estrada Velha da Pavuna bárbaro crime, no qual perdeu a vida a sexagenária Rosa Cândida. Durvalino Tavares, filho e co-assassino contratou para a desumana empreitada de matar a própria mãe os indivíduos desclassificados: Maurício Viana e Valter das Neves. O desalmado filho chegou ao extremo do matricídio por insinuações de sua espôsa Carolina.

● O ESTADO de insatisfação é geral em todo o território nacional. Por isso pululam as greves. Em Belém continua a greve dos proprietários de ônibus. A cidade está calma, mas o govêrno toma imediatas providências para acabar com a greve, que força o povo a andar a pé. Os proprietários pleiteiam aumento de passagem, o que é considerado um absurdo.



ÀS PRIMEIRAS HORAS da noite de 13 de abril, os habitantes de Copacabana e arredores foram surpreendidos com um espetáculo emocionante. Aviões de bombardeio realizaram exercícios de ataque noturno, seguindo-se o programa com sensacional realismo. Em dado momento foi a escuridão dominada pelo esplendor de um pára-quedas luminoso, cujo foco de luz intensa era como um sol que descesse dos mistérios do céu sôbre a Avenida Atlântica. Num raio de muitos quilômetros a bola incandescente iluminou o mar e a praia, como se pode fazer em plena guerra para descobrir os pontos a atacar, ou onde estão a atuar tropas inimigas. O flagrante desta nota nos dá uma idéia do acontecimento. (Foto Globo.)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

(Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

A PERSONAGEM da SEMANA



O discurso que o Presidente Eisenhower vem de proferir constitui um dos documentos políticos mais felizes dos últimos tempos. E' um apêlo claro, positivo, em favor da paz mundial que ainda repercute intensamente pelo mundo afora. "O mundo em armas" — frisou o Presidente — "não está gastando sòmente dinheiro. Está gastando o suor de seus trabalhadores, o gênio dos seus cientistas, as esperanças de suas crianças". O custo de um moderno bombardeiro pesado é êste: uma moderna escola construída com tijolos em mais de trinta cidades. E ainda: duas usinas de energia elétrica, cada uma servindo a uma cidade de 60 mil habitantes; dois bons hospitais, completamente equipados; cêrca de 50 milhas de estrada de concreto. Pagamos por um único avião de caça, o preço de meio milhão de "busheis" de trigo. Pagamos por um único "destroyer" o preço de novas casas, que poderiam abrigar mais de 8.000 pessoas". E acentuou: "A Rússia pode demonstrar na Europa a sua boa fé da seguinte forma: deixando em liberdade os países satélites para que êstes escolham sua própria forma de govêrno. 2) — Libertando milhares de prisioneiros retidos na Rússia desde o fim da segunda guerra mundial. 3) — Concordando, sem mais demora, com o tratado de paz com a Áustria". O Presidente americano, interpretando o sentimento das nações democráticas, quer fatos e não palavras. E se o seu grande apêlo não surtir efeito terá êle se documentado perante a história, em relação à catástrofe que, sinceramente, deseja evitar.

a REVISTA há 50 anos

3 DE MAIO DE 1903

PEQUENAS OCCURRENCIAS

RECORDAR os leitores que o vapor Dous Rios deu em catambrias, recolhendo-se torto, coberto de aleijões em meio da viagem, ao porto da Victoria, para padecer concertos e soffrer reformas, equivale a lembrar-lhes que o pobre navio foi posto a disposição do chefe de policia, cuja administração empellicada, para fazer o serviço de conducção dos sentenciados para a celebre Colonia em que ninguem mais falla, mas, que, entretanto, podemos adiantar, passa bem, muito obrigado. O infeliz navio lá estava muito quieto, preoccupado e pachorrento, a crear legiões de caranguejos, bem pertinho do sr. Severino Vieira que, de cambulhada com o sr. Julio de Medeiros, perdão Borges de Castilhos, é que é, está em crise na politica nacional, quando se lembraram de acordal-o e de trazel-o estremunhado de somno, para fazer a travessia da Guanabara, vergado o peso da gente de chapéo de palha que costuma dar vivas ao dr. Cardoso de Castro, quando este manda-a veranear fora da Capital.

★ O resultado de semelhante imprudencia não se fez esperar e o misero, para não fugir a regra geral, ou melhor, para mostrar-se digno do novo patrão, quebrou as pernas e lá se foi de rastro para a Victoria padecer a sua reforma tambem, porque na policia, nos tempos que correm, nada é estavel, tudo se reforma, diz o zé-povinho que não se cança em bater palmas, com as mãos ambas, ao sr. ministro da industria que lhe vae dar agua, agua com fartura, agua não poder mais.

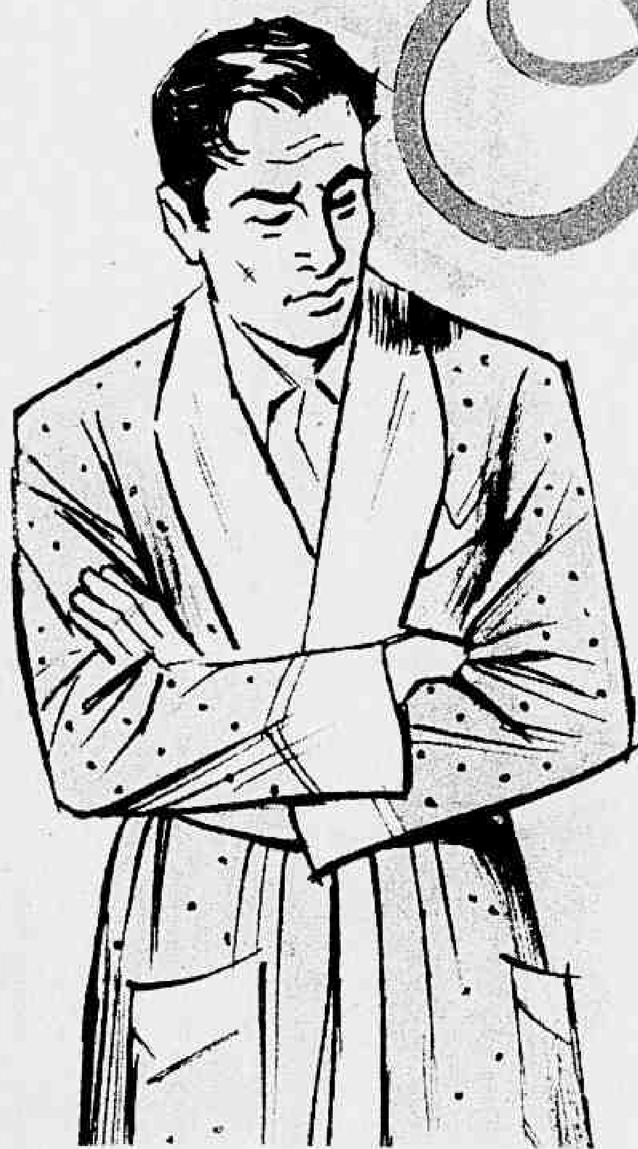
A primeira caixa lá ficou no Engenho de Dentro, no morro de D. Delphina, toda marcada com as balisas vermelhas, muito ancha, certa de que, dentro de nove mezes terá liquidado em quantidade, podendo dar quarenta mil litros por dia, aos sequiosos que residem nos suburbios marginaes á Estrada de Ferro Central do Brasil, cujo diretor, dizem as más linguas, vae passear a S. Paulo, enroscando-se na meada da Sorocabana que ninguem destrinça. Que S.S. passe por lá muito bem, goze saude, ponha tudo nos seus eixos, descubra a pedra philosophal e mais o elixir de longa vida divulgando a formula encantada que deu ás velhas Cordula Maria Antonia e Anastacia Maria da Conceição, cento e vinte nove annos, a primeira e nada menos de cento e nove a segunda, lá para as bandas de Jacarepaguá, que tambem vae ter agua, e onde foram vistas domingo passado pela comitiva do sr. ministro da industria e photographadas pelo reporter artistico da Revista da Semana que, agora dirijo-me ás leitoras, as formosissimas leitoras, é a publicação mais chic e de maior actualidade do Rio de Janeiro. Tudo isso e mais alguma cousa, desejamos ao sympathico administrador, comtanto que nos prometta não empregar o seu tempo, collaborando com o deputado Arthur Orlando na impagavel interpretação do texto constitucional que assegura e garante a representação das minorias nas camaras electivas, mesmo porque, para isso, não vale a pena se viver tanto, ainda agora que a directoria de saude publica se lembrou de garantir que vae acabar com os mosquitos, para matar a febre amarella.

★ O peior da festa é que, emquanto o dr. Oswaldo se preoccupa em caçar culicidios e a policia em descobrir os assassinos do infeliz Costa Pinto, meia duzia de espertalhões organisaram uma firma fantastica, arrancando por arte de berliques e berloques, grossa melgueira dos cofres alheios, para com ella gozar, á tripa forra, chasqueando da boa fé dos que lhe cairam na ratoeira e que se parecem, perdoem-nos a comparação por ventura demasiado irreverente, com o doutor Chistino do Valle, zelador dos proprios nacionais, e que ouvimos dizer, vae dirigir ao sr. ministro da fazenda um minucioso relatorio. dando-lhe conta do estado de abandono em que estão as propriedades do Estado, existentes no Rio Grande do Sul. Se houver alguem que acredite que o sr. Leopoldo de Bulhões se preoccupa com essas ninharias, vá até alli á rua do Lavradio e veja o estado miseravel em que se conserva o edificio, que foi sede do Supremo Tribunal e que, pelo seu estado de immundicie e desmoronamento, parece só esperar pelas picaretas do dr. Passos, para deital-o abaixo, fazendo, no largo da Gloria, onde está o antigo mercado, que, seja dito de passagem, é um pardieiro de se lhe tirar o chapéo, bradando ás armas.

Brado de armas e mais grito, cabo da guarda! merecem os finorios, que se lembraram de introduzir na circulação deste paiz do sello e do papel sellado, estampilhas falsas de quatrocentos réis, já recolhidas á Recebedoria para servirem de cauda aos papagaios que solta a meninada, sem se importar com os fios telephonicos e com os telhados do proximo...

O ESTÔJO DE ÉBANO

Conto de VICENTE DE CARVALHO



ESTAVA eu verberando o procedimento de Lucas, quando a campainha da entrada tilintou... O casal voltava da ópera...

O susto repentino como que embriagou a embriaguês do criado, que se levantou, meteu o charuto aceso num bôlso, calçou os sapatos, limpou o cofre e, ajeitando-se saiu para abrir o portão do jardim, enquanto eu guardava a garrafa de champanha, a taça e o cofre de ébano, superficialmente chamuscado. Tudo o mais estava em ordem, no momento em que êles apareceram.

Dona Jalta sorriu-se, mostrando a dentadura modelar, ao entregar-me a capa e a bôlsa.

Sentaram-se ambos, marido e mulher, trajados com apuro. Ela, um deslumbramento de beleza, no seu vestido de sarau, branco com bordado lilás. Faiscavam as jóias caras, os adereços delicados.

Em pé, junto à porta, eu e Lucas, ainda meio estonteado, aguardávamos as últimas ordens dos patrões. Senti leve cheiro de tecido queimado, certamente o charuto que o aloucado criado metera no bôlso...

Dona Jalta nos acenou. Ordenou a mim que fôsse buscar o cofre de ébano e a Lucas mandou servir, ali mesmo na sala de estar, chá, biscoitos franceses e champanha. Não há nenhuma vantagem na adivinhação do inevitável, mas eu adivinhei: a patroa veria o cofre queimado pelo estouvado criado!

Naquela noite, logo que o casal saiu, rumo ao teatro, Lucas pôs-se à vontade, como dono do palacete. Foi à biblioteca, visitou Shakespeare, folheou Goethe e Camilo, recitou Byron, criticou o velho Machado, fêz a apologia de Eça, dissertou sôbre o estilo de Hugo e Lamartine! Disse que era um pobre de algibeiras, mas milionário de espírito. Na ausência dos patrões, mandava êle...

Na sala de músicas, escolheu discos, condenou a técnica de Wagner, deliciou-se com Chopin, fêz restrições a Brahms!

A «farra» terminou ali na sala, entre charutos perfumados, licores e bombons noruegueses. O trêlego empregado, com a maior desenvoltura, procedia como se estivesse em sua casa e aquilo tudo fôsse seu. Os três quartos da garrafa de champanha lubrificaram-lhe a língua e esta acordara-lhe os ciúmes. Eu era uma ingrata, disse, vira quando, na véspera, o motorista do patrão me beijara, perto da garagem... Desenvolvendo sua filosofia de bandeja, falou-me da leviandade das mulheres. O automóvel é a atração, a tentação de tôdas... Um dia o motorista beijaria o poste... Eu censurava enèrgicamente o cinismo do ousado Lucas. Disse-lhe que êle abusava da consideração dos patrões, bebendo os vinhos generosos, na sua ausência, fumando os «suerdiecks» e até vestindo a roupa íntima do dr. Nei. Era o cúmulo do atrevimento!

Entretanto, ria-se Lucas, deitado no divã, zombando dos meus temores e insinuava que eu também deveria usar a «lingerie» da patroa, tecidos finos, sedosos, acariciantes, leves...

Foi aí que o demônio lhe soprou os ouvidos. Retrucando sempre, ergueu-se cambaleante... Evidentemente, estava mais ébrio de vinho que de amor. Queria um beijo, também era meu amiguinho e filho de Deus... Estávamos sós... Meu colega investiu, eu recuei, ao tempo em que êle, livrando-se do embaraço de uma poltrona, colocava o charuto sôbre o estôjo de ébano, onde a patroa guardava as jóias. Afinal fui beijada depois de fingida relutância... Um beijo não é coisa que se rejeite, não fere, dói, às vêzes, mas a dor é invisível. Além disso, Lucas era bonito...

Quando voltei a mim, isto é, à criada, dei um grito; o charuto do criado, (não, do patrão) com a bocarra incandescente, da qual subia um fio de fumo azulado, crestava o fundo do estôjo negro!... Santo Deus! Aquêle cofre, queimado! O cofre de estimação, a relíquia singular de dona Jalta! Ela veria, fatalmente, a madeira empolada, ao guardar ali as jóias, como sempre o fazia. Aquêle cofre, o «seu» cofre, como bem acentuava a formosa dama. Não fôra o de pau cetim, nem o de prata, fôra o «seu». Que diria? Que faria? Creio que empalideci, cheia de apreensões. A patroa, criatura boníssima, nunca nos repreendera, por coisa alguma, mas naquela noite, quando visse o estôjo queimado com o fundo empolado...

Lucas tornou-se sério e voltou a deitar-se, ouvindo a história do estôjo de madeira. Contei-lhe tudo quanto sabia acêrca do cofre misterioso.

Logo após o casamento, em plena lua-de-mel, o casal saíra e, na volta, encontrara o lar em chamas. Para d. Jalta saltar do automóvel em movimento, romper o cordão de isolamento, desvencilhar-se da polícia e dos bombeiros e entrar no inferno de fumo e fogo, foi labor de segundos. As labaredas lambiam as bordas das janelas, crateras medonhas, que ingurgitavam ar, alimentando a sinistra digestão. Ninguém ousou acompanhá-la, nem o marido, paralisado defronte ao prédio, suspenso, incapaz...

Clamor unissono estrugiu da multidão perplexa, no instante em que viu surgir, minutos depois, a mulher, à saída fumiflamante do edifício incendiado. Foi um momento trágico, indescritível. Dona Jalta apareceu e parou imponente, como a estátua da decisão vitoriosa. Depois, seguiu cambaleante, desgrenhada, a fronte tisnada, os braços fuliginosos, egressa do inferno, as vestes fumegantes... Os revérberos da fornalha uivante davam-lhe às feições um tom cúprico, macabro, diabólico. Deu alguns passos, tossiu e tombou desmaiada: trazia o estôjo de ébano! Transpondo as fronteiras do inferno, fôra buscá-lo no primeiro andar, tinha-o nas mãos! No colo e nos pés ficaram-lhe cicatrizes.

Tudo na vida tem uma explicação. Eu não conseguia, porém, achar razão para o demasiado cuidado dispensado àquela tôsca caixa negra, simples, insignificante. Fugia-me também a causa para a atitude da patroa, ao trancar-se, de quando em quando, em seu dormitório e chorar, horas a fio, com o estôjo nas mãos... Várias vêzes eu vi... vi... pela fechadura...

Meu colega pôde, depois do relato, avaliar a minha angústia e a extensão de sua falta.

— «Temos uma bomba relógio a nossos pés, Adelita — disse, finalmente, Lucas. — Só nos falta descobrir a hora da explosão. Tudo por causa de um beijo!»

Rindo-se o criado procurava disfarçar, todavia, o receio marasmava-lhe a serenidade.

— Que lhe dirá você? Não me envolva nisso, nada sei, eu não fumo... Você não reflete, não atende, é teimoso, é...

Foi nesse momento que a campainha da entrada tilintou... Os patrões voltavam do teatro.

Acabada a ligeira ceia, quase duas horas, d. Jalta dispensou-nos. Nossos quartos ficavam nos fundos, longe, mas eu não me recolhi, fiquei no fim do corredor, às escuras, observando o casal.

Uma aragem amena acariciava as árvores do jardim, naquela silenciosa noite estival. Havia um silêncio de harém sem mulheres. O par conversou ràpidamente sôbre o espetáculo. A «Madame Butterfly» não lhes agradara; a famosa «Um Bel Di Vedremo» estivera abaixo da crítica.

Dona Jalta contou que seu vizinho de poltrona acordara sobressaltado, perguntando-lhe se os navios já haviam ancorado em Nagasáqui... Riram-se, riram-se e beijaram-se... Ia recomeçar a eterna pantomima do amor, o despertar do idílio inacabado...

O dr. Nei, alto e magro, era um belo homem, forte e simpático. Enlaçada pela cintura, a elegante dama foi até a janela. Sua cabeleira ímpar inclinou-se e ela olhou o céu, demoradamente. Seus pés pequenos trouxeram-na novamente ao divã, onde

(Cont. na pág. 38)



Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

Ao cair da noite saiu êle a passeio marchando pelo caminho até ao castelo de Red King, edificado no declive de um penhasco, e que, em relação à sua antiguidade, o de Sylvania era moderno. No fundo do fôsso do castelo jaziam enormes blocos de pedra desmoronadas, havendo em alguns dêles nomes e iniciais gravados a cinzel. Pierston conhecia muito bem aquêle sítio e o velho entretenimento de namorados. Procurando identificar nomes em alguns blocos, descobriu à luz do luar um par de nomes que êle mesmo havia esculpido em sua mocidade: AVÍCIA e JOCELYN: o de Avícia Caro e o seu próprio. As letras estavam quase apagadas pela ação do tempo, atacadas pela salobridade do mar. Mas, muito perto dali, em letras recém-esculpidas, se lia o nome de ANA AVÍCIA junto com o de ISAAC. Não havia mais de dois ou três anos que estavam gravadas, e, provàvelmente, aquela «Ana Avícia» era a segunda Avícia, a filha de sua amada, a lavadeirinha. Mas, quem seria Isaac? Sem dúvida algum seu admirador quando menina. Pierston regressou pelo mesmo caminho e passou pela frente da casa da família Caro, em direção à sua. A rediviva Avícia animava a mansão e a luz que aluniava o interior refletia na janela. A jovem devia estar ali dentro.

Sempre que, inesperadamente, ia a jovem Avícia ao castelo, Pierston se tornava nervoso, perdendo sua calma, não sòmente pela presença da moça, mas ainda por uma nova disposição de seu ânimo que denotava algo perigoso. Entretanto, se ela o encontrava cara a cara, não deixava transluzir nenhuma emoção, contrariando o que, antigamente, sucedia com sua bela mãe, a outra Avícia, apaixonada de Pierston. Ana permanecia indiferente e quase não denotava saber da presença do escultor. Para ela, Pierston não era mais que uma estátua. Mas, para êle, era ela uma labareda cada vez mais abrasadora.

Em sua paixão represada um repentino terror sádico o invadia sempre que suas maduras faculdades reflexivas insistiam em apresentar-lhe a tremenda falta de raciocínio que se entranhava em sua fatuidade. Isto o colocava em suarenta fadiga. Que sucederia se ao fim de sua vida estivesse sentenciado a expiar seus extravios emotivos (em sentido material), permanecendo prêso por fatal fidelidade a uma mulher que o seu entendimento desestimava? Uma noite sonhou que via, confusamente velada por trás do jovem semblante de Avícia, aquela mesma e antiga «tecedora de enganos», rindo às gargalhadas com o seu astuto rosto.

Entretanto, a Bem Amada estava outra vez viva. Já a havia perdido e a encontrava novamente. Admirava-se da mudança que se operava em si mesmo. A Bem-Amada levara a máscara de mulher estranha. Havia pertencido a uma ou a outra classe social, desde a cautelosa filha de algum eclesiástico ou de um figurão político, até à figura pitoresca de alguma indiana com seu lenço ondulante ao ruflar dos tambores. Mas, tôdas estas encarnações estiveram dotadas de certa vivacidade, tanto na carne como no espírito: algumas com talento, poucas com engenho e ainda com gênio. Mas a nova personificação nada mais possuía do que a beleza do sexo. Ignorava a maneira elegante de usar um leque, e sabia apenas calçar uma luva de trabalho.

Mas sua vida limitada era tão simples, que isto ainda mais influía no ânimo de Pierston. Pobrezinha da Avícia! Não passava de ser a imagem de sua mãe. No final das contas a família dela era tão boa como a sua, e o infortúnio a havia levado a êsse extremo. Por estranho que pareça, o escultor a amava em maior ponto, justamente por suas deficiências. Encanto inefável exercia sôbre êle o poder rejuvenescedor daquela pobre moça. Experimentava êle a mesma emoção que sentira junto à sua predecessora; mas... ai! Estava êle a vinte anos adiante no caminho da tumba.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, onde freqüentava a melhor sociedade, nascera numa povoação situada numa ilha costeira, onde o pai era exportador de pedras. Pierston tinha uma amiguinha de infância, Avícia, da qual se apaixonara ao visitar o pai. Mas, sempre com a ilusão de escolher uma mulher que encarnasse, realmente, a figura ideal de sua Bem-Amada, êle desprezou Avícia por uma outra a quem também deixou de amar. Vinte anos depois, êle ainda continuava a procurar a Bem-Amada. Sabendo da morte de Avícia, que se casara e enviuvara, Pierston deixa Londres e vai visitar, pela última vez, aquela que poderia ter sido a Bem-Amada. Sucedeu que Pierston se encontra com Ana, filha única da morta e fica impressionado com a semelhança com a mãe. Volta a Londres, mas, perseguido pela visão da nova Avícia, aluga um castelo destinado a veraneios e procura atrair a jovem, cuja profissão é a de lavadeira.

Capítulo XVI

Alguns dias depois estava Pierston olhando, através de alta janela traseira, para um recanto mais afastado do jardim, quando se abriu a porta que ficava por baixo da janela, e saiu brincando uma mocinha, desapurecendo em direção do jardineiro que trabalhava noutro setor. Logo depois voltou ela trazendo na mão um ramo verde. Era Avícia, com sua negra cabeleira delicadamente entrançada sob um gorro. Ia distraìdamente, indiferente a tudo o que a cercava, e com o pensamento a mil léguas de Pierston.

Não podia o escultor compreender como, assim tão ràpidamente, viera aquela jovem tornar-se uma doméstica de sua casa; mas, em seguida se recordou que, dias antes, uma das empregadas solicitara um dia de licença a fim de ir assistir à uma parada militar da polícia rural na povoação costeira próxima, com a condição de que ela arranjasse uma substituta interina, em seu lugar. Com certeza haviam chamado Avícia. Com muito prazer notou que a opinião que das necessidades domésticas do patrão tinham as criadas era tão mesquinha, que não haviam recorrido a nenhuma outra substituta, uma criada profissional.

Pierston não via em Avícia uma empregada, e sim, um Espírito, o Espírito da outra Avícia, sua Bem-Amada incompreendida. Quando a jovem lhe trouxe o almôço onde êle estava escrevendo, êle a contemplou instintivamente. A jovem, porém, afas-

tou-se um pouco e foi à janela para arranjar um lado da cortina que se havia despegado, ficando de perfil para o escultor. Pierston a mirou demoradamente naquela posição e reconheceu que ela não desmerecia qualquer das três deusas em «El Juicio de Paris» de Rubens, e em seus contornos, era quase a perfeição. No rosto e de frente, surgia com maior evidência a imagem de sua mãe.

— Foi você que preparou tudo isto, Avícia? — Perguntou êle excitado.

Voltou-se ela e, meio sorridente, se limitou a murmurar:

— Sim, senhor.

Bem conhecia êle a disposição daquela branca dentadura. Na disposição de dois dentes da arcada superior havia ligeira irregularidade. Nenhum estranho poderia tê-lo notado, nem mesmo êle, não fôsse porque recordando idêntica particularidade na bôca da Avícia anterior, Pierston buscara o mesmo sinal naquele rebento tentador. Sòmente naquele instante a segunda Avícia lhe havia revelado aquela mesma característica de sua mãe, ao sorrir levemente para êle, lisonjeada pela surprêsa do amo diante das iguarias que ela fizera para seu almôço; Pierston se recordou daquele pequenino defeito da dentadura da outra, e lhe veio ao espírito com grande intensidade, a lembrança do seu último beijo na despedida, quando também a outra Avícia sorriu e êle via aquêle sorriso repetido igualzinho nos lábios da filha ali presente.

Na manhã seguinte, enquanto se vestia, Pierston ouvia sua voz a tagarelar no pavimento térreo, com as outras empregadas. Já a êsse tempo, Avícia se tornara a representação física e material daquela que, por tanto tempo, perseguia, a sua eleita, não por iniciativa sua, mas por determinação de uma entidade superior. O escultor se embevecia a ouvir-lhe a voz, por vêzes mais alta, outras vêzes caindo quase em cochicho, parecendo-lhe que se casavam coração e alma, alma e coração que a êle pertenciam.

O encanto estava nos intervalos, dando a esta palavra sua acepção musical. Pronunciava umas tantas em um tom, concluía a frase em suave modulação de inflexão mais alta, e volvia a baixar a voz até sua entonação natural. O diagrama dos sons de sua voz formava uma curva mais artística do que qualquer linha de beleza que já traçara seu lápis, tão acabada como as curvas da que foi o Desejo do Mundo.

Não lhe importava o que Avícia dizia na palestra com as demais empregadas. Só interessava as suas próprias emoções. Esforçava-se especialmente para ouvir sua voz e compreender suas palavras. Tinha direito ao tom, não à pronunciação.

(Cont. no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



O regresso de JOÃO BARTOK

Conto de ERICH MARIA REMARKE

HÁ cinco anos que João Bartok estava casado quando rebentou a guerra. Foi imediatamente mobilizado e teve que se apresentar numa guarnição austríaca, perto da fronteira. Aproveitou a véspera do dia da partida para pôr em ordem a pequena oficina a fim de deixá-la a cargo da espôsa e de um operário. Conseguiu, até, duas encomendas relativamente importantes. Passou a tarde trabalhando, satisfeito por saber que, pelo menos até o Natal, a espôsa estaria financeiramente garantida.

Ao cair da noite, envergou o terno dos domingos e em companhia da espôsa foi tirar uma fotografia. Até então nunca tinham sido retratados. Sempre haviam trabalhado muito e todo o gasto supérfluo lhes parecia um crime. Agora, porém, a situação mudara.

No dia seguinte, pela manhã, o fotógrafo lhes trouxe o retrato. Era maior do que Bartok calculara. Tentou fazê-lo entrar na tampa do seu relógio, mas não o conseguiu. Com um canivete, então, recortou o retrato da espôsa e encaixou-o na tampa.

Poucos dias depois o regimento de Bartok seguiu para a frente. No inverno de 1914 encontrava-se num pôsto avançado. Há três dias que resistia a um ataque envolvente do inimigo. Conseguiu resistir mais três, mas por fim, com a falta de munições, foi obrigado a render-se. Bartok e seus companheiros foram levados para um campo de concentração, onde padeceram vários meses. Êle passava os dias sentado no canto do barracão, pensando, pensando. Ansiava por receber notícias da espôsa, por saber se a oficina recebera novos pedidos, já que dêles dependia a subsistência da companhia. No acampamento, porém, não se recebia correspondência; a única coisa que Bartok conseguiu foi escrever à espôsa, dando-lhe conselhos e indicando-lhe o enderêço de pessoas que possìvelmente necessitariam de uma grade de ferro ou uma instalação de água corrente.

No princípio de abril, mil e oitocentos prisioneiros foram enviados para a costa. Bartok e seus amigos, antigos companheiros de regimento, encontravam-se entre êles.

Levaram-nos para um navio que, segundo se dizia, os transportaria para um campo de concentração instalado na Ásia Oriental.

Durante os primeiros dias de viagem todos andavam adoentados, com enjôos. Logo se habituaram, porém, e, então, passavam os dois escolhidos no porão pestilento, sem ânimo para trocar uma palavra. Sòmente por duas ou três estreitas janelinhas é que podiam contemplar o mar e viviam tirando a sorte para ver quem desfrutaria do maravilhoso espetáculo. A água era clara e azul e, às vêzes, viam-se algumas aves e as sombras de enormes peixes.

Com o passar do tempo, a vigilância dos guardas diminuíra e no dia em que, por acaso, um dos prisioneiros descobriu a maneira de chegarem ao depósito de armas, conceberam o plano de um motim que os tornaria senhores do navio.

O plano foi pôsto em prática numa noite de tormenta. Encabeçavam o grupo, do qual Bartok fazia parte, três suboficiais de gigantescas estaturas. Aparentemente despreocupados, dirigiram-se para a porta do porão e, repentinamente, lançaram-se como tigres sôbre os desprevenidos guardas que não puderam resistir. Onze minutos depois eram donos do navio. O capitão, que se entrincheirara no seu camarote, caíra varado por uma rajada de metralhadora.

Os prisioneiros pretendiam rumar para um pôrto neutro. Tinham armas e provisões em quantidade e entre êles contavam antigos marinheiros capazes de conduzir o barco a qualquer destino. Um ex-oficial subalterno de marinha assumiu o comando. Diàriamente faziam exercícios. Bartok aprendeu a manejar os canhões.

O improvisado comandante cria que numa semana chegariam ao pôrto mais próximo. No quarto dia, porém, surgiu no horizonte o casco cinzento de um navio de guerra inimigo. Os amotinados tentaram fugir, mas o cruzador era mais veloz. Preparam a resistência, mas nada conseguiram. Depois de uma hora de luta, a maior parte dêles jazia na coberta e os sobreviventes foram obrigados a içar bandeira branca. O jovem comandante estourou os miolos precisamente nesse momento.

O capitão do cruzador não os tratou como prisioneiros de guerra, mas sim como simples amotinados, e conduziu-os a uma ilha destinada a deportados. Os cabeças do movimento foram fuzilados. Entre êles encontrava-se Horwath, velho amigo de Bartok. Ao deixar a cela entregou a êste o seu relógio e sua carteira:

— Até um dia, João. Morrer assim ou assado, no fim dá na mesma. Fica firme, homem. Entrega minhas coisas à minha mãe... se quando regressa- o seu relógio e sua carteira:

Os outros prisioneiros foram condenados por sublevação. A lei era dura. Cada quinto homem foi condenado à prisão perpétua; os outros a quinze anos de cadeia. Bartok encontrava-se entre êles.

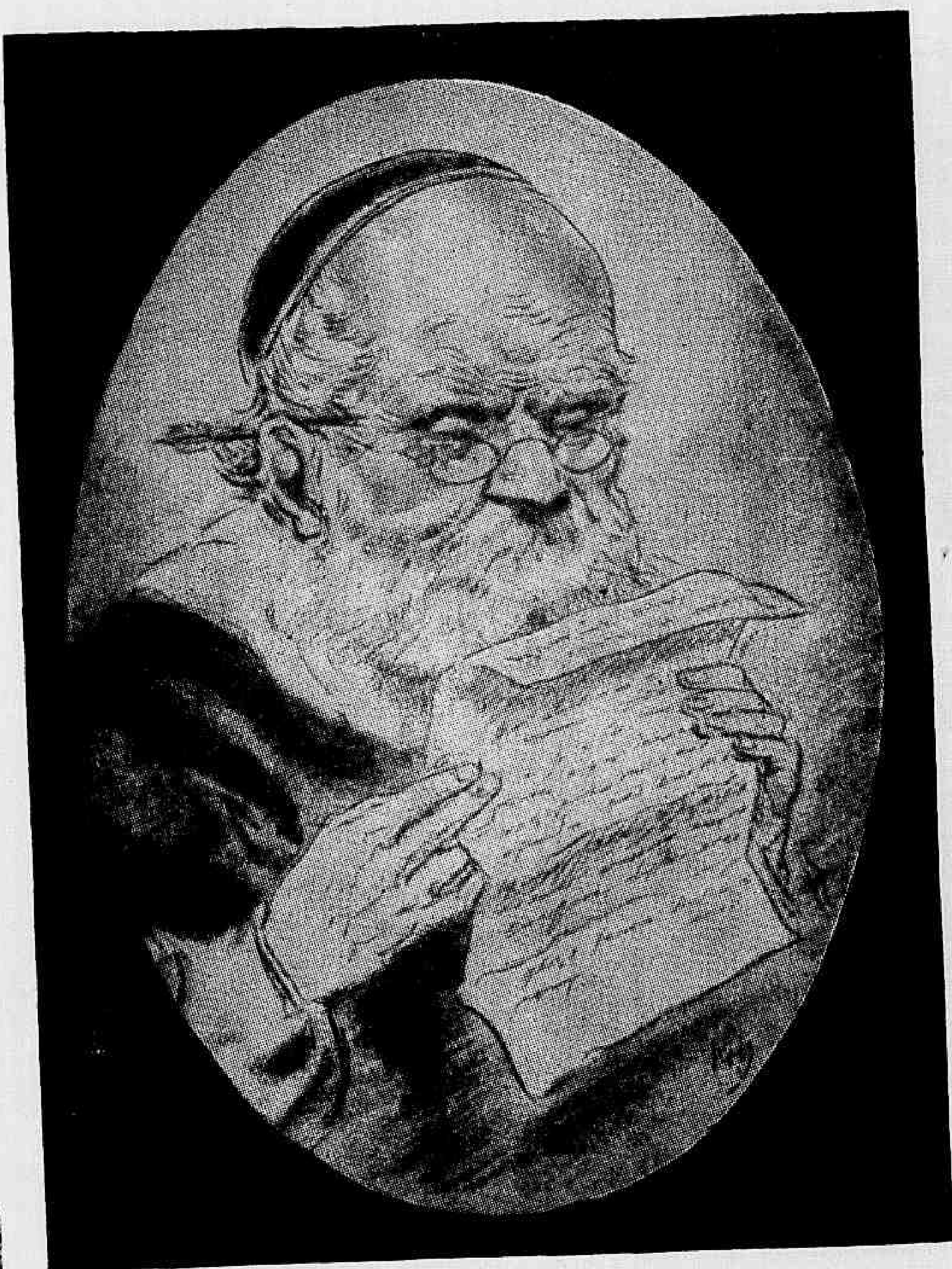
«Quinze anos — repetia êle no anoitecer do primeiro dia, estendido no chão de terra batida da barraca, cujo teto de zinco irradiava o sufocante calor da linha equatorial. — Quinze anos. Agora tenho trinta e dois e então terei quarenta e sete.» Abriu o relógio e ficou contemplando o retrato da espôsa.

(Cont na pág 38)

Ilustração DE RAMON

A propósito de centenários... Telegramas de Moscou dizem que se celebrou acolá, nas academias russas, o de Rabelais. Não nos surpreende a comemoração, pois com muito aparato festejaram os moscovitas o centenário de Victor Hugo. O que nos espanta é a data, porque, em verdade, morreu o criador de Pantagruel em abril de 1554, o que nos induz razoàvelmente a lhe recordar o 4.º centenário no ano que vem. Em 1954 devemos lembrá-lo (e tôdas as instituições cultas do mundo) com grave e justa veneração. O mestre da sátira merece esta universal homenagem. E a América tem muito o que dizer nos comentários floridos à sua glória.

Em primeiro lugar, o que distingue François Rabelais no seu meio e no seu tempo é o poder soberano do riso. O humanismo, substituindo a solene ordem medieval, foi descoberta das leis do mundo físico, foi pintura e estatuária helênica, foi navegação e comércio, política e latim, reforma e contra-reforma, poesia e prosa. Para aquêle descompassado médico foi um riso largo, sacudido, irreverente, fecundo e iluminado: o riso do homem novo que respira fortemente as idéias, a liberdade crítica, o sentido intelectual da vida. Mas se enganarão os que — sem análises complicadas — imaginarem que a sua gargalhada é uma interpretação cômica da sociedade, caricaturada na aventura dos seus gigantes, vaiada nos seus vícios, julgada nos seus ridículos. De Rabelais se dirá o que se diz de Cervantes, sisudamente filosófico na suposta loucura do "caballero", de Shakespeare, tremendamente realista no seu teatro: sob a capa fantasmagórica de seus personagens estremecem os grandes protestos da consciência que se emancipa; e a sua ironia tem uma possante fôrça renovadora. Revolta-se contra a erudição escolar, contra o pedantismo magistral, contra a meia ciência e seus magos, contra a Sorbonne mergulhada em intolerância e a inteligência prisioneira dos velhos livros. Mas não se insurge retòricamente, o que seria subversivo. Rebela-se numa portentosa hilaridade, sonora e clara, com tôda a alegria — quase pura — de um estudante gaiato a escrever a sua chalaça nos muros brancos do colégio. Do austero colégio de França...



Rabelais, o homem que sabia rir, cujo 4.º século de falecimento ocorre em 1954.

RABELAIS E O BRASIL

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

Inspirado pelas navegações portuguêsas, encheu de paisagens exóticas a aventura pantagruélica, e se aproximou com isto do mistério americano. Reatou o enrêdo acadêmico da Utopia, de Morus (implantado na mesma fonte geral de informações, que eram os descobridores portuguêses) e embarcou as suas criaturas para os mesmos climas, avisando (tomo 3.º, capítulo I), "ne prendre la route ordinaire des Portugais..." Em Lisboa, aliás, teriam refôrço de tôda equipagem necessária a um conquistador (lê-se no livro de Gargântua, capítulo 33). Na biblioteca de Saint Victor achou Pantagruel — entre outras maravilhas — "L'entrée d'Antoine de Leive aux terres du Brésil". Aí está, no livro 2.º, capítulo 7 da sua singular história, uma sugestão enigmática das terras novas, antes que dela falassem Jean de Léry, André Thevet... Não sabemos quem fôsse Antônio de Leive. Possìvelmente aludia a alguma das "entradas" dos pilotos de Jean Ango, ou dos mercadores de pau de tinturaria que por aquêle tempo o cortavam nas costas de Pernambuco. Para conhecer as coisas de Portugal tinha ao lado um mestre, seu amigo Antônio de Gouveia, tradutor de Aristóteles, lente jurisprudência, "doctus Lusitanus", como lhe chama Scaliger, "filho de marrano", na acusação de Calvino, sobrinho (completemos) do fundador do colégio de Santa Bárbara, em Paris. Outro sobrinho de Diogo Gouveia, o velho, foi o mestre muito amado de Montaigne.

A lição dos Gouveias talvez unisse — numa curiosidade de alvoroçada pelos segredos atlânticos — os dois nomes mais ilustres do humanismo europeu, François Rabelais e Michel de Montaigne. Êste publicou em francês os primeiros documentos da lírica tupinambá. E' o primeiro divulgador dos valores espirituais do Brasil indígena. O outro dirigiu risonhamente as galeras utópicas para tão estranhas plagas: e sonhou com as suas esperanças, o seu milagre de luz e riqueza...



Esta é Lúcia Maria de Oliveira Barbosa, de 11 anos de idade, que se clas sificou em 1º lugar, entre 2 852 candidatas ao Instituto de Educação, obtendo a maior nota: 9,75. A ex-aluna da Escola «Bolivia» sorri, satis feita, após a luta vencida. Resta o futuro para novas vitórias alcançar.

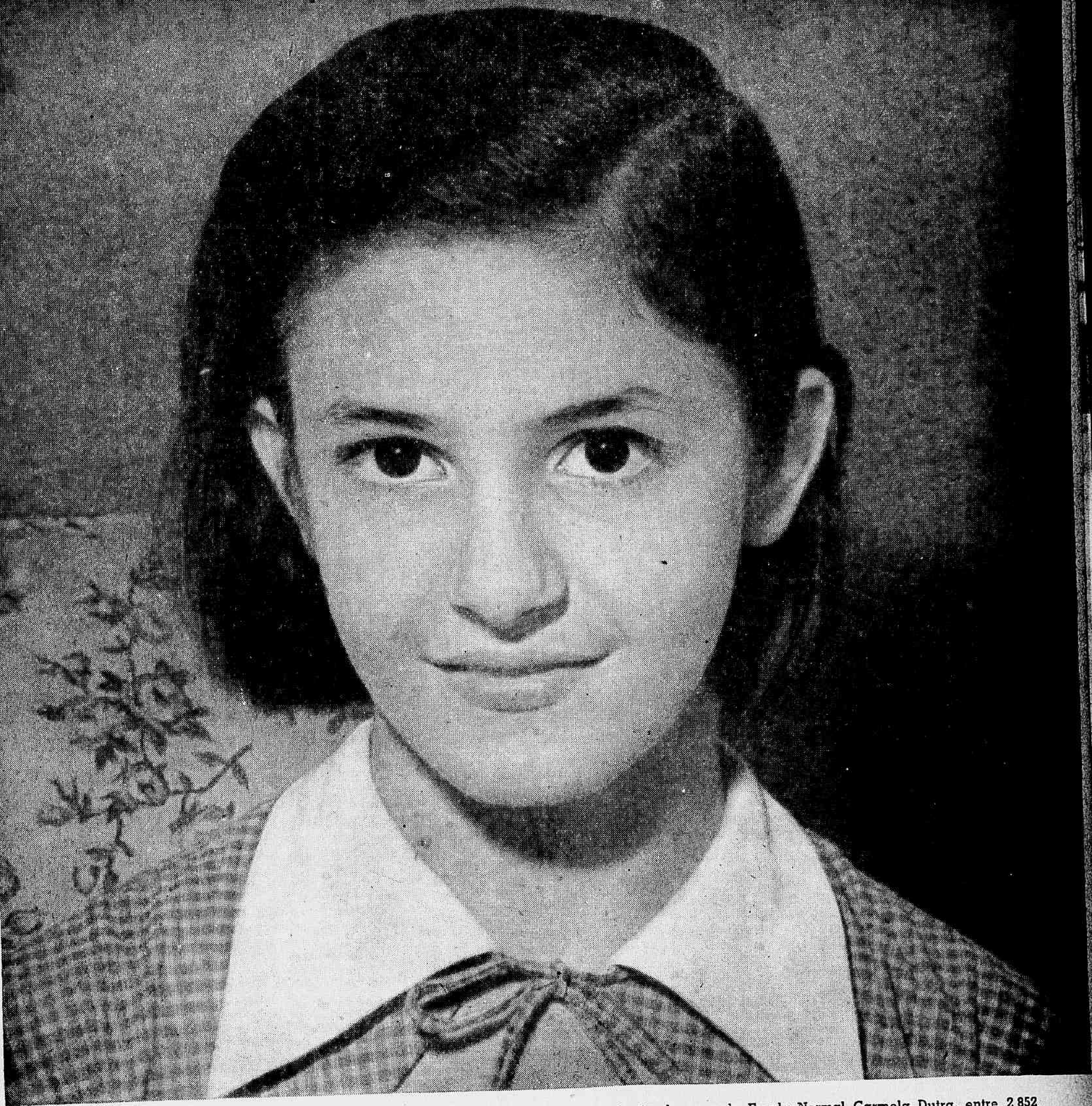
MARATONA DE INTELIGÊNCIA E CULTURA

Texto de LEONEL C. FERREIRA

TODOS os anos o Instituto de Educação do Distrito Federal realiza duas grandes cerimônias: a colação de graus das concluintes do Curso Normal e as provas de admissão de novas candidatas. São dois instantes solenes na vida do velho educandário da rua Mariz e Barros. Do ponto de partida à meta final devem as normalistas acrisolar o espírito no cadinho do saber para a nobilitante missão de educadoras e mestras.

De ano para ano vai crescendo o número das que aspiram ao diploma de professôra. Dizem que, outrora, era quase privilégio de moças modestas a escolha do magistério. Hoje a coisa mudou. E a disputa é grande por parte das meninas que terminaram o curso primário. Êste ano concorreram aos exames no Instituto de Educação ... 2.852 candidatas.

Apesar de vencerem as mais capazes, há o problema do aproveitamento. No Distrito Federal, apenas funcionam dois estabelecimentos para formação de professôras do curso primário: o Instituto de Educação e a Escola Normal Carmela Dutra. Enquanto em São Paulo funcionam sete estabelecimentos similares. Resultado: as excedentes têm que fazer abaixo-assinados, romarias ao Guanabara, ao sr. Ministro da Educação e até ao sr. Presidente da República. Às vêzes em vão. As portas da Escola Normal e do Instituto só são abertas para um número limitado. Até quando isto acontecerá? Por que não se dá escola para quem deseja aprender para mais tarde ensinar? A edu-



Esta é Maria Emília Aben-Athar Martinez, de 12 anos de idade, que se colocou em primeiro lugar, pela Escola Normal Carmela Dutra, entre 2 852 candidatas, obtendo a bela nota: 9,12. Maria Emília é uma pequena inteligente e estudiosa. Depois da luta... O sorriso feliz da vitória!...

LÚCIA MARIA DE OLIVEIRA BARBOSA E MARIA EMÍLIA ABEN-ATHAR MARTINEZ — AS VENCEDORAS ENTRE 2 852 ★ NOTAS: 9,75 E 9,12 ★ DE RIACHUELO E DE ANCHIETA ★ VENCE QUEM SOUBER ★ O «PISTOLÃO» E' LETRA MORTA ★ UMA MENINA SUBURBANA QUE SAI DA HUMILDADE PARA UMA GLÓRIA DO ESPÍRITO ★ ESTUDAR E' VOCAÇÃO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

cação ainda é o primeiro problema do Brasil, dizem os entendidos. Por que, então, essa carência de Institutos, quando a capital da República deveria dar o exemplo aos demais Estados da federação? Será que é mais cômodo todos os anos fazer arranjos do que solucionar o aproveitamento em novas escolas de alunas que conseguiram média de aprovação nos exames? São angustiosas interrogações que afligem as mocinhas que desejam ser professôras: ser aprovadas e ser aproveitadas.

As escolas públicas e particulares preparam verdadeira avalanche de candidatas: 2.852. Dêsse total foram diminuídas: 3 julgadas inaptas; 2 por excesso de idade; 1 desistiu e 1 teve indeferido o processo. Por isso compareceram aos exames: 2.845. Foram aprovadas 757 sendo 647 ao Instituto e 110 da Escola Carmela Dutra.

O exame ao Instituto de Educação é, inegàvelmente, um sério concurso de habilitação pela maneira com que se realiza. Aqui não valem pistolões. As meninas são selecionadas pelo critério de sua capacidade. São elas ex-alunas das diversas escolas primárias da Prefeitura, ou escolas particulares. O programa exige conhecimentos gerais e sólidos do curso primário. Os primeiros lugares são conseguidos com esfôrço, demostrando as suas candidatas, uma formação intelectual bastante aprimorada.

Em geral, as concluintes do curso primário ao se inscreverem para a admissão ao Instituto, têm de 11 a 14 anos. Apesar da idade levam a sério as provas. Estudam de verdade. A miragem

MARATONA DE INTELIGÊNCIA



Filha única, desfrutou sempre a pequenina Lúcia das afeições paternas; e o seu primeiro triunfo na vida encheu os pais de incomparável ventura.

do primeiro lugar deixa muita cabecinha inquieta.

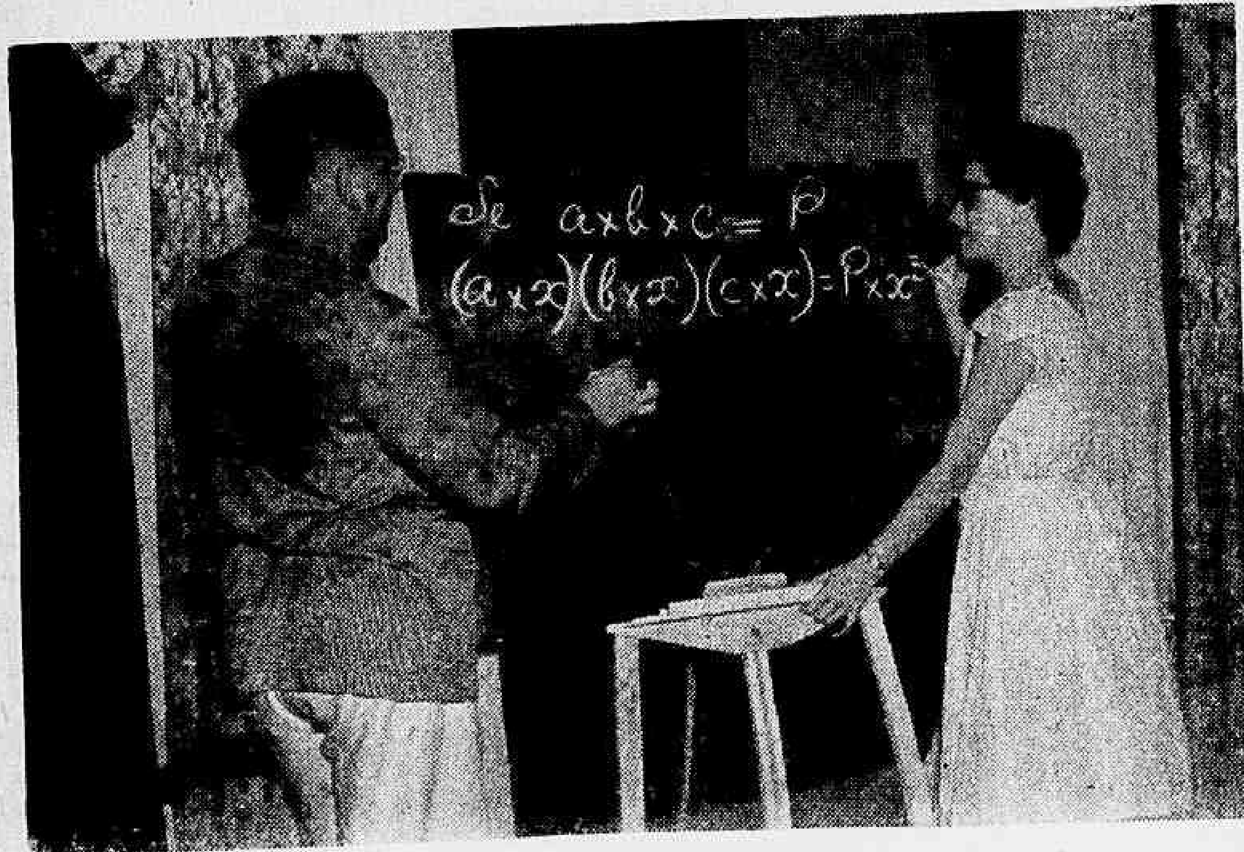
As vencedoras dêsse certame são dignas dos melhores louvores. Festeja-se a campeã da beleza olímpica. A mais bela do carnaval. A mais graciosa rainha de qualquer festividade. Por que não se festejar, então, êsses brotinhos que se rivalizam a par de sua beleza física com a formosura de inteligências novas? Êsse é o mais bonito significado desta verdadeira maratona vivida pelas garôtas que ingressaram no Instituto de Educação.

Nessa competição obteve o primeiro lugar a inteligente menina Lúcia Maria de Oliveira Barbosa. Lúcia Maria tem apenas, 11 anos de idade. Filha única do dr. Luís Walter Barbosa e da professôra Zulmira de Oliveira Barbosa. Funcionário do Departamento Nacional da Indústria e Comércio do Ministério do Trabalho, o dr. Barbosa, como bom matemático, já lecionou em vários educandários. A filhinha trouxe do berço a vocação paterna. Sua matéria predileta foi sempre a matemática. Fêz todo o curso primário na Escola «Bolívia», de Riachuelo, onde fôra o pai, quando aluno, o primeiro da escola. E' digna de admiração a escola «Bolívia». Com um corpo docente magnífico, a tradicional escola primária manteve um destino glorioso: dar os primeiros alunos para a Escola Militar e para o Instituto de Educação. Lúcia Maria soube, assim, corresponder a essa glória semi-anônima da pequenina escola primária da rua Ana Neri, do Riachuelo.

Fato curioso na vida desta criança é a sua indiferença diante do que aconteceu. Sua fisionomia não se conturba. Permanece serena com uma simplicidade que encanta. Desde pequenina sempre gostou dos livros. E se acontecia que o pai, atendendo a negócios, vinha lhe perturbar, tinha uma queixa então: «papai, eu estou estudando...» Foi assim, estudando, que esta inteligente garotinha ganhou o primeiro lugar.

Da escola primária Lúcia Maria passou ao Instituto Guanabara, onde se preparou para os exames, causando admiração aos mestres, entre os quais o professor Ary Quintela, que lhe ministrou lições de matemática. Com 9,75, Lúcia Maria sagrou-se a campeã, galgando o primeiro lugar entre 2.852 candidatas.

Da Escola Carmela Dutra, alcançou o primeiro lugar, a pequena Maria Emília Aben-Athar Martinez, de 12 anos de idade. Primogênita do Comissário da Marinha Mercante, sr. Ramon Martinez e da professôra Emília Martinez, Maria estudou na escola «Paraíba», de Anchieta, onde sempre se revelou uma das alunas mais aplicadas do curso primário. Preparou-se para o exame à Escola Normal com o professor José Bonifácio, oficial reformado do Exército. Maria Emília obteve a nota mais ele-



«Filho de peixe peixinho é...» O pai, bom matemático e a filha, a sua primeira discípula. Lúcia Maria adora a difícil ciência dos números.



Na rua Marechal Bittencourt, 182, na Estação do Riachuelo, está situada a aprazível residência de Lúcia Maria de Oliveira Barbosa.



A alegria da filhinha foi compartilhada por tôda família: ao lado dos pais e dos manos, a garotinha festeja o seu primeiro triunfo na vida.

vada das alunas da Escola Carmela Dutra: 9,12.

Ao lado das duas primeiras vêm se colocar as que se classificaram logo a seguir: do Instituto de Educação, foram: Regina Maria Calmon du Pin e Almeida, residente à rua Borda do Mato, 188, no Grajaú, com 9,40; Luísa Dorotéia de Morais, da rua Ministro Viveiros de Castro, 62, em Copacabana, com 9,33; e Vilma Teresa Alexandre Mendes, da rua Maranhão, 377, com 9,27.

Tôdas elas boas alunas. Merecem figurar, com distinção, ao lado da coleguinha que tirou o primeiro lugar. Da Escola Carmela Dutra: Maria Helena Fantam Veloso, residente à rua Itapoã, 26, Pedregulho, com 8,43; Nancy Aléssio, da rua Pacheco da Rocha, 260, com 8,23; e Maria de Lourdes Magalhães, da rua da República, 36, em Quintino, com 8,06. Como suas coleguinhas do Instituto, as quatro primeiras da Escola Carmela Dutra, fizeram um brilhante exame ao ginasial do Curso Normal.

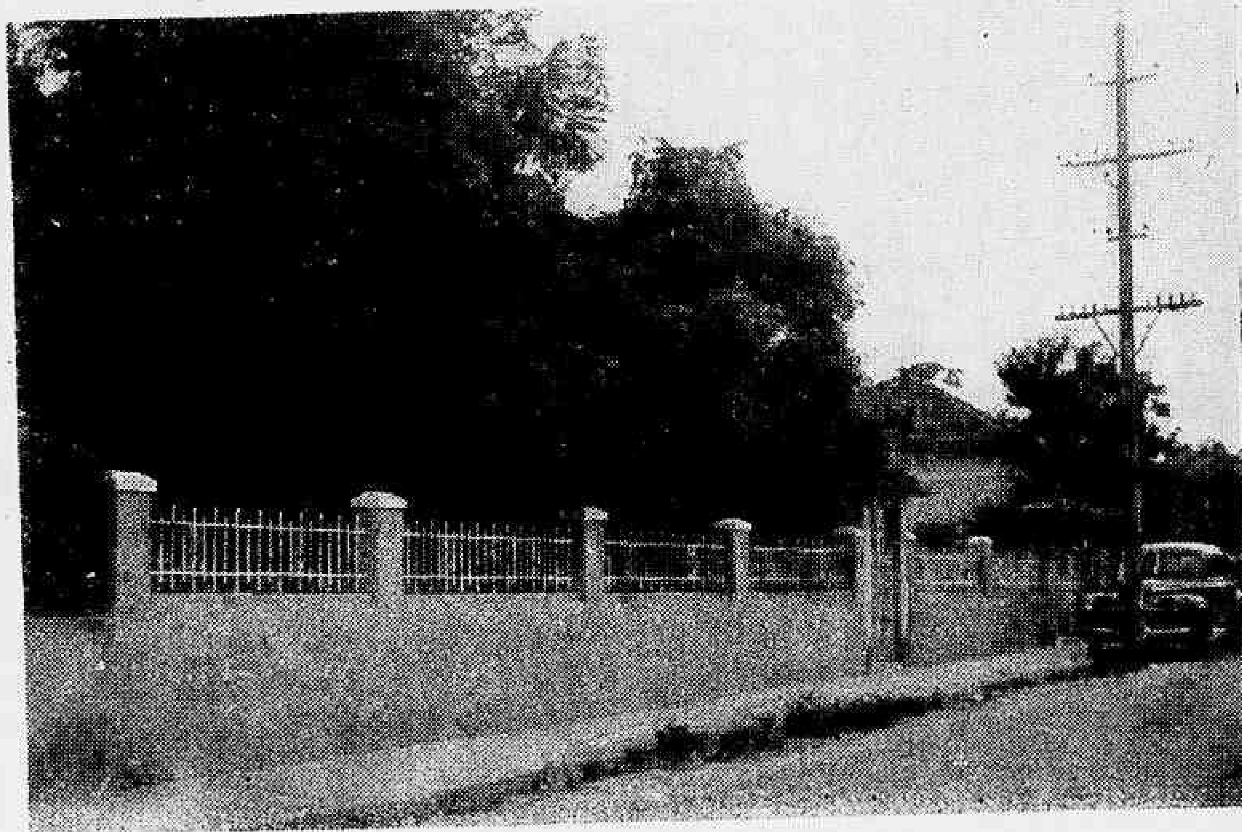
O curso de formação de professôras compreende duas partes: Quatro anos de ginásio, mais três anos de especialização. As que querem ser professôras do curso secundário, fazem, depois do ginásio, o curso de Filosofia. As que desejam o curso primário, seguem, depois do ginasial, o Curso Normal. Ao receberem o diploma de professôras, são nomeadas pela Prefeitura do Distrito Federal, letra G. Depois de dois anos passam para a letra J. De dois contos e pouco passam para 4.600,00 cruzeiros. Mas, como tudo tende a melhorar, as professôras aguardam com ansiedade, o projeto da letra O para a classe.

As matérias do curso de especialização dão à professôra um cabedal de bons conhecimentos. Depois do ginásio, o Curso Normal abrange as seguintes disciplinas:

Primeira série: Matemática, Português, Física, Química, Geografia, Anatomia, Artes Aplicadas, Desenho e Educação Física. Segunda série: Português, Biologia, Música, História, Artes Aplicadas, Metodologia da Linguagem, Psicologia Educacional, Metodologia do Cálculo e Higiene. Terceira série: Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, História da Filosofia da Educação, Higiene e Puericultura, Metodologia do Ensino Primário, Desenho, Artes Aplicadas, Música e Canto Orfeônico, Prática de Ensino, Educação Física, Recreação e Jogos.

Sob a direção do dr. João Batista de Melo e Souza, mantém o Instituto de Educação um corpo docente especializado. O ensino religioso é facultativo. Existe um curso de religião para as alunas católicas, funcionando a pedido das mesmas. Velha questão já debatida re-

(Cont. na pág. 42)



Aspecto da agradável moradia, na rua Macaíba, 516, na estação de Anchieta, onde reside a família de Maria Emília Aben-Athar Martinez.



Enquanto mamãe trabalhava ia ajudando a filhinha nalgum caso difícil. Por isso Maria Emília ia pra escola com a lição na pontinha da língua.

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 2 e 8 de maio de 1953.

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

Carneiro — (21/9 — 20/10) — Os dias 2, 3 e 4 serão caracterisados pelo vazio que representarão, no seu caso. Nada de interessante poderá ocorrer. O dia 5 será o melhor do período. O dia 7 será nefasto.

Touro — (21/10 — 20/11) — A semana entrante terá um início muito promissor. Todo seu esfôrço será devidamente premiado. Durante a semana haverá apenas um dia desfavorável, o dia 4.

Gêmeos — (21/11 — 22/12) — Os próximos sete dias correrão satisfatòriamente em relação aos seus interêsses. Os negócios serão feitos com relativa facilidade, deixando boa margem de lucros. Previna-se apenas, contra as astralidades do dia 4.

Câncer — (23/12 — 20/1) — Uma semana de intensas atividades sociais, eis o que lhe prometem os astros, para o próximo período. Os negócios, não obstante, correrão sem interêsse, havendo, mesmo, possibilidades de prejuízos. O dia 7 será o pior, a êsse respeito.

Leão — (21/1 — 20/2) — Os dias 2 e 6 serão os seus dias cruciais, na próxima semana. Haverá perigo de perda da liberdade em virtude de excessos, por atos ou mesmo por palavras. Veja, escute e cale. Seja prudente.

Virgem — (21/2 — 23/3) — Será preciso contar até dez, antes de agir. O clima dos astros o predisporá a excessos e, conseqüentemente, a práticas perigosas. Evite todo atrito ou discussões, pois o menor mal-entendido poderá ter conseqüências as mais ruinosas.

Libra — (23/3 — 30/4) — Uma ótima oportunidade lhe vai ser oferecida para levar a efeito a viagem em projeto. O ambiente da semana favorecerá seus negócios e lhe possibilitará um verdadeiro desafôgo nas finanças. O dia 6 será o mais favorável da semana.

Escorpião — (21/4 — 20/5) — Com exceção do dia 6, todos os demais serão altamente desfavoráveis, no seu caso. A paz doméstica será perturbada pela maldade de parentes ou de vizinhos.

Sagitário — (21/5 — 23/6) — Oponha-se às grandes vantagens que lhe forem oferecidas, pois o regime será o das vacas magras citado nas Escrituras. Não obstante, haverá paz no lar e favorabilidade nas atividades profissionais, num quadro modesto de aquisições.

Capricórnio — (24/6 — 22/7) — A semana não aconselhará grandes empreendimentos nem o lançamento de novos programas de ação. Será bom manter-se no ordinário, na continuidade da ação costumeira. As inovações serão prejudicadas.

Aquário — (23/7 — 21/8) — O dia 7 não lhe será propício à realização dos propósitos. Não obstante, a semana favorecerá, de modo geral, os seus negócios, possibilitando extraordinários sumamente rendosos.

Peixes —(22/8 — 20/9) — A semana lhe propiciará a satisfação do seu justo desejo de poder honrar os compromissos. Isso denota folga financeira e uma boa disposição de espírito.

Os nomes da Semana

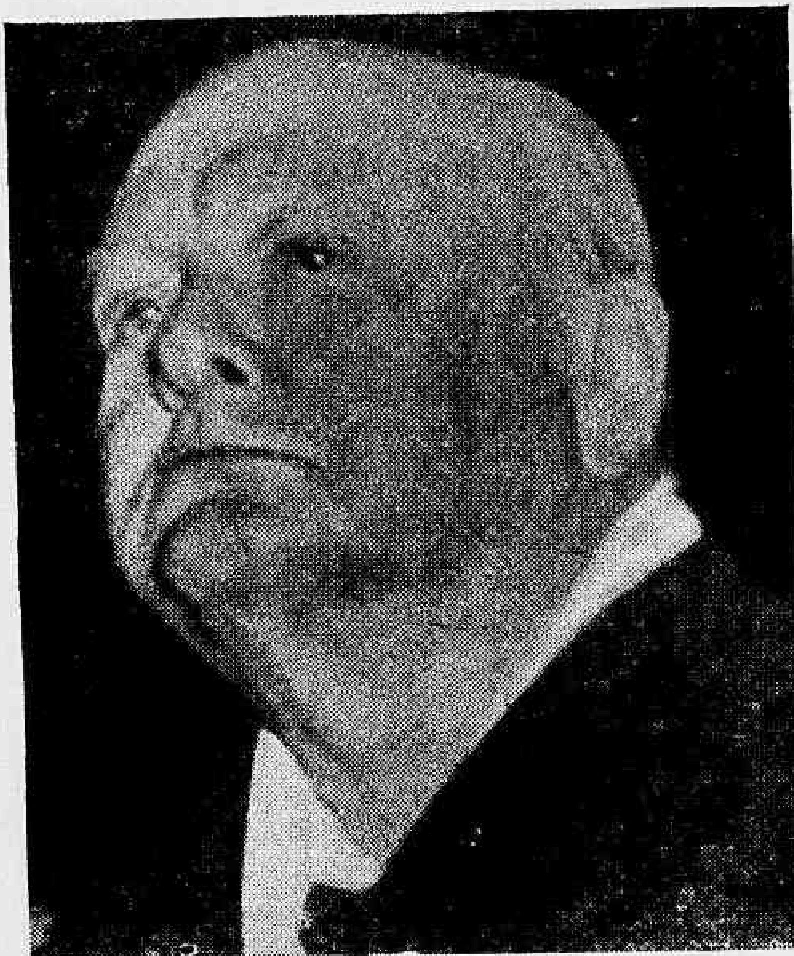
Maio 2 — Eleutério — Márcia
" 3 — Júlio — Júnia
" 4 — Virgílio — Virgília
" 5 — Eládio — Virgínia
" 6 — Pedro — Eronta
" 7 — Moacir — Gervásia
" 8 — Leôncio — Neusa

Efeméride da Semana

Marcha e posição do Sol. Meio-dia de Greenwich.

Maio 2	11°46'31''	(Signo do Touro)
" 3	12°44'51''	" " "
" 4	13°42'49''	" " "
" 5	14°40'55''	" " "
" 6	15°39'01''	" " "
" 7	16°37'05''	" " "
" 8	17°35'07''	" " "

JANELA SOB



CHURCHILL, o último dos «três grandes», numa pose de intensa atenção. Pela fisionomia, não está achando muito boa a situação, ou a palavra do orador oculto. O que êle retém entre os lábios é uma daquelas respostas incisivas, sempre que se vê atacado por algum adversário politico lá pelos Comuns. Sempre de charutão aos lábios, puxando fumaradas que são pequenas nuvens, Churchill se tornou uma das mais populares figuras da política de âmbito internacional. Com a recente atitude do govêrno soviético, êle está em guarda, mas bastante confiante numa melhor compreensão internacional, entre o Ocidente e o Oriente. Talvez tenha sido ao ouvir alguma opinião sôbre isso, que êle fêz esta pose curiosa.



OS PINGUINS são uns animaizinhos deliciosos. Não em pratos, mas através de sua vida. Muitos naturalistas e literatos já se ocuparam dêles, escrevendo tratados sôbre êsses cidadãos dos polos, sempre vestidos a caráter, como quem vai à abertura da Ópera. Êste casal está trocando amabilidades e juras de amor. Quando o pinguim deseja escolher sua espôsa, procura-a entre milhares de «senhorinhas» da tribo, «dala» e, se a noiva escolhida o aceita, êle começa a prometer-lhe êste mundo e o outro. Como início de conversa amorosa, o cidadão Pinguim coloca uma pedra diante da futura, como símbolo de um lar próximo, isto é, um ninho. Êste aqui, cheio de venturas pré-conjugais, tenta cantar «Il Trovatore»

- Faleceu em Solabki, Polônia, a nove do corrente, o prof. Stalislas Wojciechowski, ex-presidente da República polonesa, no período de dezembro de 1922 até à Revolução de Pilsudski. Solabki fica nos arredores de Varsóvia.
- Depois de vários dias de entendimentos, comunistas e delegados das Nações Unidas reunidos em Pan Mun Jom, chegaram a um acôrdo sôbre a troca de prisioneiros de guerra enfermos, começando a troca no dia 20 de abril.
- O Secretário de Estado, John Foster Dulles comunicou ao Congresso dos Estados Unidos, que o Govêrno americano pretendia transferir uma parte importante da ajuda à Europa Ocidental, para a Indochina e ilha Formosa.
- Noticiam de La Paz, capital da Bolívia, que a Central Operária denunciou um "complot" estrangeiro contra a economia nacional, e aconselha imediata reforma agrária, confiscando-se as terras dos latifúndios do país.
- Foi confirmado, oficialmente, pelo Presidente dos Estados Unidos, a visita de seu irmão, Milton Eisenhower a vários países da América do Sul, na qualidade de embaixador pessoal do Presidente e do próprio govêrno.
- A imprensa chilena e a opinião pública do país ficaram vivamente impressionadas com os recentes acontecimentos da Argentina, que levaram Juan Duarte, cunhado de Peron, ao suicídio, ligando o fato à situação econômica.
- Em discurso em S. Francisco, declarou o chanceler Adenauer, da Alemanha Ocidental, que as questões da Europa e da Ásia devem ser encaradas simultâneamente, não sendo possível separar uma da outra, em face do perigo russo.
- Maurice Herzog, o alpinista francês que venceu o pico do Hanapurna, no Himalaia, já obteve licença do govêrno do Nepal para efetuar a subida ao Everest, na mesma cordilheira indiana, e que é, como se sabe, o mais alto do mundo.

QUEM DISSE ISSO?

1 — A verdadeira afeição se prova na longa ausência.

2 — Não é a morte o que impressiona; é o morrer.

3 — Se te sentes incapaz de fazer grandes coisas, fá-las pequenas, com probidade.

4 — A morte abre a porta da fama e fecha a da inveja.

5 — A ausência aumenta sempre o amor insatisfeito, e a filosofia não o diminui.

(Respostas na pág. 38)

RE O MUNDO

- O sr. Anthony Eden, Secretário do Foreign Office, da Inglaterra, acaba de submeter-se a delicada operação na vesícula biliar, estando em estado satisfatório. O conhecido político britânico está atualmente com 55 anos.

- Círculos oficiais norte-americanos estão estranhando o silêncio soviético acêrca dos seus progressos em armas atômicas, pois já faz um ano e meio que os russos nada dizem a respeito de novas bombas atômicas.

- Acaba de ser formada a Côrte de Justiça Especial no Egito, a fim de proceder a investigações completas sôbre as acusações contra o ex-rei Faruk, apontado como réu de corrupção da fazenda pública e outros delitos sérios.

- Tendo regressado da Rússia, depois de submeter-se a longo tratamento de saúde, está na França o líder vermelho Maurice Thorez. A reportagem tem procurado, inùtilmente, localizá-lo, não se sabendo onde se acha o chefe do PCF.

- Sandy "Sincopado" Strickland, de 40 anos de idade, acaba de bater todos os recordes de piano, tocando durante nada menos de 132 horas, ininterruptamente. O recorde anterior, de 130 horas, pertencia a Heinz Artz, de Dusseldorf.

- Clarice Moreland, de Chicago, afirmou perante uma comissão de parlamentares norte-americanos, que, atacada pelo câncer, foi salva pelo **krebiozen**, medicamento que continua a provocar controvérsias nos Estados Unidos.

- As águas do Mar do Norte, que fizeram tantas devastações em fevereiro último, acabam de abrir três brechas perigosas num dique ao sudeste da Holanda, jorrando as águas com violência, não se sabendo se há vítimas.

- Está nos Estados Unidos, em visita oficial, o sr. René Pleven, Ministro da Defesa da França. O ilustre visitante receberá o título de Doutor Honoris Causa, na Universidade de Carolina do Sul, passando vários dias em Washington.

A ANEDOTA ILUSTRADA
O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



Relembra a campanha de Napoleão na África, quando, ao dispor o exército para a batalha, depois de doze dias de marcha fatigante e dolorosa, em pleno deserto da Líbia, apontou com a ponta da espada as famosas pirâmides e disse aos soldados: "Do alto dessas pirâmides, 40 séculos vos contemplam!"



FOGO NA ROUPA — **Mas não queima. Todo mundo sabe que roupa de amianto resiste à ação das chamas. Entretanto, tudo está sujeito a aperfeiçoamentos. Na cidade italiana de Como, foi confecionado êste uniforme de amianto com outras misturas refratárias ao fogo e às altas temperaturas, podendo uma pessoa vestida com tais recidos, enfrentar sem o menor risco a fúria das labaredas. Dizem os testes, que noventa por cento do calor são anulados pela nova vestimenta, o que não se pode negar em face da foto que se vê aqui, como um voluntário fica imóvel e calmamente em meio a tão destruidor incêndio, sem que dê o menor sinal de que esteja arrependido. Nem sempre «fogo na roupa» nos faz procurar água.**

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 Em que cidade se encontra a tôrre Eiffel:

— Londres?
— Paris?
— Berlim?

2 Em honra de quem foi erguido o Capitólio de Roma:

— Ao papa Leão I?
— Ao deus Apolo?
— A Júpiter?

3 Quantas pessoas podem caber no interior da Basílica de S. Pedro:

— Dez mil?
— Um milhão?
— Quarenta e cinco mil?

4 Das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, quais as que restam hoje:

— As pirâmides do Egito?
— A estátua de Júpiter Olímpico?
— O colosso de Rodes?

5 Quantas faces têm as pirâmides do Egito:

— Cinco?
— Quatro?
— Três?

6 Em que local se erguia a antiga e faustosa cidade da Babilônia:

— Na Índia?
— Na Caldéia?
— Na Pérsia?

7 Como se chamava o indivíduo que destruiu o famoso Templo de Diana:

— Eróstrato?
— Aristóteles?
— Eratóstenes?

8 Sôbre as célebres "Muralhas da China":

— Trata-se de lenda?
— Ainda existem?
— Ou delas nada resta mais?

9 Em que cidade há o maior hotel do mundo:

— Em Araxá, Minas Gerais?
— Na cidade de Nova York?
— Em Chicago?

10 O mês de Maio tem êsse nome em honra de:

— Maria, mãe de Jesus?
— De uma flor, "Mayus"?
— De Maia, filha de Atlas?

11 Quem foi Réia Sílvia:

— Rainha da Babilônia?
— Famosa sacerdotisa de Tebas?
— Mãe dos fundadores de Roma?

12 Que representa o simbolismo do "Ôvo de Páscoa":

— A entrada da Primavera?
— A ressurreição de Cristo?
— A queda de Roma?

13 Qual a mais antiga dinastia real no mundo de hoje:

— A de Hiroíto, no Japão?
— A do Rei da Suécia?
— A da Coroa da Inglaterra?

14 Qual dessas terras a que tem fornecido, até hoje, mais diamantes ao mundo:

— A África?
— O Brasil?
— A Índia?

15 Qual a mais profunda mina de ouro do mundo:

— A de Witwartersann (Transvaal)?
— A de Iena, na Sibéria?
— A de Morro Velho, (M. GERAIS)?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 40)

A SAÚDE DO BEBÊ

REAÇÕES DA TUBERCULINA E SEU VALOR

Dr. SABOIA RIBEIRO

A importância das reações da tuberculina na criança, com o fim de despistar uma tuberculose oculta, ou a natureza de certos processos febris obscuros, decorre justamente de que, nos primeiros anos, a infecção pelo bacilo de Kock, ou não aparenta nenhuma alteração de estado geral, ou simula outras doenças ou estados geralmente benignos.

Mas a reação positiva, no lactente, possui significação particularmente séria.

No lactente, o aparecimento de reações positivas é um dado muito significativo, porque traduzirá, muitas vêzes, uma tuberculose ativa e caminhando costumeiramente para formas na maioria das vêzes, graves. Essa gravidade está em que, nessa idade, são raras as formas localizadas do processo tuberculoso; mas habituais as formas cepticêmicas, generalizadas, como repercussões em todo o organismo da criancinha, como a Miliar, a Broncopneumonia e a Miningite.

Manifestações graves do sarampo, da coqueluche e da gripe, ocorrem, precisamente, em crianças portadoras de reações positivas à tuberculina.

São moléstias que deixam após si condições sempre propícias à infecção tuberculosa (por isso chamadas MOLÉSTIAS ANERGISANTES). Não são raras as manifestações tuberculosas após tais moléstias. Dêsse modo o conhecimento de quaisquer predisposições, através das reações da tuberculina, deve orientar a profilaxia dessas doenças, com o fim de evitar a eclosão de uma tuberculose ativa.

● As reações da tuberculose permitem êsse conhecimento e as medidas adequadas com relação às doenças comuns da primeira infância.

Em geral a criança se acha imune da infecção tuberculosa, variando com a idade e de acôrdo com o quadro abaixo:

84% de 0 a 4 anos;
70% de 5 a 9 anos;
50% de 10 a 14 anos.
(Segundo Wells e Smith).

De modo geral podemos dizer que reações positivas na idade de 0 ano a 6 meses dá uma mortalidade de 100%.

Nesse período, raros os que vencem os processos cepticêmicos, generalizados e mostram lesões constituídas pulmonares.

Estas se mostram para outra idade, em regra.

Quando, não obstante, se mostram nos primeiros anos, a alta mortalidade constitui a grande regra, como se vê da seguinte estatística de Hamburger:

0 a 3 meses	100%
4 a 6 "	100%
7 a 12 "	80%
2 anos	70%
3 "	67%
4 "	60%
5 "	58%
6 "	50%

● **Já acima dos 7 anos a cura das lesões pulmonares é muito freqüente. Devendo ser negativas as reações até os 14 anos, em 50% dos casos, os casos positivos, na infância, obrigam, naturalmente, a exame radiológico dos pulmões, com vistas a quaisquer lesões.**

Em boa ciência, a prática das reações da tuberculina é um dos bons elementos de contrôle da saúde infantil, e não obstante sua simplicidade, não é tão usada como fôra de desejar, reservada mais aos esclarecimentos de casos declarados na clínica, de doenças febris da infância.

No adulto, uma reação positiva à tuberculina carece de qualquer importância; é, muitas vêzes, apenas a expressão de que o indivíduo já travou, na infância, uma luta contra o bacilo daquela infecção, da qual saiu vencedor. Na criança, a significação positiva é outra.

Trata-se, então, de saber se existe ou não um processo em evolução.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, "Baião", Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do "CURSO PRATICO DE DANÇA RITZ". Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **BEDUÍNA (Rio)**

SONHO — Sonhei que subia a escadaria de uma velha mesquita, cujos degraus estavam apinhados de mercadores. Nessa multidão distingui o marido de uma amiga; lembrei-me que ela se encontrava no interior, em companhia de outro homem e, imediatamente, resolvi entrar por outra porta para avisá-la; no caminho, meu impulso foi quebrado por uma secreta alegria ao imaginar que êle ia surpreendê-la numa situação falsa; venceu, entretanto, o primeiro movimento e me encaminhei para a entrada do templo. Ao transpor os umbrais, vi-me diante do mar; minha mãe me chamou para ficar ao lado dela num cais de madeira, mas eu preferi manter-me sôbre um bloco de pedra, respondendo: — A senhora sabe que eu não gosto de construções modernas. — Nisso, outra amiga veio avisar-me de que o derviche desejava falar-me; ao chegar perto dêle, recebi esta advertência: — Pense bem no que está fazendo. — E acrescentou: — Olhe para trás e veja o que a espera, se não mudar de atitude. — Olhei na direção indicada e vi uma larga estrada de fogo, em cujas bordas mulheres vestidas de branco pulavam e gesticulavam como loucas. — Infelizmente, acordei aí.

INTERPRETAÇÃO — Em seu cérebro deve haver uma multidão de pessoas com as quais mantém relações sociais, mas de quem deve estar algo enfadada pelo egoísmo que reina entre elas (escada apinhada de mercadores). Não obstante tem amigos certos com quem conta nas horas amargas de sua vida (o amigo que reconheceu entre os mercadores). Em seu coração há laivos de desejos de vingança (alegria ao imaginar a má situação em que ficaria sua amiga), mas você os sufoca e recalca (vitória do bom impulso) e, talvez, lembrando-se da lei do **choque de retôrno** ou, antes, da lei de **dar e receber**, procura justamente auxiliar àqueles que gostaria de prejudicar (avisar a espôsa do seu amigo). Ao avistar o mar, por analogia, você lava todos os seus ressentimentos e adquire novas fôrças. Você é algo teimosa (recusa em atender ao convite de sua genitora) e se julga vigiada (chamado do derviche), ou, pelo menos, cerceada em seus anseios. Acredito ainda que sofra dolorosamente por haver deixado um passado de angústias (estrada de fogo) onde o véu de sua dourada ilusão foi despedaçado por algum **salteador** de corações... (advertência do derviche).

● **LOURO (Rio)**

SONHO — Caminhava, em companhia de uma desconhecida, por uma varanda coberta por uma trepadeira muito verde. Fui até o fim e, na volta, encontrei sôbre a mesa o cadáver de um ancião. Comentei com a senhora a estranheza do fato, pois, quando saíramos, o cadáver não estava ali. Entrei em casa e fui para uma sala tôda de ladrilhos, voltando a conversar com a desconhecida sôbre aquêle morto. Êle estava coberto até o pescoço e tinha na cabeça uma auréola. Quando me aproximei, êle me puxou pela mão o que provocou a queda de minhas duas alianças. Mesmo em sonhos achei o fato muito esquisito, pois os anéis são muito justos no meu dedo, e raciocinei: — Se ainda fôssem de brilhantes, seria possível. Mas acontece que ambas caíram.

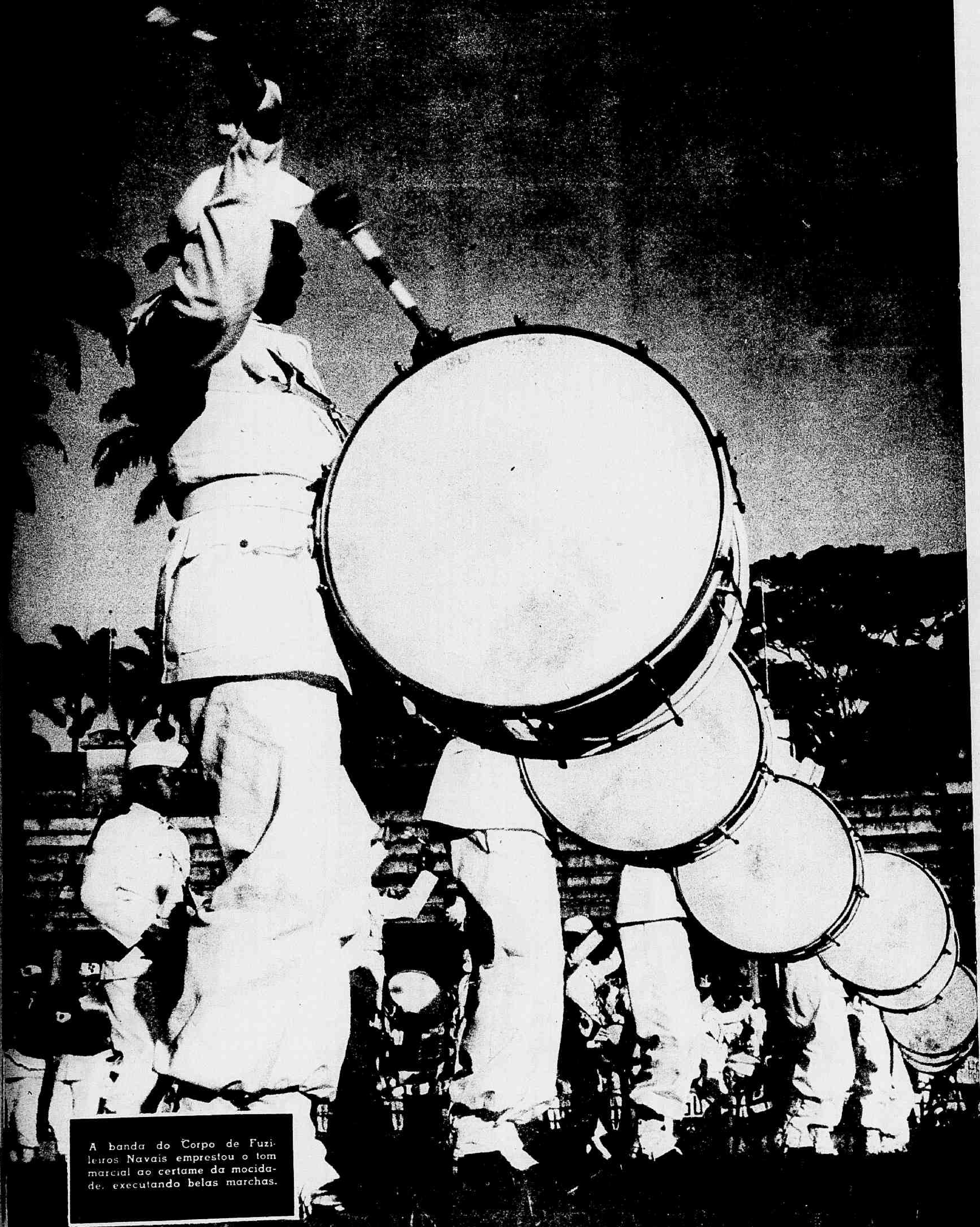
● INTERPRETAÇÃO — Todos somos possuidores de multiformes espécies de personalidade em nosso ego. Ora nos fazemos crianças, ora tomamos o aspecto de um sisudo ancião, ora nos sentimos fortes como um ginasta, ora a nossa mente se debilita como uma alquebrada velhinha em seus últimos tempos de vida. E assim, nesse cenário caleidoscópico, nos vemos como qualquer personagem que a nossa imaginação queira criar. Daí, Louro, o seu sonho com o velho morto. Há, ainda, a bela interpretação psíquica de renovação ou ressurgimento mental, moral e espiritual, quando deixamos para trás as velharias (ancião morto) de nossa mentalidade cheia de erros e preconceitos e seguimos uma estrada risonha onde tudo nos fala de felicidade e amor universal (trepadeira verde sôbre a varanda). Em seu sonho existe um como que estado de apreensão e dúvida (alianças caídas), estado êsse de um certo modo natural, por conhecermos a precariedade da vida material e a pouca estabilidade dos pensamentos e sentimentos humanos. Você, em muitos atos de sua vida cotidiana, chega a se desconhecer (senhora desconhecida) e se pergunta se foi você mesma que fêz tal ou qual ação — boa ou menos caridosa. E' claro, trazemos no coração, dormindo e morando juntos, um lôbo e um cordeirinho... E de nós depende deixar expandir-se um ou outro. Só a autoeducação nos poderá livrar do lôbo e deixar falar em nós a ovelhinha do rebanho do Grande Pastor: Deus dentro de nós. Não se impressione com os sonhos, Louro: êles são o reflexo de nossos próprios pensamentos que, como borboletas, voam em tôrno de mil flores diversas na roda da vida.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

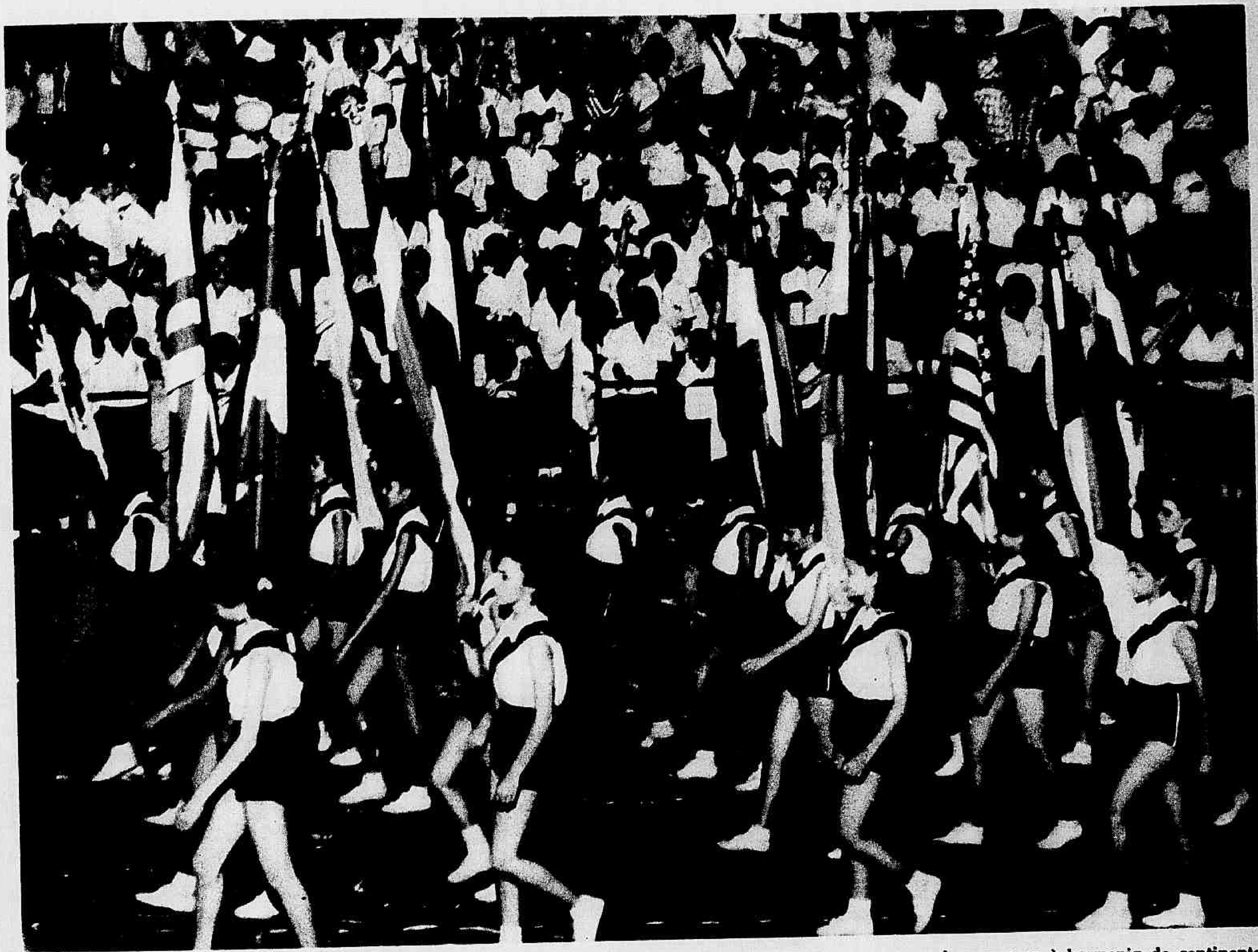
EXPRESSÕES POPULARES VII

CRIAÇÃO DE DARCY





A banda do Corpo de Fuzileiros Navais emprestou o tom marcial ao certame da mocidade, executando belas marchas.



Desfila o Vasco diante da torcida. As jovens vascaínas conduzem bandeiras das Nações Americanas, numa homenagem à harmonia do continente.

JOGOS INFANTIS DE 53

A MOCIDADE DAS NOSSAS ESCOLAS E COLÉGIOS DESFILAM NO ESTÁDIO DO FLUMINENSE ★ OS CLUBES ESPORTIVOS EMPRESTAM TÔDA A SOLIDARIEDADE ★ UM DELIRANTE DIA DE FESTAS, SÁBADO, 11 DE ABRIL

A tarde de sábado, 11 de abril, realizou-se com o maior brilho e entusiasmo a abertura dos Jogos Infantis de 1953, constantes da II Olimpíada Infantil, promovida pelo «Jornal dos Esportes», no estádio do Fluminense. O número de participantes subiu êste ano a mais de dez mil, acontecimento inédito nos anais cívico-esportivos do país, e talvez, de tôda a América do Sul. A parada infanto-juvenil, pela magnitude de que se revestiu, empolgou a imensa multidão que acorreu àquele campo de futebol, não se cansando de aplaudir as organizações escolares ou esportivas que tomavam parte nos desfiles. É curioso ressaltar a presença de torcidas organizadas com o propósito de estimular os seus respectivos clubes. Uma nota emocionante, a presença do contingente do corpo discente do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, composto de alunos do curso normal daquele educandário, futuras professôras das crianças que também desfilaram nos Jogos Infantis e ali estudam. A banda do corpo de Fuzileiros Navais, com seus duzentos e quarenta homens e grande número de tambores, deu à festa uma magnificência simplesmente sensacional. Nota emocionante, foi aquela em que os nossos marujos formaram com seus corpos, uma âncora, em plena marcha, e, em seguida, ainda marchando, a palavra BRASIL. Depois dessa surprêsa aplaudidíssima, deu entrada na pista do Fluminense, a atleta-mirim dêsse Clube Regina Lima Pires de Carvalho, tendo como guarda de honra duas garôtas do Grêmio de Alvaro Chaves. Em seguida a entrada do pavilhão



«Juramento» dos atletas mirins, vendo-se na fotografia, banguenses de auto e bicicleta.


Que sono! Se o inspetor do trátego visse... Que multa não aplicaria êle no «bambino».


Esta foi a «Baliza» vencedora, evoluindo por duas horas, demonstrando sua grande forma.


A garotinha que aqui vemos vestida de grega, estava encabulada com os «troianos».


A moreninha bate um papo com as duas louras, numa demonstração de confraternização.


Os «Pequenos Jornaleiros» também se fizeram presentes ao belo festival da mocidade.


Aqui são vistos os «Sansões» de amanhã fazendo pose com o estufamento dos peitos.


O pequenino atleta aguarda também a sua vez de fazer um bonito como o que vemos.

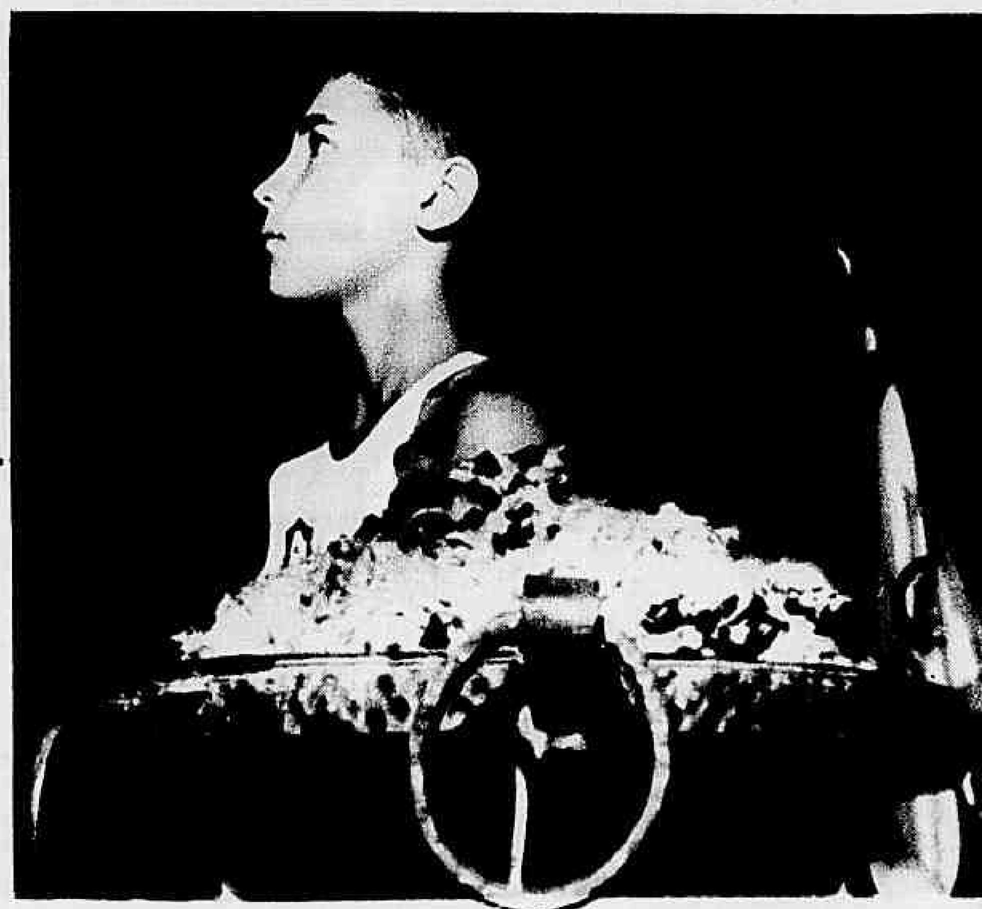

A garôta ficou de bôca aberta diante daquele «ás», com o «rabo de sardinha».


Aqui aparece a Baliza do Colégio Duque de Caxias, que deslumbrou até aquêle totòzinho.



A bandeira do Brasil, conduzida pela atleta Regina Pires Lima de Carvalho e com a guarda de honra de atletas do Fluminense Futebol Clube, rompe a marcha triunfal pelo campo.

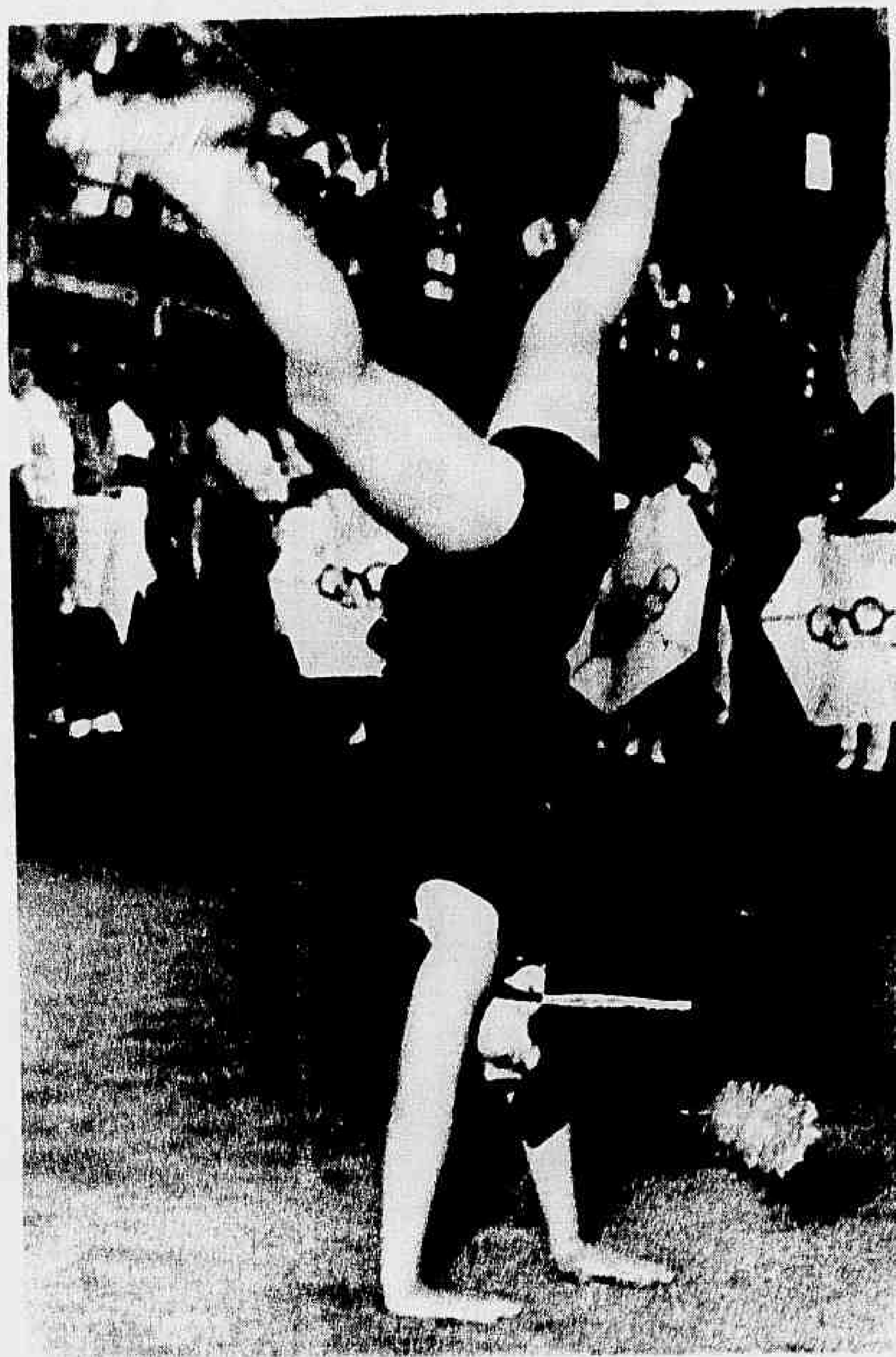
surge o primeiro contingente escolar. Era nacional, recebido sob veementes aplausos, formado pelos alunos do Colégio Anglo-Americano, tendo à frente sua ágil «Baliza», seguida da mascote e de várias delegações esportivas, como: Futebol de Botões, Corrida de Arco, Bola de Gude, Velocípede, Automóveis de Pedal, Patinetes e outras modalidades dos chamados «Pequenos Jogos». Depois vieram à arena os atletas inscritos: de Voleibol, Basquetebol, Natação, Atletismo, Ciclismo, além de outros gêneros esportivos. O desfile dos educandários se revestiu de grande imponência, iniciando-se com o do Colégio Anglo-Americano, que se apresentou com um garbo e preparação invulgar, pelas alegorias e uniformes; o Colégio Rio de Janeiro brilhou pelo seu vultoso contingente tendo à frente uma graciosa «Baliza». O Colégio Pio-Americano exibiu, com muita felicidade, uma alegoria de louvor à Grécia, com várias jovens «helênicas» a conduzir, em garboso desfile, as cinco argolas olímpicas, seguidas dos contingentes infantis, todos representando Pequenos Jogos. Os subúrbios estiveram presentes, pela Escola Boa Esperança, de Campo Grande, cujos petizes mereceram aplausos da grande multidão. Além dos mais importantes institutos de ensino, emprestaram sua solidariedade aos festejos os nossos grandes e pequenos clubes esportivos: o Flamengo, o Botafogo, o América, o Vasco da Gama, Bangu, Tijuca T. C., Colúmbia, Confiança, Mirim, Bandeirantes, Dínamo, Astória, Guarani, Grêmio Estudantil Pierre, S. Carlos, E. C. Garnier, Silvestre, Dragão Negro, Copacabana, Tamoio,



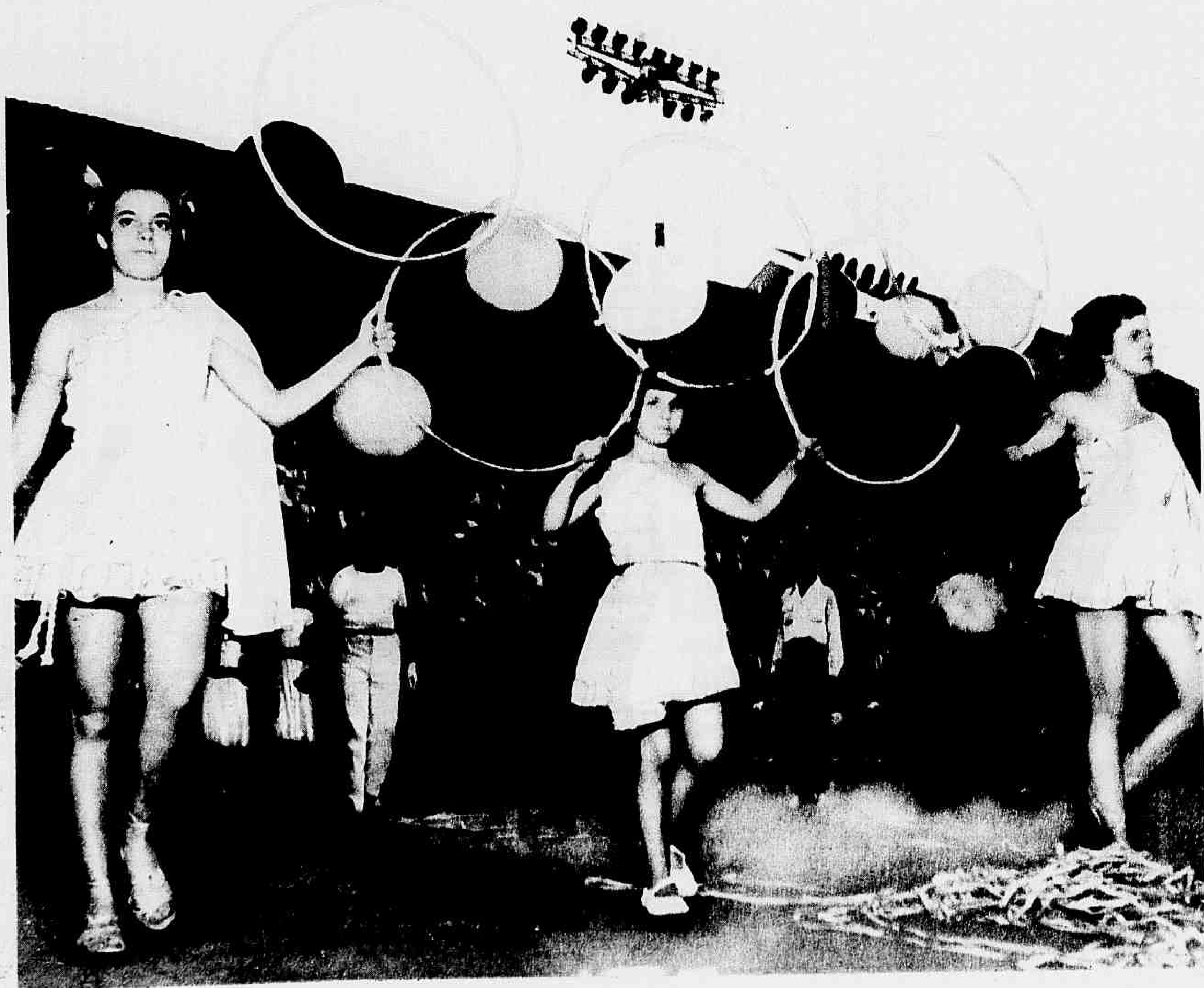
Ao atleta vencedor dos jogos do ano passado, Paulo Borer, pertencente ao aristocrático Fluminense Futebol Clube, coube a grande honra de acender o «Fogo Simbólico» dêste ano.



Balizas do Colégio Anglo-Americano, abrem a marcha para os colegas em grande forma e garbo marcial.



A Baliza do Colégio Rio de Janeiro provocou entusiásticos aplausos da multidão, com as suas acrobacias.





A velha Grécia dos Jo
vas e educacionais. A

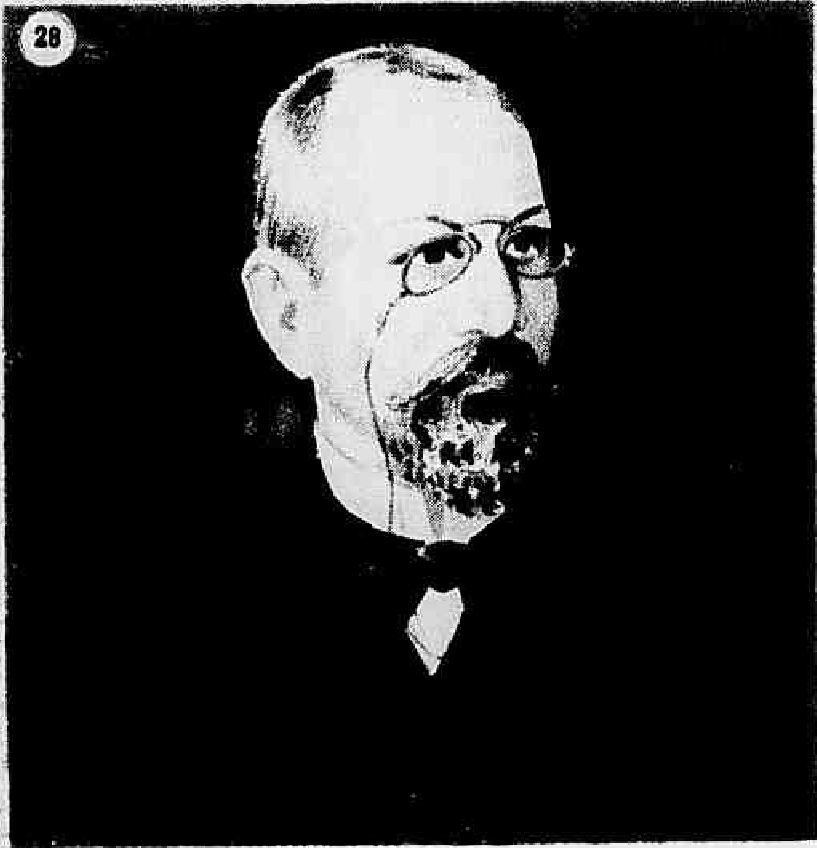
Unidos de Cachambi,
de outros que compo
infantil na qual tomar
do ano passado foram
agora a abertura do
homenagem que o gr
em nossas pistas, len
Dante Palombo, Morai
em virtude de sua d
quatro horas, arranca
pequeninos esportista



Grécia dos Jogos Olímpicos, sempre é relembrada em nossas festas esporti-
acacionais. Aqui vemos três «jovens gregas» com suas «argolas olímpicas».

M-E-N-G-O significa «Flamengo», o mais querido. Pois o C. R. Flamengo, que é herói de futebol, fêz-se representar por estas flamenguinhas de enlouquecer.

Cachambi, S. Jorge, Belenense, Grajaú, Minas, Peñarol, e uma dezena que compareceram no campo do Fluminense, prestigiando uma festa qual tomam parte adultos e patriotas de tôdas as idades. Os campeões assado foram os componentes do clube de Álvaro Chaves, cabendo-lhes abertura dos desfiles. Tocou à sensibilidade de tôda a assistência, a m que o grêmio das Laranjeiras prestou à memória de volantes mortos s pistas, lendo-se os nomes de Irineu Correia, Nino Crespi, Jean Archard, ombo, Morais Sarmento, esportistas de fama universal, e que sucumbiram e de sua dedicação ao esporte. O grandioso desfile se prolongou por oras, arrancando aplausos vivíssimos da colossal assistência, todos os os esportistas que, com sua graça e alacridade, tomaram parte na memorável festa. Nota sensacional foi a da vitória da graciosa senhorita Marize Cerqueira, linda «Baliza» rubro-negra, que, com muita justiça, levantou o primeiro lugar nas competições do seu gênero. Coube ao Vasco o primeiro lugar em alegorias. Representava o seu desfile a história do esporte através do tempo, desde a idade paleolítica até aos nossos dias. Estiveram presentes, na tribuna de honra, o representante do Sr. Presidente da República e muitas autoridades, assim como personagens do mais elevado destaque, do nosso mundo social e esportivo. O acontecimento teve tal magnitude que, dificilmente poderá apagar-se da retentiva de quantos, crianças ou adultos, ali estiveram para ver e admirar o garbo de nossa mocidade, educada nos mais elevados sentimentos de patriotismo e educação cívica.


28


154


74




136

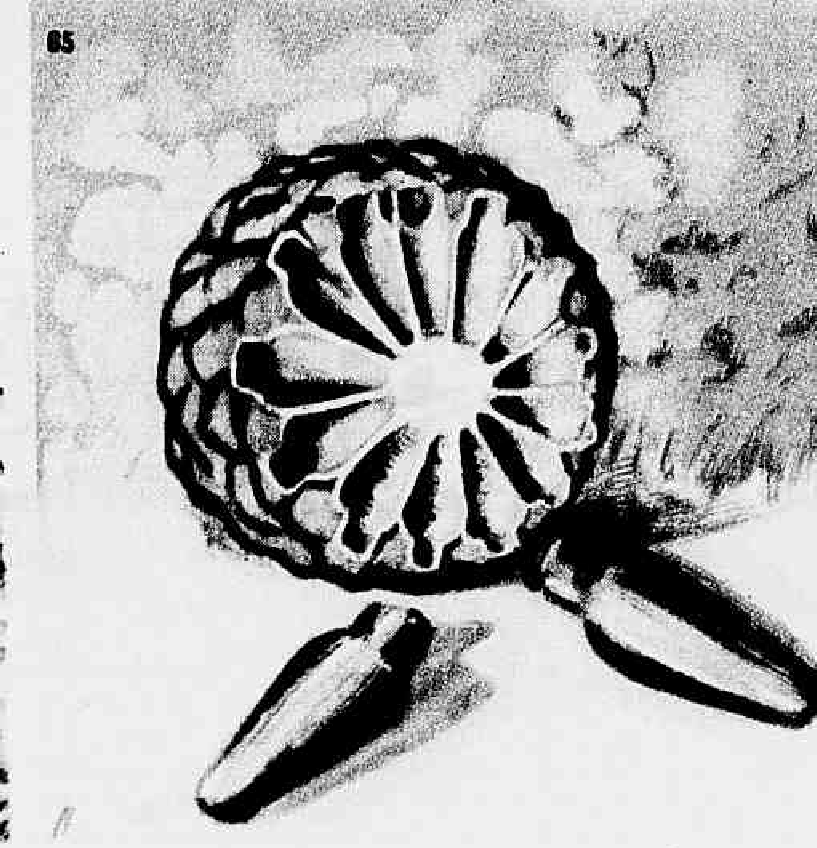

82


5


100


6


113


65


138



Ao lado do pavilhão nacional, tremula a bandeira de S. André da Borda do Campo: uma faixa preta circundando um escudo.

SANTO ANDRÉ FÊZ 400 ANOS

MONUMENTO OFERECIDO PELA COLÔNIA PORTUGUÊSA E RELÓGIO DOADO PELOS NIPÔNICOS ★ UM DOS MAIS ADIANTADOS CENTROS FABRIS DA AMÉRICA LATINA ★ GRANDIOSAS FESTIVIDADES SERÃO REALIZADAS ★ DIA DEZ DE MAIO DAR-SE-Á A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL.

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JR. **Fotos de DARIO TERINI**

S. Paulo, abril — Dia 8 último, Santo André da Borda do Campo, constituída atualmente pelos municípios independentes de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, comemorou festivamente o IV centenário de sua fundação. Cidade progressista, um dos maiores parques industriais da América do Sul, Santo André é hoje um marco do progresso brasileiro, mercê do esfôrço de sua população laboriosa.

Fundada a 8 de abril de 1553, por João Ramalho,a Villa de Santo André da Borda do Campo teve vida curta em sua primeira fase. Em 1560, por ordem do governador geral, Mem de Sá, suas casas foram destruídas e seus habitantes transferidos, para maior segurança, para dentro das muralhas da recém-fundada São Paulo de Piratininga.

A despeito dessa mudança, a vilazinha de antanho renasceu das próprias cinzas e progrediu continuamente, até converter-se em um dos expoentes máximos do parque industrial brasileiro. Rodovias e ferrovias rasgaram suas terras, levando-lhe a civilização.



O povo, sem distinção de classes, credos ou partidos, solidário com as autoridades nas brilhantes comemorações, encheu as praças e ruas

De simples vilarejo passou a município. Entretanto, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul também cresciam, e de distritos de Santo André, passaram a constituir municípios independentes. A mesma febre de progresso as envolvia.

O QUE E' A CIDADE

Santo André está a 900 metros acima do nível do mar, e a cêrca de 20 quilômetros de São Paulo. Sua área é de 347 quilômetros quadrados, e sua população de 128.051 habitantes, segundo o censo de 1950.

A vida econômica do município é baseada no seu extenso parque industrial, que conta com mais de 700 indústrias diversas, das quais merecem menção especial as que seguem: Companhia Química Rhodia Brasileira; Lanifício Kowarick S.A.; Cia. Brasileira Rhodiaceta; Valisére, S.A.; Laminação Nacional de Metais S.A.; Pirelli S.A.; Indústria de Pneumáticos Firestone; Máquinas Santo André, Ltda.; Cia. Brasileira de Cartuchos; Cia. Brasileira de Construções Fichet e Schwartz Hau... General Electric S. A.; Elevadores Otis S... Cia. Swift do Brasil; Indústria de Porce... Brasil; Porcelana Real S.A.; Porcelana Mauá; International Harvester Máquinas S. A.; Móveis Streiff S.A.; Tecelagem Helvética; União Vinícola Americana; Santex S. A.; Moinho Sel mi-Dei; Moinho Fanuchi; Lidgerwood Industrial; Cerâmica Santa Helena, e inúmeras outras, que tanto enriquecem o patrimônio industrial brasileiro.

O valor total da produção dessas indús-



Clara Mueller, desportista bandeirante, entrega a tocha simbólica transportada por atletas veteranos de S. Vicente a Santo André.



O belo e monumental relógio oferecido pelos japonêses locais para marcar os dias e as horas futuras do progresso de Santo André.



Quando D. Paulo Rolim, bispo auxiliar de São Paulo, oficiava a missa comemorativa assistida com fervor pelas autoridades e pov...



O belo monumento a João Ramalho, o «Patriarca dos Bandeirantes», saldou uma divida do presente vitorioso com o passado de lutas.



Os prefeitos Campanella, Fioravante Zampol e Paulo Gomes, o «triunvirato cívico» das festas.

trias do município, que em 1940 havia sido de Cr$ 696.886.300,00, passou para Cr$ ...... 1.561.414.000,00, em 1944, Cr$ 2.500.000.000,00, em 1947, e, finalmente Cr$ 6.128.941.413,00, em 1951.

Os principais produtos elaborados em Santo André são têexteis, metalúrgicos, químicos, artefatos de borracha e pneumáticos, material elétrico, móveis, cerâmica, produtos de cimento, couro, adubos, alimentos, bebidas e produtos farmacêuticos.

O número total de operários empregados nessas indústrias é de 35.439, elevando-se a Cr$ 75.920.656,90 o total de suas contribuições para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Mas a cidade fundada por João Ramalho não vive apenas da indústria. Possui, ainda, 2.792 propriedades agrícolas e 2.700 estabelecimentos comerciais, inclusive doze bancos. O número de associações culturais existentes no município é de 60. Segundo os registros municipais, Santo André possui: 27.000 prédios lançados; 600.000 metros quadrados de ruas calçadas; 56.934 metros de encanamentos de água; 27.043 metros de rêde de esgotos; 6.420 ligações domiciliares de água e 5.680 de esgôto; 600 quilômetros de ruas; 30.049 eleitores inscritos; 17.885 consumidores de energia elétrica (com um consumo total de 197.269.666 kw/h ou Cr$ 32.631.579,00, em 1952); 1.110 lâmpadas elétricas nas vias públicas; 5 cartórios de registro civil; 6 cemitérios; 2 asilos; 6 associações de classe; 11 sindicatos; 1 jornal diário; 4 revistas de caráter religioso-educativo, editadas pela Casa Publicadora Brasileira; 11 tipografias e 3 hotéis e 8 pensões.

ARRECADAÇÃO

A arrecadação total de Santo André, em 1952, atingiu Cr$ 510.475.133,00,assim distribuídos: arrecadação municipal, Cr$ .... 61.670.522,00; estadual, Cr$ 147.251.408,00, e federal, Cr$ 301.553.203,00. No seu conjunto essa arrecadação é a terceira maior do Estado de São Paulo, ultrapassando a de muitas capitais brasileiras.

SÃO CAETANO

São Caetano do Sul, por sua vez, é outra cidade progressista, outrora pertencente, como São Bernardo, a Santo André da Borda do Campo. O município tem sua receita do ano em curso orçada em Cr$ 42.950.000,00, contra Cr$ 35.355.000,00 em 1952.

Entre as principais indústrias de São Caetano incluem-se as seguintes: Anderson Clayton & Cia., Ltda.; Artefatos de Madeira Willo, Ltda.; Indústria Cerâmica Americana, S.A.; Cerâmica São Caetano; Cia. Brasileira de Mineração e Metalurgia; Cia. Nacional Forjagem Aço Brasileiro (Confab); Cia. Siderúrgica São Caetano; Cia. Swift do Brasil; Elevadores Atlas, S.A.; Fábrica de Tintas Ideal, Ltda.; Ferro Enamel, S.A.; Fiação e Tecelagem Nice S.A.; General Motors do Brasil, S.A.; Indústrias Reunidas F. Matarazzo S. A.; Produtos Químicos Proquil Ltda.; Sociedade Industrial Tetracap Ltda.; Sociedade Eletroquímica Selqui Ltda., e muitas outras.

Para a área total de 13 quilômetros quadrados possui o município 60.201 habitantes, ou seja um índice médio de 4.637 habitantes por quilômetro quadrado. Figura, assim, em primeiro lugar, entre as cidades de maior densidade demográfica, pois que São Paulo possui apenas 1.371 habitantes por quilômetro quadrado.

As construções particulares ocupam uma área total de 190.000 metros quadrados, sendo de 15.000 o número de prédios construídos. Além de suas 270 indústrias, cuja produção atinge três bilhões de cruzeiros e onde trabalham 15.000 operários, possui também o município 900 estabelecimentos comerciais, inclusive cinco bancos. Existem ainda um hospital em funcionamento e um outro em construção; duas creches; dois ginásios e uma escola normal; seis grupos escolares e seis escolas particulares, e dezesseis outros estabelecimentos de ensino, quase todos de natureza profissional; 35 clubes esportivos, e dois jornais.

SÃO BERNARDO

São Bernardo do Campo, o terceiro dos municípios que comemorou com júbilo a fundação de Santo André, abrange uma área de 440 quilômetros quadrados, povoado por .... 29.409 habitantes. Sua arrecadação total, em 1952, foi de Cr$ 130.787.721,00, assim distribuída: municipal: Cr$ 15.101.016,00 estadual .... 46.486.705,00; federal, Cr$ 69.200.000,00.

Nas suas duas centenas de indústrias, São Bernardo emprega 4.500 operários. Entre as fábricas existentes destacam-se 55 de móveis, 14 de tecidos, uma fábrica de discos fonográficos (Odeon), duas fábricas de montagem de automóveis (Brasmotor e Varam), a Cinematográfica Vera Cruz, e ainda 68 olarias, várias cerâmicas, e duas estações de rádio.

Oito grupos escolares servem à população infantil, existindo ainda quinze escolas estaduais, isoladas, 21 escolas municipais, um Colégio Estadual, a Escola Normal João Ramalho, dois ginásios particulares um externato e uma escola industrial.

A FESTA

Foram essas três progressistas cidades, nascidas da intrépida coragem de João Ramalho, que festejaram no passado dia 8 o IV centenário da sua fundação.

(Cont. na pag. 41)



Quando a senhora Fioravante Zampol entregava uma bandeira brasileira ao Tiro de Guerra 248, com aplausos da assistência.

NOTICIÁRIO



José Lins

«MENINO DE ENGENHO», EM FRANCÊS — Acaba de aparecer, em Paris, com um prefácio muito significativo de Blaise Cendrars, sem dúvida um dos maiores conhecedores de nossas letras, na França, o romance de estréia de José Lins do Rêgo, «Menino de Engenho». Com êsse livro foi iniciado o «ciclo da cana de açúcar», continuado em outros romances do escritor nordestino. Sem dúvida, «Menino de Engenho» é o romance que melhor caracteriza a literatura de José Lins.

★

RESTABELECIDO JORGE DE LIMA — Uma notícia muito grata a todos nós, amigos de Jorge de Lima, esta, de que êle já está restabelecido de grave enfermidade que por alguns dias o afastou do nosso convívio e das belas tardes de seu acolhedor consultório na Cinelândia. O grande poeta já tem comparecido ao seu gabinete de trabalho e de sonho, onde o tem cercado o carinho de seus muitos afetos.



Jorgé de Lima

★

«REVISTA BRANCA» — Mais um número da prestigiosa «Revista Branca» está em circulação. Esta edição da querida publicação é uma homenage ao poeta Jones Rocha, o querido escritor desaparecido em janeiro dêste ano, com vinte e cinco anos de idade. Artigos e poemas, dedicados à memória do poeta morto, envolvem de estima a lembrança que nos deixou.

★

NOVO ROMANCE DE JOSÉ GERALDO — Anuncia-se um novo romance de José Geraldo Vieira. Chama-se «Terreno Baldio» e será um grosso volume, edição da livraria Saraiva, de São Paulo.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● CURSO DE MATEMÁTICA, de Algacir Munhoz Maeder, para a 2.ª série do ginásio, é mais uma realização das Edições Melhoramentos muito útil para os estudantes e os professôres, porquanto o volume oferece amplos ensinamentos, problemas bem apresentados e confirma as qualidades didáticas do autor, grande autoridade na matéria.

● OBJETOS E FRUTAS — Material didático muito apreciado, repleto de atrações mesmo para os adultos, os "Quartetos Melhoramentos" já haviam abrangido os mais variados temas, em suas 48 cartas coloridas e com legendas explicativas: Aves do Brasil, Escritores do Brasil, Flores do Brasil, Cidade de S. Paulo, Figuras do Carnaval, Nossa Horta, Grandes Compositores, Grandes escritores, Quarteto das Crianças — aos quais as Edições Melhoramentos acrescentam o de "Objetos e Frutas", nos mesmos bonitos moldes.

● ATIRE A PRIMEIRA PEDRA — Na prestigiosa coleção "Dionysos", editada pelo Serviço Nacional de Teatro, sob a direção esclarecida e dinâmica de Aldo Calvet, vem de aparecer a peça de estréia de Didi Fonseca, um dos mais fortes valores femininos do Paraná, autora de poemas inspirados e escritora de talento bastante expressivo. "Atire a Primeira Pedra", a par de algumas indecisões, principalmente de ordem técnica, marca uma autêntica vocação a que a simpatia da acolhida, que aliás merece, abrirá um largo horizonte em nossas letras teatrais.

● MINAS DE SAN FRANCISCO — Recebemos, por gentileza do autor, um exemplar da segunda edição de "Minas de San Francisco", romance do escritor português Fernando Namora, certamente um dos romancistas mais significantes da nova geração de escritores lusos. Em edição da Editorial Inquérito, de Lisboa, o livro tem uma bela capa de Manuel Ribeiro de Paiva e é apresentado em cuidada obra gráfica. Com vagar, falaremos pròximamente dêste romance do autor de "Retalhos da Vida de um Médico", a que nos referimos há tempos.

● MODERN ENGLISH — De autoria de F. Pietzschke, para a 2.ª série do Ciclo Colegial, é mais uma obra didática das muitas que as Edições Melhoramentos apresentam aos alunos e aos professôres. Seguindo a orientação de seus trabalhos do gênero, a editôra em causa adota as normas exigidas pelo programa oficial.

● SELETA (PORTUGUÊS PRÁTICO) — Para as séries 3.ª e 4.ª do curso ginasial, é de autoria de Marques da Cruz, já conhecido favoràvelmente nos meios estudantis. Publicada pelas Edições Melhoramentos, esta "Seleta" já se encontra na 6.ª vitoriosa tiragem — prova do acolhimento que tem encontrado.

UM LIVRO:

MOTIVOS E APROXIMAÇÕES

OS ENSAIOS históricos reunidos sob o título geral de "Motivos e Aproximações", confirmam as qualidades de historiador e de crítico de Carlos Pontes, a quem já deviam nossas letras a excelente obra sôbre Tavares Bastos, mais do que biografia, amplo estudo a respeito do grande brasileiro. Aqui, Carlos Pontes aborda vários episódios de nossa História, fixando acontecimentos, para estabelecer-lhes a verdade ou produzir interpretações, as mais sábias, isso, com estilo de primeira ordem, atraente por sua desafetação e sua simplicidade, desbastado do fácil cientifismo e sem o tom irritante de que, no geral, padecem obras de investigação e controvérsia.

Para só citar um exemplo dêste trabalho paciente de alfarrabista, com fé no documento autêntico, sem o recurso à bibliografia anterior, vejamos o capítulo dedicado à ação parlamentar do poeta Luís Delfino que, a nosso ver, esclarece um ponto de suma importância de nossa história literária que, entretanto, os especialistas têm deixado passar em julgado, preferindo atribuí-lo à volubilidade do temperamento de Sílvio Romero, o que não honra, nem o crítico, nem o poeta. Como se sabe, o grande crítico recebeu Luís Delfino com hostilidade. Mais tarde reconheceu-lhe qualidades, penitenciando-se do que antes dissera. Os historiadores citam o caso como um exemplo contra a crítica de Romero. Agora, com o capítulo dêste livro, intitulado "Um Discurso de Luís Delfino", esclarece-se pelo menos o motivo da mudança de opinião do grande crítico que exigia do poeta um compromisso com a realidade ambiente, sua dedicação a um ideal de luta. Êsse motivo foi exatamente a ação parlamentar de Luís Delfino, tendo êle defendido o projeto de lei em favor da família de Tobias Barreto. Ora, não apenas o poeta vinha se integrar, como deputado, nas exigências que impunha Sílvio, como, além disso, defendia uma causa humana, das mais nobres, em favor dos descendentes do mestre, a que Sílvio estava tão intimamente ligado. E assim, tempos depois, Sílvio proclamava Luís Delfino o maior poeta do país.

O livro de Carlos Pontes é dos mais interessantes e probos que se têm publicado entre nós, nesse gênero, sua leitura fácil e agradável, tanto contribui para isso a simpatia humana em que mergulha o autor, situando seus ensaios em um nível elevado, de onde se projeta a nobreza do historiador e as galas do estilista.

UM AUTOR:

GILBERTO AMADO



A EDIÇÃO recente que a livraria José Olímpio vem fazendo das obras completas de Gilberto Amado, com a alegria que nos dá a nós, velhos admiradores dêsse grande espírito, deve estar causando aos moços a máxima estupefação, com o prazer do descobrimento de um grande vulto de nossas letras contemporâneas com a marca profunda do gênio e com uma obra ciclópica das mais significativas de nossa língua. Desejaríamos conversar um pouco com os jovens poetas e escritores do Brasil sôbre o "caso" Gilberto Amado. Estamos certos de que o encontro do poeta, do romancista, do ensaísta, do pensador, servido por um lastro de cultura que dificilmente se assinala entre nós, com um poder criador que o situa entre nossos mais prestigiosos ficcionistas, com uma arte de escrever como raro encontramos em nossas antologias mais seletas, com uma inquietação e uma versatilidade, a respeito dos profissionais mais graves e mais diversos de nosso tempo, isso, com uma modernidade de tratamento e uma amplitude de visão que não se barra nas nossas fronteiras de pensamento — estamos certos de que êsse encontro há de ser, para êles, dos melhores orgulhos e, ao mesmo tempo, da mais fecunda utilidade, quer como nosso estímulo, quer como garantia de que são menos efêmeros do que parecem os legítimos valores espirituais.

● Gilberto Amado é realmente uma das inteligências mais complexas e mais universais que já produziu o Brasil. Sua obra poética, quase ignorada entre nós, contudo se situa entre as mais puras e mais altas que já foram escritas no Brasil. Seus livros de ensaios, a partir de "A Chave de Salomão" — obra tão prezada da geração dos que já fizemos cinqüenta anos, que tanta emoção nos deu à adolescência e tanto satisfez às ansiedades de nossa juventude — foram sempre um roteiro de interpretações superiores, um guia claro e seguro sôbre uma multiplicidade de assuntos que provocavam a nossa curiosidade e nosso anseio de conhecimento. Seus romances, por outro lado, vieram estudar uma época, iluminando-lhes as contingências e os conflitos, através de um estilo e de uma prosa como já não se trabalham entre nós. A edição das obras completas de Gilberto Amado, gigante do pensamento e da ação, representa o melhor prêmio que se poderia dar à nova geração.



Carol, que, na primeira guerra mundial, casou-se, pela primeira vez com Zizi Lambrino, filha de um coronel do exército rumeno. O pai de Carol, o Rei Fernando, mandou prendê-lo e deportou Zizi, que acaba de morrer em Paris, na mais extrema miséria. Fôra a primeira aventura do Príncipe.

O REI TURISTA

Texto de DEMÓSTENES VARELA

ERAM dezesseis horas do dia 7 de abril de 1953, quando, pouco mais de uma centena de pessoas, dentre as quais muitas senhoras cobertas de luto, acompanhavam o cortejo fúnebre em direção da igreja de S. Vicente, em Lisboa. Chegando o esquife ao templo, foi o mesmo colocado no Panteon dos Braganças, enquanto uma banda de música militar tocava a Marcha Fúnebre de Chopin. Tôdas as pessoas, sob a maior emoção, ouviram as preces pronunciadas pelo padre anglicano, que oficiou os ritos diante do cadáver. O ataúde descansou, finalmente, sôbre um pedestal negro, vis-a-vis ao túmulo da rainha Amélia, última pessoa do ramo dos Braganças ali sepultada. Quem era o defunto real para figurar entre mortos de uma dinastia lusitana? Era Carol, Rei da Rumânia, bisneto da Rainha D. Maria II, que foi soberana de Portugal nos começos do século XIX. Dentre as pessoas que foram dar o último adeus ao famoso e irrequieto Rei Carol, se achava Helena, aquela delicada princesa da Grécia, a quem êle abandonou para unir-se a madame Magda Lupescu, com a qual contraiu núpcias no Rio de Janeiro, onde passou alguns anos. Carol, quando no trono da Rumânia, sempre se mostrou hostil à política expansionista de Hitler; mas não lhe sendo possível deter a marcha do nazismo avassalador, permitiu que também em sua pátria vicejasse, embora sem raízes profundas na alma do povo, o sistema hitleriano, fundando-se ali a "Guarda de Ferro", organização de figurino fascista, com Antonescu à vanguarda. Essa agremiação política passou a dominar o país, determinando sua abdicação em 1940. Carol não foi substituído pela República, como fazia crer, apesar das influências germânicas e da pressão fascista. Sucedeu-o seu filho, o príncipe Miguel.

FOI ÊLE UMA BARREIRA CONTRA HITLER ★ A COROA DE REI O INCOMODAVA, COMO SE FÔSSE DE ESPINHOS ★ DEPOIS DE UM CASAMENTO MORGANÁTICO COM ZIZI, FOI PRÊSO PELO PAI ★ DESPOSOU HELENA, PRINCESA GREGA, E A ABANDONOU PELOS ENCANTOS DE MAGDA LUPESCU ★ VEIO PARA O RIO EM 1944, CASANDO-SE COM MME. LUPESCU ★ O OCASO DO REI CAROL E SEU SEPULTAMENTO EM LISBOA ★ PORQUE O GOVÊRNO PORTUGUÊS PERMITIU ISSO ★ SUA PRIMEIRA MULHER MORREU NA MISÉRIA

Com isso, sua mulher, a Princesa Helena, retorna a Bucareste, de seu voluntário exílio na Itália. Carol vai passar temporada no México, em companhia de Lupescu e pessoas que o serviam, e que o acompanharam em sua queda. Carol, certa vez, desejando entrar nos Estados Unidos, não obteve visto no passaporte. O motivo era óbvio: sua intenção clara e decidida, era continuar a luta contra Hitler, a fim de libertar a Rumânia da ocupação alemã.

Carol dirigia o movimento de organização. de todos os compatriotas espalhados pelas Américas, num só bloco, para que salvassem a Rumânia das garras do nazism,. Já não se tratava de um Rei deposto, sem qualquer intenção de luta, voltado para a calma sombria do exílio forçado. Era um elemento subversivo, reunindo gente para uma campanha de grande envergadura em país estrangeiro. Êle dizia aos seus compatriotas que o povo da Rumânia não estava satisfeito com o govêrno e ansiava por um movimento de libertação. Suas palavras eram claras e decisivas: "Estou insistindo perante meus conterrâneos de todos os lugares, para que se unam a mim, a fim de lutarmos para libertar nossa terra, e isto pode ser conseguido. Conheço Hitler. Não é nenhum gênio; mas um alemão vulgar e mentiroso." Carol, desde que deixara sua pátria, só tinha uma idéia: a de lutar contra Hitler e vencê-lo, pois a "democracia precisa triunfar", concluía as suas proclamações e entrevistas.

Através de seu trabalho junto a compatriotas, êle agia por intermédio de americanos de grande influência perante o Departamento de Estado ianque, pessoalmente e por meio de cartas. Logo depois que chegou ao México, proclamou a fundação do Govêrno Rumaico no exílio, a exemplo do que já outros soberanos expulsos de suas pátrias pelos alemães, haviam feito no estrangeiro que os acolhia. E costumava repetir: "Hitler me considera o maior obstáculo às suas ambições na Europa". Quanto ao filho, dizia Carol que, apesar de ter o título de Rei, estando no trono da Rumânia, isso era apenas nominal, uma vez que não tinha nenhuma fôrça, nem influência, não passando de um simples prisioneiro coroado. Quando o movimento libertador entrasse em movimento, então êle, Carol. entraria na Rumânia para libertar o Rei e o seu povo.



O Príncipe Carol chega a Malun, em seu aviãozinho de turismo, para as festas do Aero-Clube de França, e a Conferência Aeronáutica Internacional.

Carol, porém, pelo seu temperamento nitidamente latino, embora com todo êsse cortejo de idealismo político, era um cidadão que gostava de se divertir e esquecer, por momentos, as atribulações de sua vida aventurosa. Filho da Rainha Maria, neto de Carmen Sílvia, a soberana escritora e poetisa, Carol, pela hereditariedade e raça, foi bem um príncipe e um rei genuinamente latino. Sua terra, enquadrada entre povos de origem eslava, pertence ao mundo da latinidade. Daí o seu romantismo, seu idealismo delirante, mesmo em momentos da mais aguda agitação interna. Vindo para o Rio, hospedou-se num dos mais luxuosos apartamentos do Copacabana-Palace, cercado de confôrto e acompanhado da espôsa e secretários. Com a família vieram ainda três ou quatro cães de raça, animais de rara beleza, que atraíam as atenções dos habitantes do elegante bairro. Carol jamais demonstrou ter qualquer imponência de rei, mesmo deposto. Sempre se mostrou afável, culto, fino, gentil e amigo. Os empregados do hotel lhe queriam muito. Seu casamento constituiu acontecimento de grande repercussão, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. E' que a pessoa dêsse rei turista ocupou sempre o noticiário dos jornais e a reportagem ilustrada das maiores revistas dos dois mundos: o velho e o novo. Nota de curiosidade: como é proibido a qualquer hóspede manter cães no hotel em que residiu entre nós, quando o ex-soberano da Rumânia trazia três ou quatro, foi construído um canil especial para os cachorros da família em exílio voluntário, o que veio harmonizar sua realeza com a realidade da vida. Ainda era êle príncipe herdeiro do trono de sua pátria, quando, apaixonado pela aviação, dirigiu um avião de Villacoublay a Melun, a fim de tomar parte no "rallye" aéreo do Aero-Clube e Conferência Aeronáutica Internacional. Sua permanência no Rio não se notabilizou por episódios extraordinários e insólitos. Embora fôsse homem de sociedade, gostando das diversões noturnas e das boas bebidas, banquetes e "boites", o rei Carol se manteve em nível médio comum a qualquer mortal, coroado ou não. Não mais voltando a governar sua terra em virtude das profundas transformações por que passou o mundo, alterações essas que atingiram em cheio a Rumânia, Carol passou a morar em Portugal, terra a que estava ligado pelo sangue e pela língua, ambas filhas da latinidade. E desapareceu o admirado Rei turista, a 6 de abril de 1953, sendo-lhe permitido pelo Govêrno luso o direito e privilégio de sepultar-se no Panteon em que se acham também, a dormir o sono eterno, os soberanos portuguêses. E, naquela cinzenta tarde de 7 do mesmo mês, terminava sua peregrinação na terra aquêle que foi o famoso e discutido Carol da Rumânia. A nota mais emocionante, porém, foi a da presença daquela dama de luto, com o rosto oculto pelo véu negro da dor, a Princesa Helena, da qual se divorciara há quase quinze anos, e da qual jamais se esquecera.



Carol chega ao Copacabana-Palace, para seu casamento com Magda Lupescu, após o divórcio com a princesa Helena, da Grécia. A senhora do centro é a espôsa do seu secretário, que o acompanhou desde a perda do trono. Carol chegou ao Rio a 20 de novembro de 1944, ficando aqui algum tempo.

O REGRESSO DE JOÃO BARTOK

(Cont. da pág. 11)

O trabalho era rude e mortífero o clima. No primeiro ano, morreram cento e oitenta prisioneiros, e cento e dez no segundo. No quarto, Bartok fêz amizade com um tal Wilczek, um camponês da região de Banat, na Hungria, e no quinto o enterrou. Caíram-lhe todos os dentes. No décimo, ficou com todos os cabelos brancos e no ano seguinte, dezesseis prisioneiros tentaram fugir, mas todos foram capturados.

Agora, entre os prisioneiros, ninguém mais aludia aos parentes. Para êles, o mundo ficara reduzido à ilha; a vida não era mais do que rude trabalho e sono inquieto; a nostalgia dissolvera-se no embrutecimento cotidiano, já não sofriam e não tinham recordações. Para êles só existia, de maneira opressiva, a vida.

Quando o chefe dos guardas lhes disse que estavam livres, não acreditaram. Até o momento do embarque estavam certos de que tudo aquilo não passava de cruel brincadeira dos guardas. Não podiam conceber que um dia voltariam a ser homens livres.

Embrulharam o pouco que tinham e dirigiram-se para o pôrto. No portão do pátio, Bartok virou-se e contemplou os companheiros condenados à prisão perpétua. Momentos antes Bartok perguntara a dois dêles se queriam mandar dizer alguma coisa aos parentes que tinham deixado na terra natal. «Vá para o diabo!» — praguejara um dêles. O outro nada lhe respondera. Repentinamente, porém, o primeiro pôs-se a correr atrás dêle, gritando: «Nós também seremos postos em liberdade um dia, nós também!». Os demais permaneceram hirtos. E ali ficaram, mirando fixamente os que partiam.

Ao dirigir-se para o navio, Bartok tirou o relógio do bôlso e abriu-o. Continha ainda o retrato da espôsa. A fotografia, porém, ficara amarela, e era quase impossível descobrir ali uma fisionomia humana.

Ao desembarcar, Bartok passou ainda dois dias em companhia de alguns camaradas que eram da sua mesma comarca. Souberam, então, que a província natal pertencia, agora, ao país contra o qual tinham combatido. Tinha sido cedida pelo tratado de paz. Não compreenderam bem o que havia sucedido, mas resolveram a questão com um erguer de ombros. Para êles o mundo mudara por completo.

Quando Bartok desembarcou na pequena estação da sua cidadezinha, sentiu uma emoção tão forte que foi obrigado a se encostar numa parede. Depois, dirigiu-se vagarosamente para a sua casa. Estava tudo na mesma, inclusive a tabuleta da loja; mas ninguém lhe pôde dar informações a respeito da espôsa. Há muito tempo que ela vendera o estabelecimento e desaparecera da cidade.

Bartok continuou a pesquisar. Finalmente encontrou uma pista. Um velho conhecido contou-lhe que, provàvelmente, ela estaria morando numa cidade do Oeste; outro era do mesmo parecer; ninguém sabia, porém, nada de positivo. Bartok agradecia a todos com lágrimas nos olhos mas não compreendia por que o fitavam com assombro e embaraço.

Dirigiu-se para a cidade do Oeste e pôs-se a percorrer as ruas, fazendo perguntas a todo mundo. Ninguém, porém, sabia informá-lo, e êle estava desesperado quando lhe ocorreu uma idéia. Dirigiu-se à União dos Operários e perguntou pelo rapaz que fôra seu ajudante. Logo pôde descobrir o seu paradeiro. Mas soube, também, que tinha casado com a viúva do antigo patrão, que morrera na guerra. Estavam casados a sete anos.

Como autômato, Bartok dirigiu-se para o endereço indicado. Subiu as escadas lentamente e por fim tocou a campainha. Um menino louro veio abrir a porta. Atrás dêle surgiu uma mulher ainda moça.

— Sou João — disse Bartok com grande esfôrço.

— João!

A mulher deu um passo para trás e deixou-se cair numa cadeira.

— Meu Deus!

Levou as mãos ao rosto e rompeu a chorar.

— Mas se recebemos um cartão, um ofício que dizia que tinhas morrido! Olha, ainda está aqui, queres ver?

Abriu nervosamente uma gaveta e pôs-se a remexer tudo, como louca.

— Sim, sim... não é preciso... — suspirou Bartok. Passou os olhos melancólicos pela sala e finalmente perguntou:

— Êsse menino é vosso?

A mulher assentiu.

— Vocês têm mais filhos?

— Sim... dois...

— Dois — repetiu Bartok mecânicamente. Sentou-se no sofá e pôs-se a fitar abstraído o velho tapête. A mulher ergueu-se para ir buscar uma xícara de café, mas as pernas tremiam-lhe tanto que tornou a sentar.

— Que será agora de nós? — perguntou ela soluçando.

Bartok ergueu a cabeça. Em cima de uma cômoda, num canto, estava o retrato que tinha tirado na véspera de sua partida para a guerra. Bartok dirigiu-se para êle e ficou a contemplá-lo por longo tempo.

— Fazia então cinco anos, não é?

— Sim, João.

— E agora?

— Sete anos...

Bartok suspirou e dirigiu-se para a porta. A mulher o deteve:

— Que vais fazer?

— Vou embora...

— Oh!... Ao menos, fica para o jantar!... até que Alberto chegue...

Bartok sacudiu a cabeça:

— Não, não; é melhor assim. Vocês mesmos poderão resolver tudo. Não será difícil.

Deteve-se longo tempo na rua, contemplando a melancólica fachada da casa. Finalmente, enterrou o chapéu na cabeça, suspirou e encaminhou-se ràpidamente para a estação.

— FIM —

O ESTÔJO DE ÉBANO

(Cont. da pág. 11)

as mãos tépidas acariciaram as faces do marido orgulhoso e feliz. Depois, beijou-o muito, muito...

Minha patroa não era apenas uma mulher, era uma mulher linda; havia feitiço secreto em seus olhos, em seus lábios, em seu sorriso cheio de graça. Teria trinta anos, igualmente o marido, talvez um pouco mais.

Com imensa ternura, o devotado espôso afogava-a num delírio de beijos ardentes: beijava-lhe a bôca perfumada, os braços, os ombros nus...

Do fundo do corredor escuro eu via a cena e lembrava-me do motorista. Teria êle aprendido com o patrão?

Dona Jalta ia tirar as jóias para guardá-las no cofre — tremi — e, segurando-o, deixou pender a cabeça além do recôsto fôfo do móvel, pensativa, abstraída, como que fatigada... Talvez fôsse o excesso de felicidade. O fausto também cansa, tanto como a miséria. Tudo no mundo é tarefa. Amar é tão cansativo como odiar. Tudo cansa.

(Cont na pág 42)

CORREIO DA REVISTA

Rio de Janeiro (DF), janeiro, 31, de 1953.

Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA

Nesta.

Prezado senhor:

Ao ver publicada em sua conceituada revista, número de hoje, a defesa que o sr. Paulo Costa faz da Emprêsa de Ônibus Pássaro Marron, da qual é encarregado, vi-me forçado a escrever-lhe para dizer que a Emprêsa de Ônibus EVA, que, sem concorrência, serve os Estados do Rio e Minas, nunca estêve tão desorganizada, como agora, depois que passou a pertencer à Pássaro Marron.

Horário e confôrto, é cousa que não se usa mais na EVA.

Constantemente, os carros não chegam ao seu destino, dormindo quebrados na estrada, mesmo na Rio-Petrópolis ou na União-Indústria, que, ninguém ignora, são asfaltadas.

Na Presidente Dutra, todo mundo sabe que os passageiros de ônibus só se servem da Pássaro Marron, quando não há mais lugar no Expresso Brasileiro ou na Viação Cometa que, embora de passagens mais caras, tornam o passageiro agradecido pelo excelente serviço apresentado.

Em 18-12-52, viajando de Cataguazes para aqui, eu e os demais passageiros chegamos completamente pretos, devido à fumaça do cano de descarga, cuja saída ficava justamente na altura do 2º banco da esquerda do carro.

Em 23 dêste, segundo declarações do motorista, o carro de Pôrto Novo veio sòmente com 6 cilindros, ameaçando enguiçar, a todo momento, depois de já ter dormido uma noite antes.

Todos que viajam pela EVA, sabem, de sobra, que os motoristas e trocadores vivem desgostosos com a gerência da EVA, que não tem o menor aprêço pelo confôrto e segurança dos que são obrigados a se servirem de seus carros.

Depois desta pequena exposição, que qualquer viajante obrigatório da «EVA» comprovará, seria interessante conhecer a recção do sr. Paulo Costa.

Antecipando meus agradecimentos pela boa atenção que V. S. dispensar à esta, aproveito o ensejo para me subscrever com alta estima e elevada consideração. — **Paulo Cordeido do Amaral Filho.**

Respostas das páginas 20/21

PUXE PELO CÉREBRO

1 — Paris.
2 — A Júpiter.
3 — 45 mil.
4 — As pirâmides do Egito.
5 — Quatro (indicando os pontos cardeais).
6 — Na Caldéia (da qual era capital).
7 — Eróstrato.
8 — Ainda existem.
9 — Em Nova York (o Pennsylvania-Hotel).
10 — Meia, filha de Atlas.
11 — Mãe dos fundadores de Roma.
12 — A Ressurreição de Cristo.
13 — A do Hirofito (mais de dois mil anos).
14 — Africa (30 mil quilos, contra 4 500 do Brasil).
15 — A de Morro Velho, em Minas. (Quase 2 500 metros de fundura).

QUEM DISSE ISSO?

1 — Camões.
2 — Coelho Neto.
3 — Lavater.
4 — Sterne.
5 — Voltaire.



informa

diàriamente, para

Curitiba

e

P. Alegre

aviões DC-3 misto-luxo

Viaje confortàvelmente com **25%** de desconto

(15% mais 10% na ida e na volta)

AEROVIAS BRASIL

TRANSPORTA O PROGRESSO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARABELLE a última sereia


Arabelle e Flor-Azul estão agora ricos. Mas Arabelle sente grande pesar pelo que sucedeu a Conchita e seus amigos, e resolve viajar para a América.


Nos Estados Unidos se encontrariam com Bimbleton. Dão a Pedro a parte que lhe coubera das jóias, o qual se extasia diante de tanta riqueza.


Sobem à humilde viatura do pescador-milionário, levando a bôlsa cheia de jóias valiosas. O macaquinho estava muito preocupado.



Quando chegam a Acapulco, ela convence Flor-Azul de que deviam permanecer uns dias no Grand Palace. Os "boys" a cercam, embevecidos.


Um dos primeiros cuidados de Arabelle foi o de levar Kouki ao cabeleireiro, pois os pelos do macaquinho estavam crescendo muito.

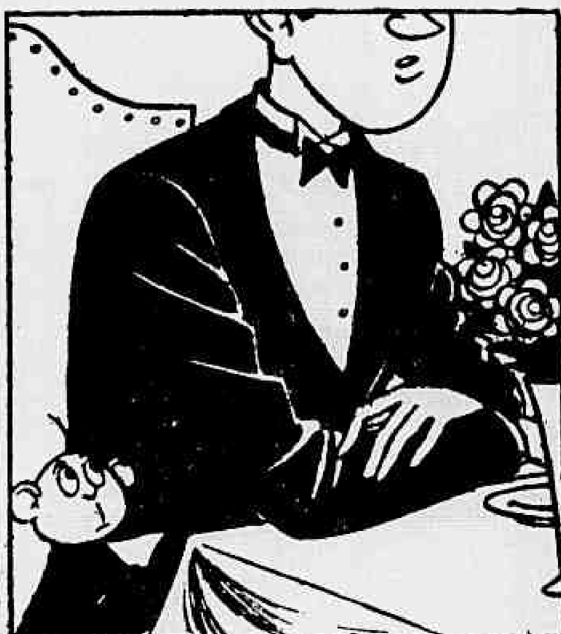

Corre pela cidade a notícia sensacional: uma sereia está no hotel. Ela perdera a cauda por meio de operação e se tornara milionária.


Os "bonitões" trocam idéias. Que tal se se candidatassem ao seu amor? E quem era Flor-Azul? Seria o seu empresário? Valia tentar a conquista.



À noite, no Cassino, um elegante jovem veio convidá-la para uma dança. Arabelle ficou contentíssima com a idéia e obteve o consentimento de seu amigo.


Arabelle dançava com o cavalheiro, enquanto Flor-Azul providenciava passagens, no trem noturno, com leitos, para êle e a Sereia, pròximamente.


Kouki estava metido no bôlso do "smoking" de Flor-Azul e tivera a intuição de que os bandidos do escafandro iriam também no trem.


Kouki tenta sair do seu esconderijo, mas Flor-Azul o empurra para o fundo da algibeira no momento em que o garçon se aproxima com champagne.



Arabelle estava eufórica e desejava cantar. Mas seu companheiro impediu que o fizesse, relembrando a catástrofe que sobreviera ao Circo.


Kouki estava certo de que a viagem naquele trem seria um grande perigo. Como Flor-Azul não o quis ouvir, êle foi *falar* à sua boa Arabelle.


Kouki, por meio de mimicas, lhe disse que uns bandidos estavam organizando um plano para apoderar-se da fortuna. Não deviam viajar.


Mas Arabelle não lhe dá importância e manda que êle fique quietinho. Se quisesse podia ir brincar com as jóias la no seu quarto.



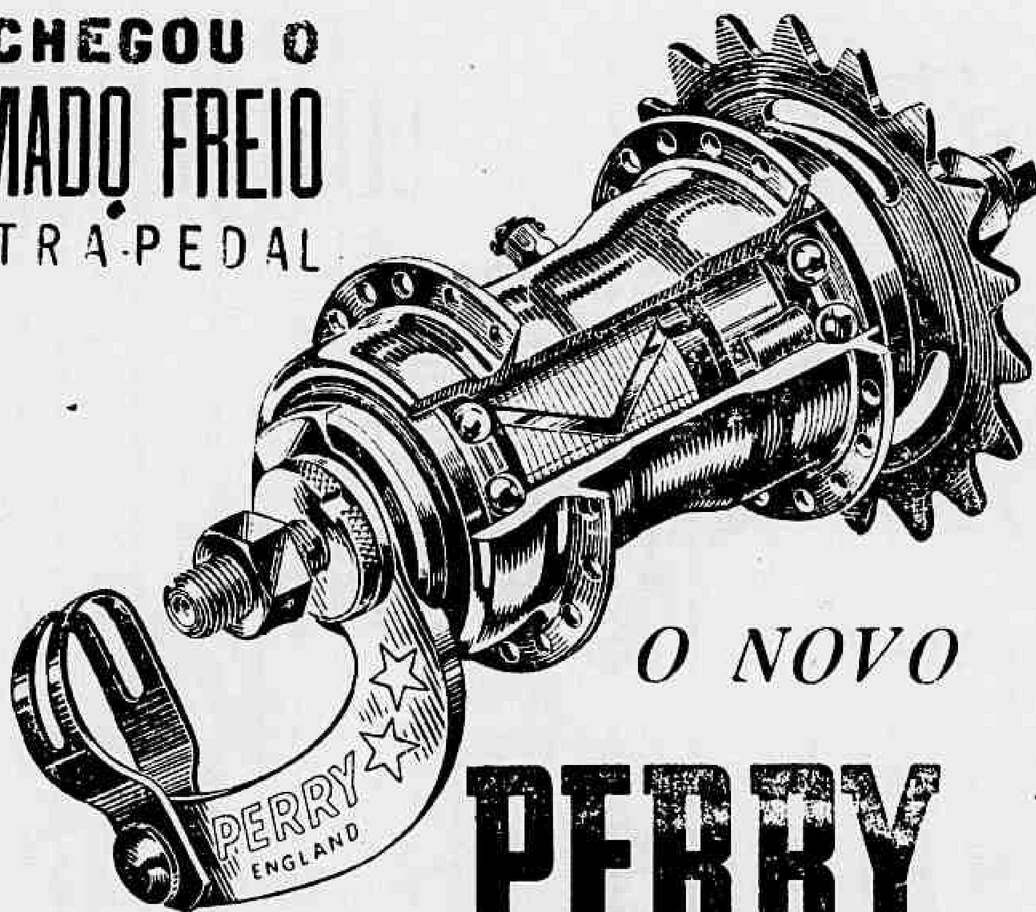
Ofendido, o macaquinho disse para si mesmo: "Ah! Não querem ouvir-me? Pois vão arrepender-se" E deixou o Cassino, profundamente magoado pelo desprêzo.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES

DO COURO CABELUDO

DUAS ESTRÊLAS...

(Cont. da pág. 6)

foram êles apreciar um espetáculo cômico que a todos satisfez: uma demonstração dos «Aqua-Loucos» na piscina do hotel.

Os astros de Hollywood, apesar de conhecerem muito bem essa arte difícil de fazer graça caindo n'água, não puderam conter as mais gostosas gargalhadas de sua vida, com os números sensacionais dos nossos astros aquáticos. No domingo, 12, tiveram êles oportunidade para conhecer as belezas turística da cidade: Pão de Açúcar, Corcovado, etc., que a todos deslumbram. Na segunda-feira, todos os artistas em excursão foram apresentados no palco do «Cine-Metro Passeio», recebendo a mais justa consagração dos espectadores. A noite do mesmo dia, foi-lhes oferecido um baile pelo hotel que os hospedou. Tudo muito bem organizado, êsse número do programa da estada dos astros de Hollywood impressionou muito bem a todos os que ali foram. A alegria era comunicativa. Raul Roulien apresentou Debbie e Carpenter aos presentes e os dois artistas cantaram e dançaram em dupla, como nos filmes, sendo muito aplaudidos. Em meio de todo êsse pervedoiro, Pier Angeli se mantinha quieta, reservada, como se, na verdade, fôsse um anjo que houvesse descido do céu para ver como se vivia na terra. Mas a Debbie saiu «galopando» nas costas de seu amiguinho Carlton Carpenter e distribuiu uns «até logo», muito americanizados.

Como sucedeu no «Metro-Passeio», os três artistas da MGM também foram apresentados ao público nos outros cines Metro, de Copacabana e Tijuca. Pier Angeli é muito jovem, dá a impressão de ser uma colegial, tem olhos verdes muito meigos, pele alva, cabelos côr de mel, muito delicada e um tanto tímida. Seu sucesso mundial em «Amanhã será tarde de mais», deu-lhe direito a um contrato na MGM, tendo deixado Roma, onde estudava pintura. Já em Hollywood, foi aplaudidíssima em «Teresa», quando fêz a ingênua noiva italiana de um soldado americano. Já fêz outros filmes, e aparecerá brevemente com Lana Turner e Carlos Thompson, em «Flame and Flesh». Debbie Reynolds, alegre, despreocupada, quase uma boneca, muito viva e loura, tem lindo sorriso e é muito simpática. Seu último filme foi «Cantando na Chuva». Tem aparecido muito com Carlton, cantando mesmo sem chuva. Carlton Carpenter é um nome consagrado no rádio e TV americanos. Contratado pela MGM fêz rápido sucesso, apresentando-se em dupla com Debbie. Daqui seguiram os três para Montevidéu, de onde prosseguirão sua excursão por outras repúblicas sul-americanas, em direção a Hollywood. Deixaram saudades e levaram muitas daqui. Antes assim.

QUATRO CÃES FIZERAM JUSTIÇA

(Continuação do número anterior)

Que vim eu fazer nesta vida florentina, caiada, restaurada, repolida, tapizada e renovada, ao gôsto americano? Tinham-me chamado para comer e, em vez disso, se cacareja e fala sem parar. Felizmente ouve-se um rumor: a senhora, Mrs. Dayson, aparece. O marido é o primeiro a sair-lhe ao encontro e parece que a canicia com os seus grandes olhos pardos de boi. Mrs. Dayson embelezara-se. Para quem? E' uma mulher no último limite da juventude. Um ano mais, dois anos, e já não poderá dizer que completou os trinta e cinco no mês passado. E' alta, traja de branco, não muito decotada; dois fios de pérolas prendem-lhe os cabelos. Olha-nos do alto de seus olhos azuis, como se fôsse uma rainha. Eu também a olho. E' preciso inclinar-se também ante a rainha. O elegantíssimo Intérprete se precipita para traduzir os cumprimentos necessários.

Os meus se reduzem a um simples «boa-noite». Então, Mr. Dayson, notando talvez a minha tristeza arisca, toma-me do braço e me leva a ver as maravilhas da casa; antes de tudo aquêle salão.

— E' uma taça de mármore do tempo de Fídias — afirma a voz de eunuco do Intérprete, que nos segue como um cão — essas telas são da Índia, êsses vasos são da Grécia, êstes pratos azuis foram comprados da Pérsia, esta estranha salamandra de ferro provém da Sibéria, esta Sagrada Família é da escola veneziana, esta marinha é do célebre Serra, êste busto é do Quatrocentos e êste punhal...

Oh! que belo punhal de Damasco, com a bainha de veludo encarnado, com a lâmina bem afiada e a ponta bem fina!

Por que — vem-me ao pensamento — mr. Dayson não assassina a sua mulher com êste punhal? Uma bela morte estética, numa vila de Fiesole, por uma fria noite de fevereiro! Mas mr. Dayson ainda não está satisfeito; é necessário segui-lo a outras peças. Passamos por escadarias que as alfombras tornaram brandas e silenciosas; atravessamos salas pequenas e grandes, com móveis de imitação, galerias com sólidas colunas de estilo toscano; depois longos corredores com águas-fortes nas paredes e grandes gabinetes com livros por tôda parte, livros bem encadernados, polidos, intactos, livros não lidos. Passamos ao dormitório dos esposos; saímos, uma nova peça, outra saleta uma galeria, um terraço coberto, com cadeiras de junco, sofás enormes, divãs de sultão, bustos de mármore severos e insignificantes. Êste é o santuário de mr. Dayson — o último reduto da sua vida, seu lugar de faustoso recolhimento. Mr. Dayson não é um homem vulgar, não é ùnicamente um dêsses americanos que vêm à Itália para se fazerem de senhores por pouco dinheiro. E' um homem de letras, um apóstolo, um escritor, até posso dizer um poeta, desde que esta palavra tem sido concedida a todos os que fazem versos e também aos que não os fazem. E' necessário saber, em suma, que mr. Dayson, como todos os iluminados, é socialista; mas não um socialista comum e vulgar; é um dêsses socialistas que proferem seus discursos em salas bem aquecidas, que imprimem seus folhetos com capa vermelha e fazem a seus irmãos, não o sacrifício de sua vida — são pacifistas até entre as paredes domésticas — mas o sacrifício, muito mais grave, de algumas centenas de milhares de moedas de cinco francos. Mr. Dayson é, numa palavra, um socialista apresentável, um socialista de luxo. Se tivesse ficado em seu país seria chefe de alguma coisa, talvez chefe de exército, de um partido, de uma igreja, mas preferiu, como Washington, retirar-se do campo de suas emprêsas. Sabe que dêle o mundo espera muito mais e não quer fraudar a humanidade. Por isso, colheu a sua mulher e os seus milhões e veio à Itália curar-se de uma enfermidade do coração e compor um poema em cinqüenta cantos. Enquanto os operários arquejam em tôrno das forjas ou sob a terra, êle se instala numa elegante galeria italiana para compor quartetos anunciando futura Idade de Ouro. A cada qual sua missão. A sua é de cantar a revolução depois de ter engolido uns bons acepipes sob as molduras de um teto do ano 1500.

Agora escrevo estas coisas com uma tranqüilidade relativa, mas quando mr. Dayson me conduzia de sala em sala e de galeria em galeria, com o frívolo Intérprete ao lado, eu sentia um grande mal-estar, como se tivesse enrodilhada uma serpente ao peito.

«Velho doido — dizia eu comigo — tens a coragem de escrever nas revistas vermelhas e querer a salvar o povo! E aqui estás, de chambre numa casa que custa meio milhão, com sete criaturas humanas sob o teu mando e dez cadernos de cheques na gaveta! E não contente com isto, vens aqui, à minha casa, ao doce vale da Toscana, entre as minhas oliveiras e ciprestes, numa vila da minha gente, em uma bela e sólida casa que tu sujas com a tua mescla de antiguidade e nova-iorquinos! Fora daqui! Depressa!»

«Creio sèriamente que, se o homicídio não fôsse castigado pelo código, teria pegado mr. Dayson pelo pescoço e não teria soltado antes de lhe haver partido a cabeça contra o solo. Talvez lhe viesse uma espécie de pressentimento, porque se apressou a baixar ao salão. Já no salão, quis, à fôrça, que fôssemos para o jardim. As galerias da casa se iluminaram — fomos sob a chuva até um grande terraço que se adiantava para o vale, como o baluarte de uma fortaleza.

— Daqui — dizia com ar de triunfo mr. Dayson — se avista tôda a Toscana — Vallombrosa, Pisa, ali os montes Apuani, mais além Mugello e Valdorno e um pouco de Casentino — tôda a Toscana!

Não se via nada — só maciços perfis, negros através da névoa e da escuridão, mas eu via o mesmo; via a minha terra divina com seus rios de prata e suas casas côr de sol e seus montes azuis adornados de ciprestes — tôda a minha terra aos pés daquele intruso filantropo barbudo. Não, não e não — meu coração dizia. Mas em tôrno de mim tudo estava escuro e frio. Nenhuma voz contestava a minha raiva. Onde estavam os senhores dêstes países? Nenhum protestava?

Uma mulher chamou através da névoa. Regressamos à casa. Coragem!

(Cont. na pág. 42)

SANTO ANDRÉ FEZ 400 ANOS

(Cont. da pág. 34)

Pela manhã, a despeito do mau tempo reinante, o programa organizado pela comissão dos festejos foi iniciado por uma missa campal, oficiada pelo Bispo Auxiliar de São Paulo, D. Paulo Rolim. Seguiu-se o juramento à bandeira, pelos componentes do Tiro de Guerra 248, o desfile de escolares dos três municípios e, finalmente, a inauguração do monumento a João Ramalho, oferecido pela colônia portuguêsa, e do relógio monumental, oferta da colônia nipônica.

A tarde dêsse mesmo dia, após o banquete oferecido às autoridades e convidados, pela Municipalidade, realizou-se uma sessão solene na Câmara Municipal e um encontro futebolístico entre o Corintians de Santo André e a Portuguêsa de Desportos, de S. Paulo. Para êsse encontro as portas do campo foram franqueadas ao público. De noite houve um concêrto pela banda da Fôrça Pública do Estado.

As festividades estender-se-ão até o próximo mês, quando será inaugurada a 10 de maio, com a assistência do sr. Presidente da República, a exposição industrial.

A Comissão Organizadora das festividades, que inclui representantes de tôdas as atividades do município, é constituída pelos srs.: Vitor Maierá Jr., presidente; dr. Arnaldo M. Florence, vice-presidente; Gino Gambini, 1º secretário; Aldo Aron, 2º secretário; dr. Hugo de Macedo, 1º tesoureiro; Suyemaro Okamura, 2º tesoureiro; e pelos srs. Oliver Tognato, Alcides Bocardi e Rodolfo Wiegand e Higino de Lima (por S. Bernardo do Campo) e Verino Ferrari (por São Caetano).

A Comissão da colônia portuguêsa era presidida pelo dr. Hugo de Macedo, da Cia. Rhodia, que proferiu eloqüente discurso durante a inauguração do monumento a João Ramalho; e a dos nipo-brasileiros pelo sr. Kuwata Isshiki, da Máquinas Santo André, Ltda.

O FUTURO DA REGIÃO

Os três municípios serão beneficiados com inúmeros melhoramentos, a maioria dos quais já se acha planejada. O prefeito de Santo André, sr. Fioravante Zampol, que inclusive buscou a colaboração do engenheiro Prestes Maia para as obras que pretende executar, definiu seu plano de ação no seguinte: construção de um viaduto sôbre o leito da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí; construção do Paço Municipal; prolongamento da Avenida D. Pedro II; retificação do Rio Tamanduateí, de São Caetano até Mauá; pavimentação das estradas de Ribeirão Pires e São Bernardo do Campo; construção pe abrigos para passageiros de ônibus; construção de novos edifícios escolares; moralização dos loteamentos: assistência social e médica, etc.

Anacleto Campanela, o jovem e recém-eleito prefeito de São Caetano, mostra-se disposto a solucionar, dentre os problemas que afligem seu município, os que dizem respeito à água e esgotos; a construção do viaduto sôbre a via férrea que corta a cidade; a edificação de grupos escolares, dos quais em 1953 já iniciou 3; a construção de jardins e praças públicas, que não existem na cidade; a solução do problema da assistência médico-dentária, e a construção de instalações hospitalares.

Finalmente, o sr. Lauro Gomes, prefeito de São Bernardo do Campo, adiantou que procurará cumprir a plataforma que o elegeu. «Tudo farei», disse êle, «para satisfazer as mínimas e imprescindíveis aspirações dos meus munícipes. Vamos trabalhar com vontade, e a prova disso está no interêsse em que apoiamos integralmente as festividades dêste quarto centenário, que constituem, sem dúvida, o passo inicial para uma nova era de progresso para os três municípios irmãos.»

São Bernardo, São Caetano e Santo André contribuem pesadamente para os cofres do Estado e da União. Constituem notável trindade cívica, liderando o progresso do nosso parque industrial.

Agora êsses três municípios rendem seu preito de homenagem a João Ramalho, o «Patriarca dos Bandeirantes», que ficou imortalizado, em praça pública, num monumento de bronze e granito. Na sua frente permanecerá o fogo simbólico, transportado, no dia 8, de São Vicente a Santo André, por 40 atletas veteranos de São Paulo.

A Exposição Industrial será uma surprêsa, segundo se diz. Muitas novidades poderão ser ali apreciadas, inclusive as novas unidades para geladeiras fabricadas integralmente no país, máquinas de lavar roupa, máquinas de lavar pratos e muitos outros produtos, todos êles provenientes do moderníssimo parque industrial da antiga Santo André da Borda do Campo. Será essa uma demonstração da nossa emancipação econômica que, sem dúvida, valerá a pena visitar e estudar.

Pelos dados e cifras desta reportagem, poderá ser avaliado o valor econômico dêsses três municípios. Essa foi nossa intenção: mostrar quanto pode fazer o esfôrço inteligente e bem orientado, pelo desenvolvimento de uma localidade que depois de abandonada soube ressurgir das próprias cinzas. Santo André, São Caetano e São Bernardo estão em festa. Festa sem exageros nem gastos supérfluos, mas festa que revela a fé e a operosidade da população dêsses três municípios paulistas.

MORRERAM PELA RESSURREIÇÃO DA LIBERDADE

(Cont. da pág. 52)

nóssa resistência foi sèriamente abalada por grupos de combates compostos de 20 a 30 homens, quase todos de 18 a 25 anos de idade, juntamente com um igual número de mulheres.»

O comandante-chefe da rebelião, Mordechai Anielewicz, tinha 24 anos e suas últimas palavras foram: «Os sonhos de minha vida tornaram-se realidade. A resistência armada judaica ficou estabelecida.»

Trabalhava no escritório do seu estado maior, localizado num abrigo, quando os alemães jogaram mais de 100 granadas de mão dentro do quartel-general. Um monumento a Mordechai foi levantado em Israel, no Kibbutz Yad Mordechai, à entrada do deserto de Neguev. Os heróis de Varsóvia não pertencem à raça judaica. Pertencem à geração que lutou contra Hitler, em defesa da Dignidade Humana. Os seus nomes são: Mical Klepfish, Mira Fuchrer, Aron Liebeskind, Yitzhak Goldstein, Tosia Altman, Eliezer Geller, Shlomo Alterman, Rubin Rosenberg, Rifkah Glanz, Leib Grusalz, Leib Rothlat, Itzhak Gutierman.

A revolta de Varsóvia é o símbolo do martírio do judaísmo mundial, na sua longa e trágica história. E' por isto que ela encerra a tragédia de um povo que perdeu seis milhões de sêres humanos na última guerra, enlutando tôdas as comunidades judaicas, quando é sabido que centenas de milhares de hebreus, vindos da Bélgica, Holanda, Alemanha, Austria, Hungria, Itália, França, Tchecoslováquia, Grécia, Noruega, etc., eram sistemàticamente deportados para a Polônia, a fim de tornar a tarefa do assassínio, em massa, mais fácil para a «raça superior», na verdade, uma raça de facínoras e tarados.

Na marcha rumo a Stalingrado e na sua retirada, os alemães exterminaram outras centenas de milhares de israelitas na Ucrânia, Rússia e Rumânia. Porém, a grande maioria dos seis milhões de vítimas foi trucidada na Polônia. Suas cinzas foram espalhadas pelos campos e florestas. E' o vasto cemitério judaico, desprovido de sepulturas individuais.

Dez anos depois da epopéia, os israelitas resolveram plantar seis milhões de pés de eucaliptos nas terras de Israel. Cada hebreu trucidado terá a sua árvore. Milhões não terão os seus nomes gravados. Para os que tombaram, anônimamente, basta o epitáfio: «Morreram pela ressurreição da Liberdade».

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

PASSATEMPO

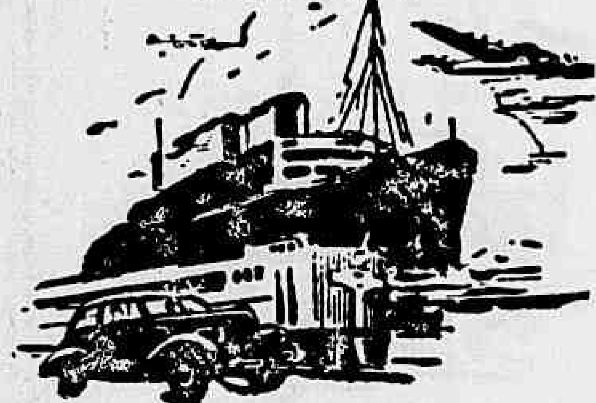
LIDERGRAMA N.º 52

A	Preferência dada a pessoa ou coisa; seleção →	104	118	1	25	139	11	58
B	Anjo mau, expulso do céu →	50	61	145	7	107	■	■
C	Estabelecimento de ensino →	113	126	24	133	10	53	■
D	Que quantidade; que preço →	4	36	143	64	91	102	■
E	Torna úmido →	43	3	116	146	130	98	125
F	Elevar; levantar →	128	8	137	89	75	39	■
G	Governa como autoridade suprema →	69	34	17	6	83	117	■
H	Ala; fileira →	19	55	124	42	99	141	■
I	Discurso; sermão →	33	67	85	21	106	120	■
J	Nada →	78	48	108	28	■	■	■
K	Um e outro →	66	112	47	95	16	■	■
L	Faixa; cinto que aperta a cintura →	110	63	15	94	41	■	■
M	Pedem com insistência; insistem →	51	93	29	71	111	142	■
N	Posteriormente →	101	90	26	59	109	37	■
O	Recolhe, deposita em arquivo →	20	84	73	131	100	62	46
P	Põem data →	119	40	105	72	144	■	■
Q	Era; período; estação →	44	132	147	32	79	■	■
R	Passou o fio pelo buraco duma agulha →	82	49	76	27	122	103	■
S	Mulheres de estatura muito inferior à normal →	138	114	22	54	■	■	■
T	Situado →	70	18	115	12	■	■	■
U	Admitida por hipótese; fictícia →	80	5	35	65	129	135	92
V	Pronome pessoal (masculino plural) →	38	45	13	81	■	■	■
W	Vermelhidão; pejo; modéstia →	57	74	140	2	134	■	■
X	Fiascos →	56	30	127	96	86	■	■
Y	Postura; posição →	31	52	14	121	136	60	87
Z	Comitiva; cortejo; acompanhamento →	97	77	88	123	9	68	23

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquarda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	W 2	E 3	■	D 4	U 5	G 6	■	B 7	F 8	Z 9	C 10	A 11	T 12
■	V 13	■	Y 14	L 15	K 16	G 17	T 18	H 19	O 20	I 21	S 22	Z 23	■
C 24	A 25	N 26	R 27	J 28	M 29	X 30	■	Y 31	■	Q 32	I 33	G 34	U 35
D 36	N 37	V 38	F 39	P 40	(	L 41	H 42	E 43	Q 44	V 45	O 46	■	K 47
J 48	R 49	B 50	M 51	Y 52	C 53	■	S 54	H 55	X 56	W 57	A 58	)	N 59
Y 60	B 61	O 62	L 63	D 64	U 65	■	K 66	I 67	Z 68	G 69	T 70	M 71	P 72
■	O 73	W 74	F 75	■	R 76	Z 77	J 78	■	Q 79	U 80	■	V 81	R 82
G 83	O 84	I 85	X 86	,	Y 87	■	Z 88	F 89	N 90	■	D 91	U 92	M 93
L 94	K 95	■	X 96	Z 97	■	E 98	H 99	O 100	N 101	D 102	R 103	,	A 104
■	P 105	I 106	B 107	■	J 108	N 109	L 110	M 111	K 112	C 113	S 114	T 115	E 116
■	G 117	A 118	■	P 119	I 120	Y 121	R 122	Z 123	,	H 124	E 125	C 126	X 127
F 128	■	U 129	E 130	O 131	■	Q 132	C 133	W 134	U 135	Y 136	F 137	S 138	A 139
■	W 140	H 141	M 142	D 143	P 144	B 145	E 146	Q 147	■	■	Otaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 51 — T. DE ATAÍDE. — AFONSO ARINOS. — "E tôda essa gente, que trança, lida e sofre, vai tecendo a rêde de solidariedade da população brasileira, sem rivalidades de nascimento, nem de língua, nem de religião."



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) – Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) – Resgate por antecipação;

c) – Resgate por falecimento;

d) – Dividendos ou bonificações anuais;

e) – Seguros contra acidentes pessoais;

f) – Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) – Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) – Reembôlso integral.

MENSALIDADE – 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

QUATRO CÃES...

(Cont. da página 40)

POR fim se anuncia que o jantar está servido. Mr. Dayson me dá o braço, o Antiquário põe-se à disposição da senhora, o Intérprete nos segue e o Apóstolo vem atrás, mais amarelo e neurastênico do que nunca. Acho-me sentado a uma grande mesa posta, ante mim estão cinco copos, dois pratos, dois garfos de um lado e duas facas de outro. Lembre-me de quando, no campo, sòzinho, almoço duas fatias de presunto sôbre uma fôlha amarela, com um pedaço de pão caseiro, os dedos por talheres e o céu e os pássaros sôbre minha cabeça.

A meu lado, está sentada uma mulher que até então eu não tinha visto. é uma dama de companhia da falsa rainha, a secretária do senhor, talvez a professôra do menino. E' uma senhorita alemã, que fala sempre em inglês e, às vêzes, em italiano. Como está bastante decotada e tem dois lindos olhos meridionais, sucede que é a mulher mais atraente de tôda a casa, levando-se em conta que a rainha já está muito madura e que as camareiras são feias.

Enquanto eu tragava, com alguma incerteza, uma farinha gomosa que cobria apenas o fundo de uma grande taça de flores pseudo-rústicas, mr. Dayson continuou a conversação. Os nomes de Fichte e de Mazzini ressoaram uma vez entre as estridências da voz transatlântica. A gravata branca ondeava e estufava sob o queixo do eloqüente anfitrião. A senhora calava e pasmava-se, o Intérprete ria, assentia e traduzia, o Antiquário comia, com a lustrosa cabeça curvada, o Apóstolo murmurava, ao ouvido da alemã, os nomes mais difíceis de poetas nunca traduzidos. A raiva me fazia permanecer mais silencioso do que nunca. Respondia sim ou não e, contra o meu costume, comia muito pouco. Mas os cinco copos grandes e pequenos colocados diante de mim, não me intimidavam, bebia nêles vinho generoso e vinho tinto, vinho alemão e champanha francesa, com o firme propósito de aquecer-me e provocar um escândalo. A conversação continuava. Mr. Dayson saltava como uma lebre dentro da história americana. O pobre Emerson foi sacrificado em poucos momentos, o grande Walt Whitman apareceu um instante e recebeu um puxão de orelhas, Lincoln e Thoreau saíram da sombra e surgiram em seu verdadeiro aspecto de precursores de mr. Dayson. E êste, vendo que eu bebia, fazia o mesmo. Passavam ràpidamente pedaços de assados, montes de cenouras, batatas por amadurecer, pastéis sepultados em môlho branco e compacto, aipo fervido, passarinhos desfigurados e azeitonas em salmoura. Mas a mr. Dayson nada lhe importava. Bebia e falava e a revolução social espumejava em suas palavras como em taça de champanha. Eu compreendia, pela metade, e suava. Uma frase engenhosa do Antiquário desviou por um momento a conversação e até a rainha se dignou a intervir em um princípio de discussão entre o Intérprete e o Apóstolo. Mas mr. Dayson retomou a palavra e não a abandonou mais.

Vogava-se na mais alta metafísica; no entanto a chegada de um grande pastel de chocolate interrompeu um absurdo paralelo entre Platão e Aristóteles. De repente, mr. Dayson deixou a filosofia. Estávamos no final da comida e das garrafas — o momento orgíaco do vil otimismo filisteu.

— Há três coisas — anunciou mr. Dayson numa voz alta e jubilosa, em meio do silêncio geral — que me fazem esperar muito do mundo. A primeira é esta: que não existe no mundo uma criatura tão perfeita como mr. Dayson; a segunda é que os direitos das massas proletárias são reconhecidos por aquêles mesmos que deveriam negá-los; e a terceira é que não vejo em parte alguma ninguém que se pareça comigo.

Dito isto, bebeu outra taça de champanha. A rainha sacudiu com um ar de comiseração a cabeleira amarela cheia de pérolas, mas via-se que estava no auge da felicidade; o Intérprete riu com seu rosto impetuoso, riso mecânico, made in Germany. Os demais contemplavam fixamente o grande vaso cheio de flores que se achava no centro da mesa e não tinham coragem de rir. Eu estava a ponto de rebentar.

Pus-me de pé, ante a surprêsa geral, sentia o rosto arder-me. Olhei Mr. Dayson no fundo dos olhos; êle abriu a bôca, talvez para perguntar que coisa teria eu, mas naquele momento ouviu-se ladrar um cão. Mr. Dayson aproveitou a circunstância e exclamou:

— Meus pobres cachorros! Esta tarde não os fiz vir à sala. Quer vê-los?

Ao dizer isto, levantou-se e correu à porta. Eu caí de novo na cadeira, contrariado e despeitado pelo estúpido contratempo. As senhoras começaram a assustar-se. A prussiana me assegurou, em voz baixa, que os cães eram selvagens e ferozes, a tal ponto que, quando faziam festas ao seu dono, chegavam a rasgar-lhe a roupa. Ouvi um grande ruído de cadeiras na peça contígua e um galopar confuso. Quatro canzarrões entraram logo correndo, agitando os rabos, açoitando com êles as cadeiras e as mesas, ladrando estrepitosamente, saltando como feras em liberdade.

Eram quatro lindos cães de Maremma, altos, fortes e jovens. Eram a fêmea, o macho e dois vigorosos cachorros, altos e musculosos como os pais. Mr. Dayson, de pé, entre êles, parecia querer acalmá-los com um gesto de mão e enfunava o peito orgulhosamente, como um domador principiante entre os leões. Os cães corriam por tôda a sala, resfolegavam, punham as patas em cima dos móveis e arreganhavam o focinho mostrando os dentes.

Lembrei-me, então, de uma coisa e tive logo a certeza da vingança. Na montanha, eu tinha aprendido com os pastôres o assobio que excita os cães e os lança contra os ladrões e os lôbos. E, no meio do estupor geral, assobiei — assobiei com tôda a fôrça dos meus pulmões e tôda a fôrça do meu ódio. Os intrépidos animais compreenderam, recordaram, e obedeceram ao antigo instinto — apesar de já estarem acostumados à escravidão. Sem nada mais ouvir, lançaram-se contra todos, morderam as pernas do amo, rasgaram o vestido branco da senhora, derrubaram a alemã e a sua cadeira, saltaram aos olhos do Intérprete, puxaram a toalha com tôda a coberta da mesa, com tôdas as flores, todos os cristais, todos os pratos pintados; ladraram e saltaram por tôda parte, rompendo, derribando, esparramando e revolvendo tudo. A esplêndida sala de jantar, com a branca toalha, e a magnífica luz, e os ramos perfumosos e as cadeiras esculpidas, transformou-se logo num inferno, onde quatro demônios peludos se dedicassem a torturar a sete condenados. E eu tornei a assobiar e os ladridos furiosos me responderam, vencendo os gritos e as lamentações das vítimas. A vingança que os homens não teriam ousado imaginar, realizavam-na as generosas bêstas de Maremma com todo o ímpeto de sua raça robusta. Não posso ocultar que me senti inteiramente liberto e satisfeito. Tinha saído com as calças rasgadas, um mordisco em uma das mãos e o paletó enchacado de vinho, mas não fiz caso algum; os meus olhos deviam brilhar como os de Mefistófeles alegre. Já não tinha nada que fazer ali. Os criados tinham acudido para atar os cães e a voz de mr. Dayson mudara por completo. Aproveitando a confusão, safei-me da sala, corri a tomar o chapéu e o capote e escapei-me enquanto os cães ainda rilhavam os dentes entre os gritos roucos dos homens. Voltei para casa a pé, debaixo da chuva e quando me despi para meter-me na cama, vi que tinha os sapatos mais embarrados que de costume.

MARATONA DE...

(Cont. da página 19)

fere-se ao casamento das normalistas. Está terminantemente proibido. Só mesmo depois que se formar... e «o remédio é esperar...»

Vão as candidatas aprovadas iniciar a carreira. Com brilhantismo umas. Outras com distinção. Tôdas, porém, cheias de boa vontade. O olhar fixo no longíquo ponto final. Depois de sete anos serão as novas educadoras e mestras que deixarão o lugar para outra geração. E nesse contínuo avançar para o porvir, o velho educandário vai realizando a grande obra de redenção nacional. Dando aos que não sabem ler e escrever as armas da conquista de um futuro maior.

Às pequeninas vencedoras desta pujante maratona de inteligência e cultura, sejam os dias de amanhã o prelúdio de suas aspirações. Saibam vencer sempre na vida pela beleza do saber, transformando milhares de recantos do Brasil, num patrimônio da cultura.

Das seis à meia noite



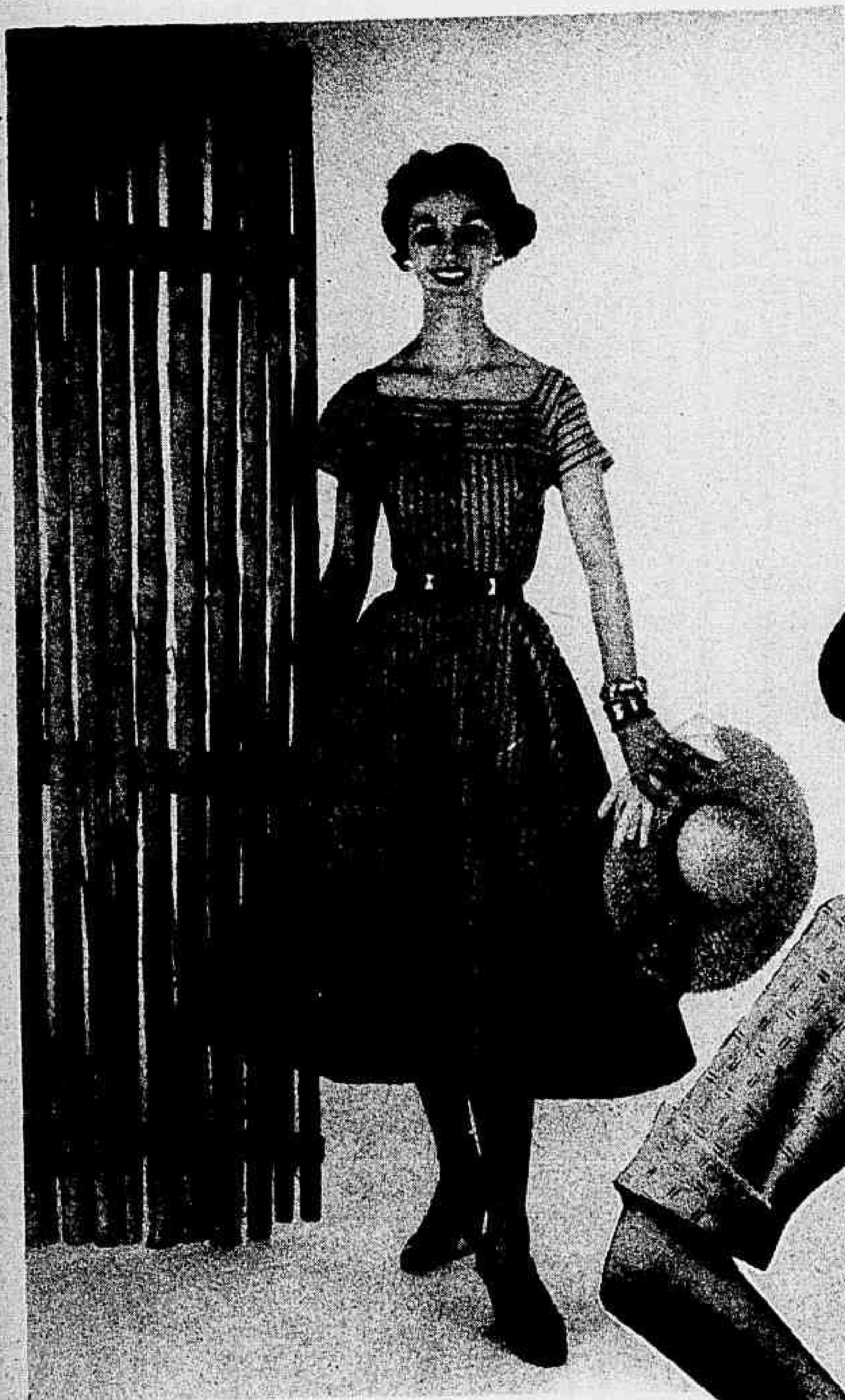


DURANTE muitos anos o vestido que os americanos chamam de «coquetel» foram considerados um luxo, uma extravagância — alguma coisa sòmente destinada às mulheres que podem usar sempre a última novidade. Hoje, porém, mudou inteiramente êsse conceito, pois o vestido de coquetel se coloca na classe das tualetes criadas para «das seis à meia-noite» — o que as torna mais funcionais e portanto mais úteis. Prestam-se para as reuniões à tarde, como um coquetel pròpriamente dito, e a seguir um jantar, teatro ou festa, de não muito rigor.

● De um modo geral, êsse tipo de vestido tem as seguintes características: decote acentuado (ou sem alças), saia ampla, franzida, plissada ou godê, comprimento igual aos dos vestidos de rua e um complemento que pode ser uma jaqueta, uma echarpe ou um bolero. Pode-se ter um vestido de coquetel sem despender muito. Basta que seja escolhido com critério, tendo-se em vista a elegância do modêlo. Com inteligência pode-se ter uma tualete muito vistosa sem ter que apelar para tecidos ultra dispendiosos, ou para confecções caríssimas. A simplicidade deve ser a linha predominante. Nada, por exemplo, é mais apropriado para essas ocasiões do que o modêlo desta página em linho irlandês, bordado com miçangas e pequenas pérolas. E' uma criação perfeita para as reuniões a que você tem que comparecer «das seis à meia-noite». (L.J.)

● Nesta página temos, em linho irlandês, em delicada tonalidade de azul-claro. O vestido, sem alças, completa-se com a jaqueta curta. Bordados no mesmo tom de azul, com vidrilho e pérolas.

Novos modelos



As listras foram combinadas com engenhosidade, neste modêlo de Best & Co. em cinza claro e negro. Enfeite de botõezinhos negros de alto a baixo. Cinto de verniz.



E' muito original a saia dêste modêlo em sêda estampada de branco, azul e negro. Os panos laterais são debruados de negro, assim como o decote em V. Apresentado recentemente em Nova York.

Se você gosta de pregas, achará lindo êste modêlo Colanese, com pala de acôrdo com a nova linha de moda. Escolha uma estamparia miúda, com fundo branco.

Vestido [illegible] alças,
de Renée Marciel, [illegible]
em pique de [illegible] branco.
Sôbre o mesmo [illegible] uma
grande echarpe, em te[illegible] fino
de algodão, [illegible] passe
por detrás do pesc[illegible] e cai
até à bainha do vestido.

WEEK-END NA COZINHA

CONSOMÉ DE VEGETAIS

INGREDIENTES

3 litros d'água
1/2 aipo picado
200 gramas de nabos picados
200 gramas de cenouras picadas
3 alhos porros
1 cebola média
1 repôlho pequeno
200 gramas de repolhinhos roxos (de Bruxelas)
Sal à vontade
1 colher das de sopa de manteiga.

MANEIRA DE FAZER

1. Ponha água numa panela e coloque o aipo, os nabos, as cenouras, os alhos, a cebola e o sal. Deixe cozinhado em fogo fraco, perto de 2 horas.
2. Acrescente o repôlho e os repolhinhos, já escaldados. Quando todos os legumes estiverem bem cozidos, junte 1 colher de manteiga.
3. Passe tudo no passador. Esquente outra vez, antes de ir para a mesa, de modo a ser servido «muito quente».

Sirva com quadrinhos de pão torrado.

CONSELHOS ÚTEIS

● *A melhor maneira de limpar os dentes dos garfos, é mergulhá-los no limpador de metais, liquido, e deixar algum tempo. Depois passe uma escovinha um pouco dura.*

● *O cheiro de cebola, que às vêzes fica impregnado nas lâminas das facas, desaparecerá logo em seguida se você passar sôbre as mesmas uma chama, ligeiramente, quando ainda estiverem molhadas.*

● *As panelas de aluminio não devem ser lavadas com sabão que contenha soda. Em vez de sabão, é muito melhor esfregá-las com pedra pomes em pó e uma esponja de metal.*

● *Eis um bom sistema para acondicionar alimentos por algum tempo em sua geladeira; envolva-os em papel celofane e prenda com fita gomada. Ficarão bem protegidos e mais fáceis de arrumar.*



PUDIM DE AMEIXAS

INGREDIENTES

3/4 de xícara d'água fervendo
2 xícaras de ameixas pretas, picadas
1 colher das de sopa de manteiga ou margarina
1 ôvo
1 xícara de açúcar
1 1/2 xícaras de farinha de trigo peneirada
1 pitada de sal
2 colheres das de chá de fermento em pó
1 colher das de chá de essência de baunilha.

MANEIRA DE FAZER

1. Ponha a água fervendo sôbre as ameixas, já cozidas, e 1 colher de manteiga (de sopa).
2. Bata os ovos; junte gradualmente o açúcar, sempre batendo. Acrescente as ameixas.
3. Peneire juntos a farinha, o sal e o fermento em pó; junte à massa. Ponha a essência de baunilha.
4. Asse numa fôrma quadrada, muito bem untada, de fôlha ou de pyrex, em forno moderado, cêrca de 45 minutos.

●

Sirva quente ou frio, com muita calda de ameixa preta. Pode mesmo pôr a calda por cima do bôlo, antes de tirar da fôrma e deixar que esta embeba. (APLA)

SAIBA DESCANSAR

ADMITINDO que estamos envolvidas na engrenagem de uma sociedade em contínua atividade, como podemos descansar, e ainda ter tempo de trabalhar, ter vida social e esportiva? Por meio de um descanso voluntário de nossos músculos, nossa mente e nosso espírito. Um "sesta" de corpo e de alma. Uma "sesta" de olhos abertos se não tivermos tempo de dormir. O que fazer com os músculos para descansar? Nós tôdas já fizemos experiência curiosa de um músculo que, repentinamente, se distorce como se fôsse involuntàriamente obrigado a pular. Isto acontece geralmente depois de um dia estafante e poucos segundos antes de adormecer. Realmente, o tecido dos músculos nunca se encontra em repouso absoluto, mas contrai-se de forma particular quando está sob tensão. Quando os músculos se contraem, a pressão exercida sôbre o sistema de circulação é muito maior — portanto a pressão sobe — e você se sente cada vez mais agitada. Por isso o descanso dos músculos é o primeiro passo a ser dado. Existem duas modalidades muito fáceis de se conseguí-lo: deite-se, esticando as pernas normalmente, de pés retos, mãos abertas distendidas ao longo do corpo, pensando num músculo de cada vez, aprendendo, assim, "conscientemente", a relaxá-lo. Começando pelo dedo do pé, vá seguindo pelo corpo até o pescoço. Depois de trabalhar nisto uma semana será capaz de descasar cada músculo, concentrando-se em seu pêso, sua inércia, seu abandono.

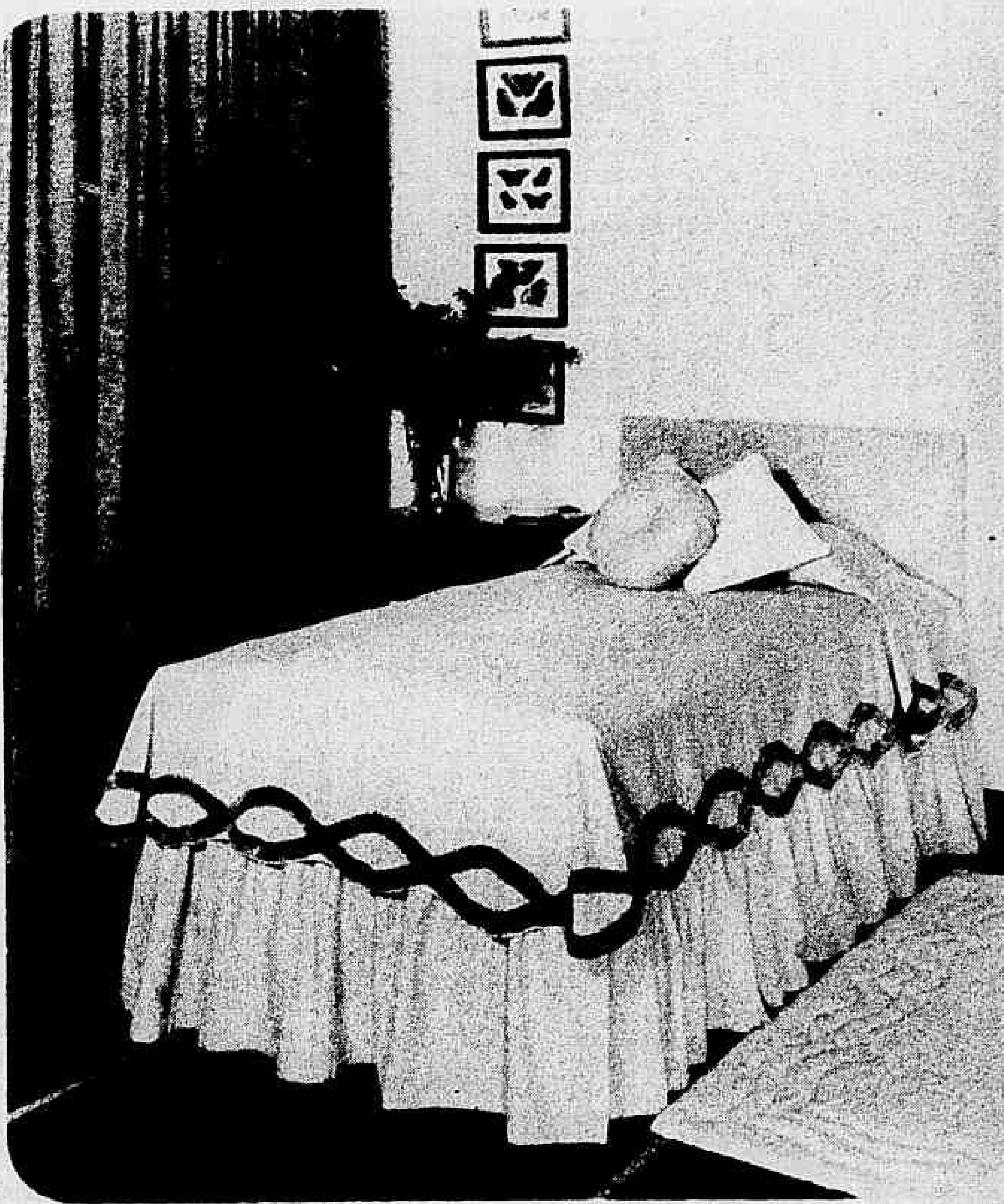
● Se isto lhe parecer complicado, experimente imitar o espreguiçar do gato. O método é ótimo. Você terá visto muitas vêzes, um gato espreguiçar-se tanto até parecer ter aumentado de uns 10 centímetros em comprimento. As patas dianteiras se distendem lentamente, mas com fôrça, até estarem todos os músculos em movimento, depois, repentinamente, entram em repouso absoluto. O processo é repetido pelas patas tràseiras. Está pronta? Então vamos, de quatro patas no chão, copiar o método e, pernas estiradas, o mais que puder. Respire profundamente vinte vêzes nesta posição. Aposto como levantará do chão com a elasticidade de um felino.

Naturalmente não terá muita probabilidade de conseguir um bom relaxamento de músculos se estiver preocupada com a conta a ser paga ao dentista, ou se ficar matutando o que cozinhar para o jantar, todo o tempo que estiver descansando. Sua mente também deve descansar. Não pense absolutamente em nada, por alguns minutos. Imagine estar olhando para um céu completamente vazio e inspire fundo, procurando sentir o ar fresco. Não esqueça seu espírito. O método mais simples de se conseguir isto é a meditação que a muitos parece um jôgo de paciência enervante. Não é isto! Meditação significa pensar calmamente a respeito do mesmo assunto, diversas vêzes em seguida. Mas pensar em quê? Pensar em coisas boas e belas, as peculiaridades de sua vida pelas quais sente-se grato.

Contudo, se não gostar de meditações de tipo religioso e filosófico pense a título de higiene mental, num vaso, um trecho musical e verá quão rápidos passam os vinte minutos de meditação. Descansada assim, física, mental e espiritualmente, estará preparada para o trabalho de um dia inteiro, uma recepção social, terríveis problemas ou para enfrentar uma série de visitas cacetes. Descanse, e seja encantadora! (APLA)



Yvonne de Carlo, da Universal-International, quando quer descansar procura a companhia de seu cãozinho e diverte-se vendo as gracinhas que êle faz.



Sugestões para o lar

UMA idéia para tornar um pouquinho mais moderno o quarto de seu filho? Pois aí está. Não foi nem preciso trocar a mobília. A cama é a mesma; apenas a cabeceira foi recoberta com um acolchoado tornando-a mais clara ao mesmo tempo que encobrindo a madeira envernizada, já envelhecida. O pé da cama, foi cortado muito baixo, e recebeu um acabamento igual. Notem como é prática a colcha, formada por duas partes separadas: coberta e babados. Êstes são presos por baixo do colchão de maneira permanente, ou quase. A coberta, por cima, cai sôbre os babados cêrca de 15 centímetros. Ambos em tecido de algodão, grosso, bege claro. A borda da coberta, em "chenilla", pode ser de qualquer côr de sua preferência ou que combine com a decoração geral do aposento. Pequenas almofadas, duas quadradas e uma redonda com um botão grande no centro, quebram um pouco a quase austeridade do leito simples.

Da mobília antiga conservou-se a mesinha de cabeceira, com duas gavetas superiores e duas prateleiras, mais em baixo, para livros e revistas. A solução encontrada para a arrumação dos quadros com borboletas naturais é original e de bom gôsto. Afasta-se do lugar comum que é a arrumação em filas horizontais ou em grupo de quatro, dois a dois. O tapête simples, harmoniza-se com a decoração do leito. Êsses tapêtes felpudos têm a vantagem de serem laváveis, o que é muito higiênico principalmente para um quarto. O repcsteiro cobrindo tôda uma parede, oculta uma janela larga e impede que a luz matinal fira os olhos muito cedo, o que, naturalmente há de agradar muito aos preguiçosos . . . (L. J.)

● **Uma maneira fácil de limpar pratas e metais é passar sôbre as peças uma pasta feita com água e bicarbonato. Depois enxague-as com água em que se põe algumas gotas de amônia.**

● **Se suas cortinas são enfiadas em varetas de metal e você vai colocá-las de novo, ponha um dedal na ponta da vara para que não rasgue a cortina ao enfiá-la.**

● **Não jogue fora as toalhas de banho ou de rosto, velhas. Costure duas ou tres juntas e use-as como tapête de banheiro. Pode também cortar quadrados nas partes em melhor estado para tapêtes vistosos para o chuveiro.**

MORRERAM PELA RESSURREIÇÃO DA LIBERDADE!



Ouviram falar em Tosia Altman, que conheceram em Wloclawek. Seria a jovem que cometeu atos de sabotagem? Era.

SERÃO PLANTADAS SEIS MILHÕES DE ÁRVORES NAS FLORESTAS DE ISRAEL, EM HONRA AOS SEIS MILHÕES DE JUDEUS MASSACRADOS POR HITLER ★ 10 ANOS DEPOIS DO SUBLIME LEVANTE DO GUETO DE VARSÓVIA ★ HEBREUS A SERVIÇO DO NAZISMO ★ MATOU QUARENTA MIL ISRAELITAS E VIVE DESPREOCUPADO EM COPACABANA

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA

OS milhões de judeus que escaparam de Hitler, os que não tiveram a desgraçada sorte dos seis milhões de israelitas mortos nos campos de concentração, fuzilados e queimados vivos, encheram as Sinagogas do mundo inteiro, comemorando a passagem do 10º aniversário da Epopéia do Levante do Gueto de Varsóvia, a grande página da história do povo hebreu nestes últimos séculos.

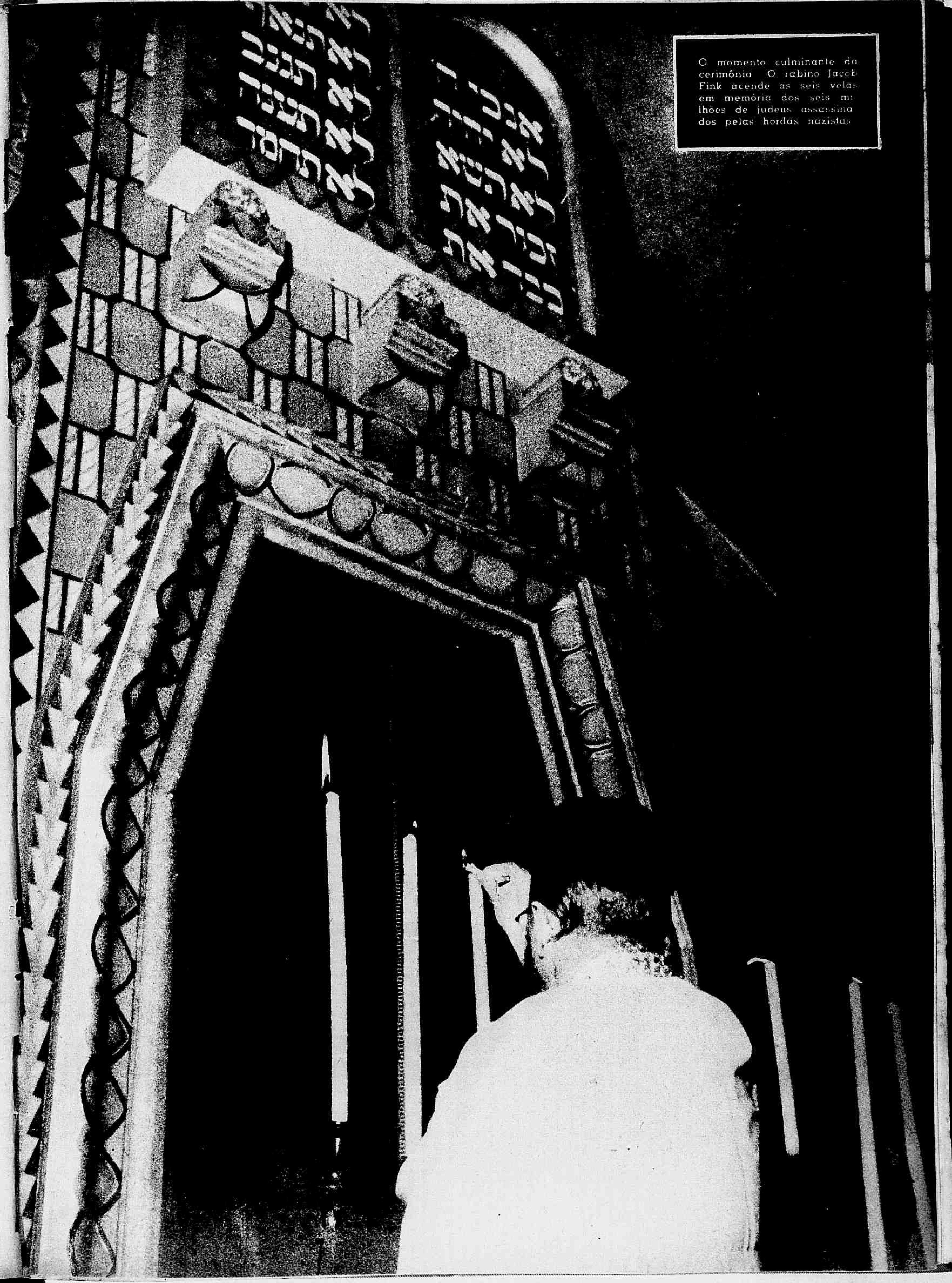
Em 1903, em Kishinev, foram imolados 45 judeus e 86 ficaram gravemente feridos. O poeta Nachman Bialik, no seu imortal «Al-Hashehitalh» bradou: «Justiça por tudo o que sofreram através das gerações; Para que meu Céu e meu Trono fiquem sacudidos em seus alicerces».

Na guerra passada, quando as hostes de Hitler destruíam as comunidades hebraicas na Europa, em particular, na Polônia e na Tchecoslováquia, matando imensas legiões de sêres humanos, pelo crime de serem judeus, houve um Julius Fucik, que antes de perecer no infecto cubículo do campo de concentração de Terezin, escreveu: «Os que morreram ressuscitarão a liberdade».

Durante longos minutos contemplei a legenda mandada gravar, em bronze, pelo povo e colocada no portão do presídio perto da Capital tcheca. Nunca, em minha vida de repórter, senti tanta emoção. A emoção de um homem que crê na Liberdade.

E a minha crença aumentou, quando vi no pátio da prisão onde morreu Fucik, a fôrça de Jockel, o comandante alemão do campo de Terezin e que não conseguiu fugir das mãos do povo.

Ao deflagrar a guerra, em setembro de 1939, havia, em Varsóvia, cêrca de 330 mil judeus, ou sejam 10% da população israelita da Polônia. Meses depois os nazistas encurralaram aquelas 330 mil criaturas num gueto, isolando-as do resto do mundo por muros e fios de arame farpado. Os processos mais bárbaros foram usados. Inicialmente fizeram restrições na distribuição de mantimentos e decretos excluindo-os da assistência médica, processo lento, porém, seguro e sistemático, na destruição de tôdas as espécies humanas.



O momento culminante da cerimônia. O rabino Jacob Fink acende as seis velas em memória dos seis milhões de judeus assassinados pelas hordas nazistas.

MORRERAM PELA...



Expressão de dor e de meditação. Não bastam lágrimas, nem saudades. A democracia precisa estar armado para que a Liberdade não pereça.

Varsóvia não era um caso isolado. Em qualquer comunidade judaica existia um carrasco de Hitler. Em Riga, por exemplo, quem massacrou, impiedosamente, os israelitas, foi Herberts Çukurs, que hoje vive feliz e tranqüilo em Copacabana e, numa audácia que atinge às raias do inacreditável, procurou obter a cidadania brasileira. O Ministro da Justiça, interpretando o sentimento do nosso povo, indeferiu a pretensão do criminoso número 17 da lista do Comité de Investigações dos Crimes Nazistas nos Países Bálticos. Çukurs é acusado de ter eliminado 40.000 israelitas e o seu castigo, até o momento, foi muito simples: viver como cidadão livre no Brasil, ombro a ombro com os homens de bem.

Mais infame foi o famigerado dr. Kleim e o não menos célebre tenente Hosler, que mataram por asfixia e fome, mais de 800 000 judeus no campo de Belsen, legenda de terror que jamais se apagará da face da terra.

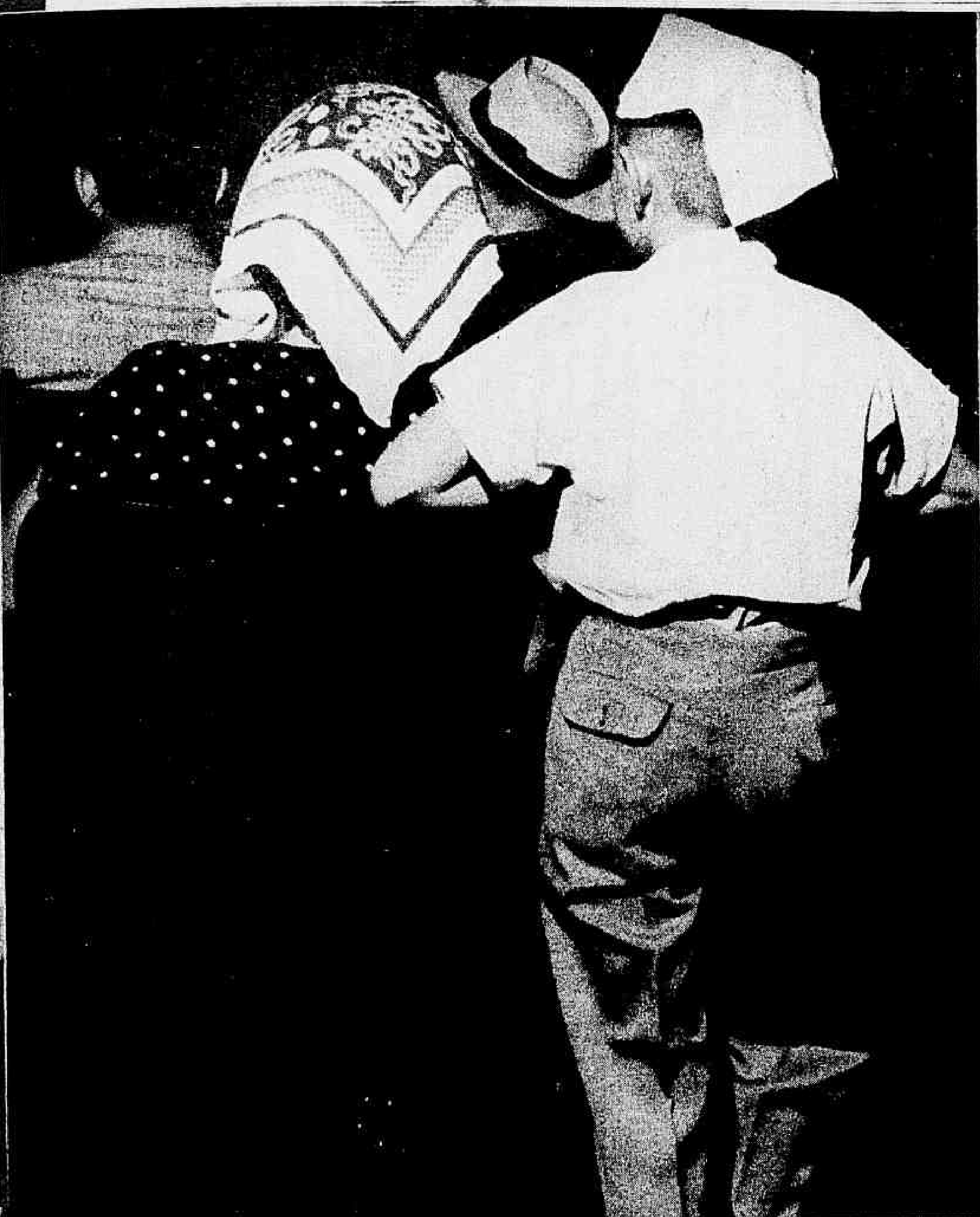
ORANDO PELOS MORTOS

Os 150 mil israelitas que residem no Brasil, — hebreus que renegaram os irmãos Abrahão e Lezbuz Zeifman, carrascos do seu próprio povo e que moram em Teresópolis — afluíram aos seus templos e, ao canto do Kadich, oração pelas almas dos que morreram, mergulharam o pensamento em séculos que se perdem na poeira do passado e meditaram no grande infortúnio de uma raça perseguida há dois mil anos. Judeus, com as suas longas barbas, presos à tradição milenar, abriram o Velho Testamento e oraram baixinho. As famílias dos seis milhões de massacrados por Hitler estão espalhadas por todos os recantos do universo. O próprio dirigente Leonas Zeigarnikas, Presidente da Federação das Sociedades Israelitas do Rio de Janeiro, em sua oração cívica, deixou bem claro êsse detalhe e acrescentou:

— A epopéia do levante do gueto de Varsóvia tem um alto significado para o nosso povo. Homens, mulheres e crianças combateram, certos de que iam morrer. Lutaram pela honra de sua gente martirizada. Aos bravos, a nossa gratidão pelo épico heroísmo e supremo sacrifício.»

O rabino Jacob Fink, um homem de cultura acima do normal, bastante moço, com suas compridas barbas negras, fêz um histórico da sublime página da Humanidade escrita em Varsóvia, sôbre escombros e cadáveres mutilados.

O rabino-chefe Jacob Fink narra detalhes da tragédia e diz: — «Cada judeu que tombou terá uma árvore nas florestas de Israel.»



Os católicos assistem ao seu ritual com a cabeça descoberta, enquanto os muçulmanos entram descalços nas mesquitas. Os judeus cobrem a cabeça.



O garotinho não entende bem a tragédia do seu povo. Mas foi levado pelo pai, a fim de iniciá-lo no cerimonial judaico. Também tem seu gorrinho.

A princípio eram 330 mil hebreus e, de massacre em massacre, ficaram reduzidos a 50 mil. Fìsicamente depauperados por um longo processo de aniqüilamento pela fome, quase desarmados, resolveram enfrentar os alemães numa luta terrìvelmente desigual. Até outubro de 1942 acrdeitavam que as deportações eram organizadas pelos nazistas para fins de trabalho. Não tinham noção alguma do extermínio que se estava processando nas câmaras de gás, muito embora dois entre os campos de extermínio estivessem localizados não muito longe de Varsóvia, isto é, o de Treblinka e de Majdanek. Sabiam, por ouvir dizer, que existiam duas fábricas alemães de tortura e de morte, porém, longe da capital polonesa: em Belzec e Oswiecim.

O MUNDO FICOU CALADO

Hitler mandou um homem de sua confiança para liquidar com o gueto de Varsóvia, o general Juergen Stroop. Na primeira quinzena de abril de 1943. Stroop ordenou que o bairro fôsse liquidado a ferro e a fogo. A sua ordem, entretanto, serviu de sinal para a rebelião. «No meio da noite de 19 de abril de 1943 o motim começou, quando tropas SS, Ukranianos, a Polícia Azul Polonesa e os auxiliares uniformizados lituanos, armados com metralhadoras, artilharia e holofotes, invadiram o gueto a fim de nivelá-lo completamente. Sùbitamente, os combatentes levantaram-se e cada qual tomou o seu lugar de batalha.»

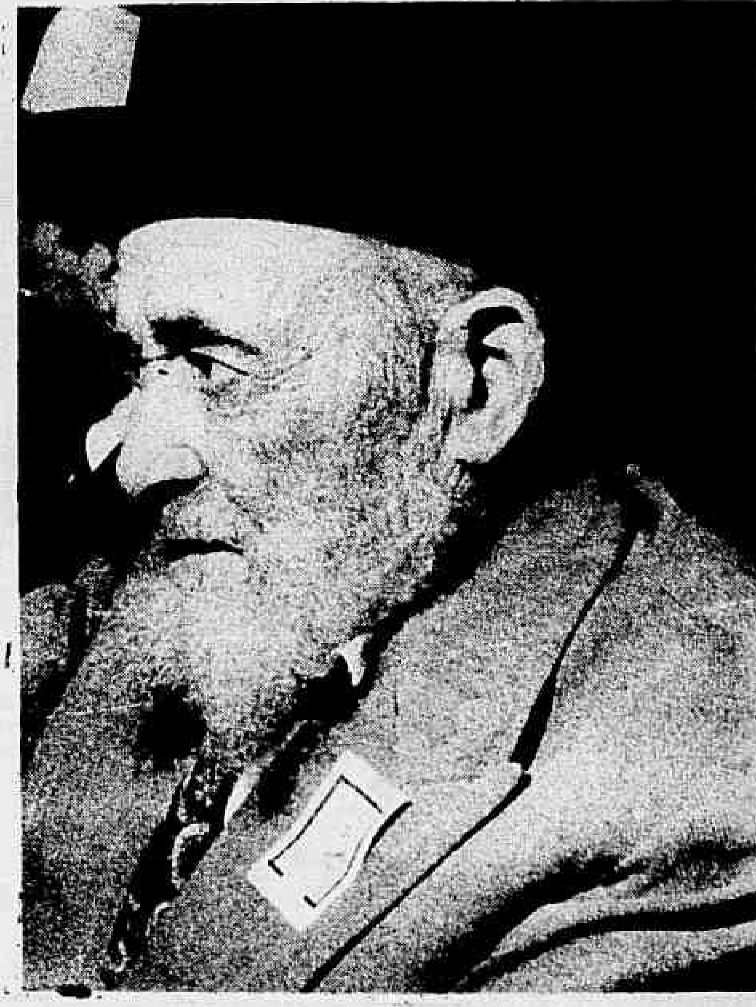
50.000 sêres humanos, famintos e quase desarmados, lutaram até setembro, o que veio



Jacob Palatnik, outro dirigente israelita no Brasil, cuja família muito sofreu na Europa e na Ásia. Disse êle: — «Terei que mandar oito árvores para Israel.»



O israelita, nascido na América, fica perplexo quando escuta: «Éramos eliminados, enquanto o Mundo da Justiça ficou calado.»



Lemer, judeu da velha guarda, ouve em silêncio a palavra do rabino, trazendo à lapela, o apêlo: — «Ajude a plantar uma árvore nas florestas do Estado de Israel.»



«Êles morreram por um mundo melhor. À memória dos homens e mulheres, no seu épico heroísmo e sublime sacrifício do gueto de Varsóvia.»

desmoralizar, por completo, a chamada raça superior. O último período da luta, no meio dos destroços humanos, assim foi descrito por um dos sobreviventes: «O gueto está cercado pela polícia, a qual bloqueia os encanamentos dos esgotos. Os que tentam escapulir do inferno são apanhados e fuzilados. A heróica resistência continua, apenas, com alguns poucos baluartes em pé. As crueldades alemães são pavorosas. Muitos dos nossos são queimados vivos. As defesas dos armazéns estão sendo sobrepujadas após tenaz resistência. O mesmo acontece com os abrigos. Os alemães estão ateando fogo aos quarteirões, um após o outro. Explosões e incêndios em tôda a parte. Enquanto o épico heroísmo se aproxima do seu fim, o Mundo Livre e o Mundo da Justiça ficam calados e apáticos. E' de estarrecer! Pereceremos, mas não conheceremos a rendição.»

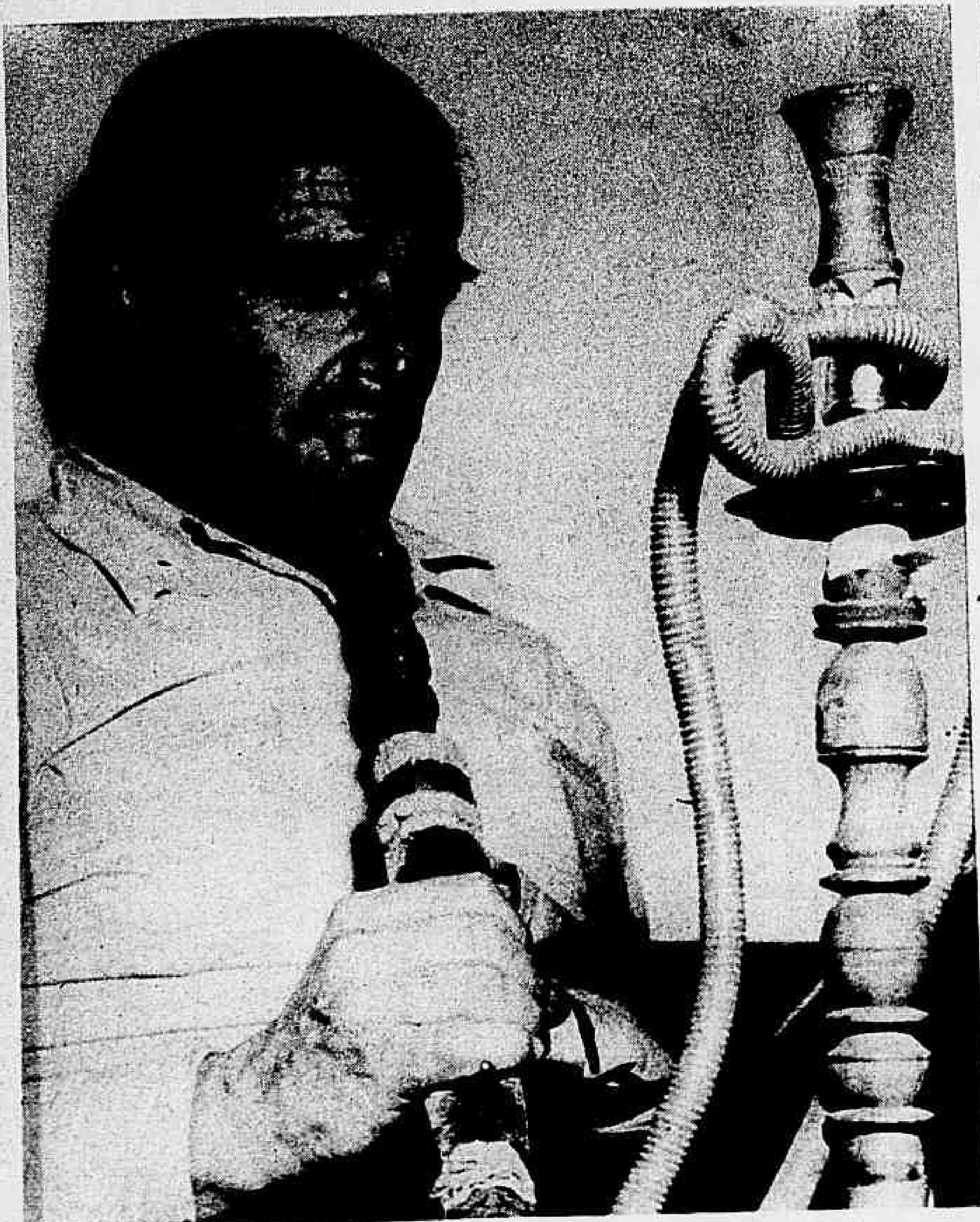
OS HERÓIS

O levante não glorifica sòmente o povo judeu. Imortaliza uma geração sem distinção de credos políticos e cultos religiosos. Foi por isto que os nomes dos seus heróis ficaram gravados na memória de todos os povos amantes da Liberdade, exemplo que será transmitido de geração em geração.

O próprio general Stroop, preposto à destruição de homens, mulheres e crianças, num relatório enviado a Berlim, declarou:

— As bandeiras judaica e polonesa foram hasteadas no tôpo de um edifício de cimento armado em chamas, a título de desafio contra nós. Nenhum judeu, ao fim da revolta, se rendeu voluntàriamente. A

(Cont. na pág. 41)



Herbert Çukurs, acusado de ter morto 40 mil israelitas no gueto de Riga. Castigo: viver tranqüilo no Brasil, ombro a ombro com os homens de bem.



Os nazistas cometeram êste crime monstruoso contra a Humanidade. Mata ram 22 milhões de pessoas, sendo seis milhões de judeus, por asfixia e



ÚLTIMO FLASH



ÊSTE flagrante, aparentemente simples e comum, foi tomado na capital paulista no dia 17 do mês próximo findo, às 18,30 horas, quando industriais e operários chegavam a um entendimento fazendo cessar as greves, que tanto agitaram aquêle Estado com reflexos no Brasil inteiro. O Governador Lucas Nogueira Garcez, que serviu de mediador, está no centro da foto, entre os presentes. E' um documento histórico pois fixa o término de episódios lamentáveis que tiveram por cenário o parque industrial de S. Paulo, de que muito se orgulha o país e onde tantos brasileiros encontram o labor certo e o salário seguro que, infelizmente, faltam em outras paragens do território nacional. Sente-se desafôgo nas fisionomias, embora não se veja um riso na face dos presentes, certamente porque, naquele instante, ainda não se dissipara de todo o amaror dos dias anteriores que o trabalho diuturno e fecundo de certo irá eliminar dos espíritos.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO

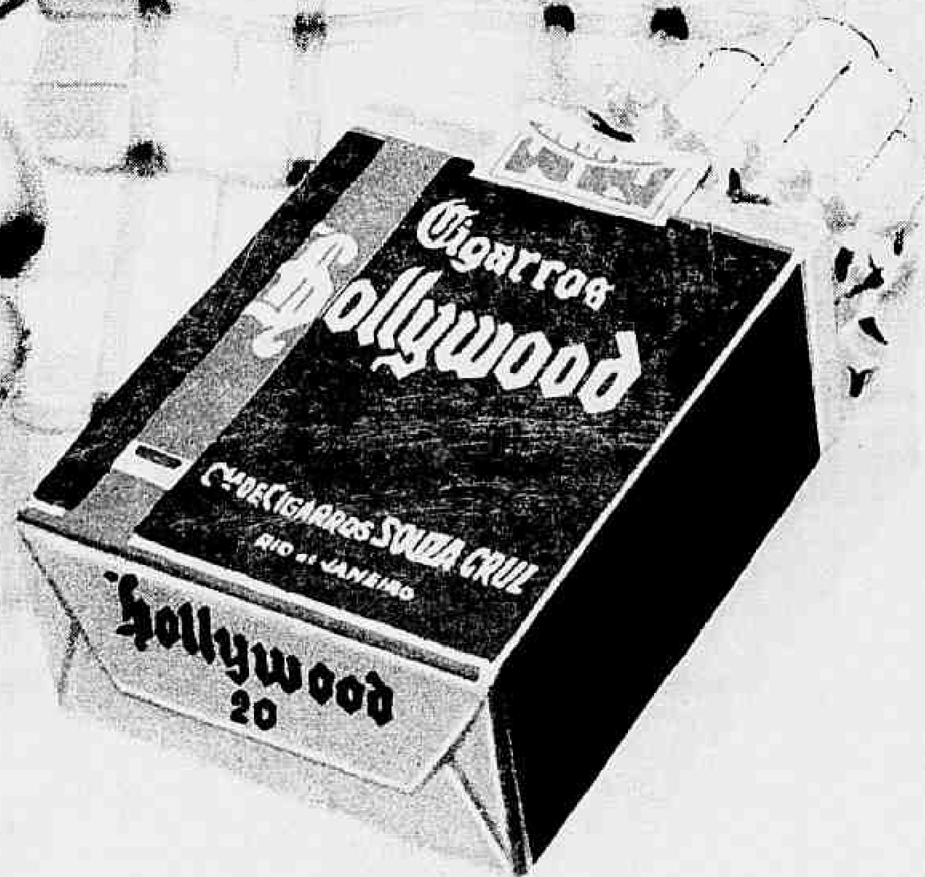


65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

RATIS

Uma tradição de bom gôsto

CIGARROS
hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H - 66.214